

# DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO IMIGRANTE NO CONCELHO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

*Desafios  
e Potencialidades  
para o Desenvolvimento  
Local*



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS



acidi

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.

*in* **LOCO**  
desenvolvimento e cidadania



# DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO IMIGRANTE NO CONCELHO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

*Desafios  
e Potencialidades  
para o Desenvolvimento  
Local*

Biblioteca Nacional de Portugal - Catalogação na Publicação

Diagnóstico da população imigrante no concelho de São Brás de Alportel: desafios e potencialidades para o desenvolvimento local/coord. Nelson Dias... [et al.]

ISBN 978-989-685-034-0

I – DIAS, Nelson

CDU 314

316

Promotor

**ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, I.P.)**

Coordenador Científico da Colecção

**JORGE MACAÍSTA MALHEIROS**

Coordenação do Estudo

**ASSOCIAÇÃO IN LOCO**

Entidade Parceira

**CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL**

Equipa de Investigação do Estudo:

**NELSON DIAS (COORDENAÇÃO GLOBAL)**

**VANESSA DUARTE DE SOUSA (AUTORA)**

**ANA RITA TEIXEIRA; LUÍSA MONTEIRO E PATRÍCIA ÁGUAS**

**(RECOLHA E TRATAMENTO INICIAL DA INFORMAÇÃO)**

Apoio

**PROGRAMA LEADER**

Edição

**ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO  
E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, I.P.)**

R. Álvaro Coutinho, 14 – 1150-025 LISBOA

Telefone: (0351) 218106100 • Fax: (00351) 218106117 •

E-mail: [acidi@acidi.gov.pt](mailto:acidi@acidi.gov.pt)

Design

**JORGE VICENTE  
B FACTORY**

Revisão e Maquetização

**PROS – PROMOÇÕES E SERVIÇOS PUBLICITÁRIOS, LDA.**

ISBN

**978-989-685-034-0**

**LISBOA, DEZEMBRO 2011**

**As opiniões expressas no presente estudo são do(s) autor(es),  
elas não reflectem necessariamente as do ACIDI, I.P.**

(2)

“Conhecer mais a realidade local para agir melhor” foi o lema do desafio lançado à Rede CLAI – Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes – para o desenvolvimento de estudos locais com vista à caracterização dos seus contextos de intervenção ao nível local. Foi com este espírito de olhar os/as imigrantes como um contributo para as dinâmicas de desenvolvimento dos municípios que 22 estudos foram realizados integrando uma nova colecção.

Com estes estudos, financiados pelo Fundo Europeu para a Integração de Nacionais de Países Terceiros – FEINPT, pretendeu-se não só adquirir um maior conhecimento da realidade imigratória nos diferentes concelhos envolvidos, mas também reunir a amostra necessária à realização de um Estudo de abrangência nacional – “Diagnóstico da População Imigrante em Portugal - Desafios e Potencialidades”.

Trata-se de conferir instrumentos de acção credíveis às entidades com responsabilidades ao nível do acolhimento e integração de imigrantes em Portugal, através de dados científicos sobre a realidade onde actuam, tendo em vista a implementação de políticas e medidas ainda mais ajustadas às necessidades, em particular aos CLAI, no sentido de uma intervenção cada vez mais consolidada.

Assim, e no seguimento daquele que tem sido o papel do ACIDI, através do Observatório da Imigração, promovendo e aprofundando o conhecimento da realidade imigratória em Portugal, desejamos que esta nova colecção seja portadora de mais-valias para todas e todos os que, de forma directa ou indirecta, trabalham em prol da população imigrante. Neste sentido, será também disponibilizada uma Base de Dados que integra toda a informação recolhida no âmbito dos estudos e que será de grande utilidade nomeadamente por parte da academia, para outras investigações.

Por fim, uma palavra de agradecimento a quem tornou possível a concepção destes estudos, desde as autarquias às entidades da sociedade civil, seus técnicos e técnicas, gabinete técnico da rede CLAI, centros de investigação e suas equipas, bem como ao Professor Doutor Jorge Macaísta Malheiros do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, pelo esforço desempenhado na coordenação científica geral de todos os estudos.

*Rosário Farmhouse*  
Alta Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural

# NOTA DO COORDENADOR GERAL DOS ESTUDOS

O presente relatório é parte integrante de um conjunto de estudos que constituem a mesma colecção, que têm como objectivo caracterizar a população imigrante de origem não comunitária (cidadãos naturais de países não-membros da EU-27, com excepção dos descendentes da população retornada, que nasceram nas ex-colónias portuguesas de África), em 22 áreas do território português, incluindo-se aqui municípios isolados, conjuntos de municípios e mesmo agrupamentos de freguesias.

Tendo como objectivo específico comum traçar o diagnóstico da situação dos imigrantes instalados nas várias áreas em análise, no que respeita à sócio-demografia, à situação e trajectórias laborais e migratórias, ao quadro residencial, às práticas culturais, às experiências de discriminação e integração e ao desenvolvimento de redes relacionais (com outros cidadãos dos locais de origem e de destino, mas, também, com as diversas instituições do país de origem e da localidade de instalação), estes estudos assumem três propósitos de base:

- Identificar os principais problemas com que se debatem estes imigrantes, quer a nível nacional, quer a nível local;
- Perceber os seus contributos para os processos de desenvolvimento dos vários territórios em análise;
- Obter um conjunto significativo de informação que contribua para o desenvolvimento de políticas informadas de integração, na esteira do que tem vindo a caracterizar a acção dos órgãos governamentais portugueses, com destaque para o ACIDI, ao mesmo tempo que disponibiliza um leque muito vasto de dados (ao nível local e, por agregação, também ao nível nacional), que pode ser explorado de modos muito diversos pela comunidade científica que trabalha no domínio da imigração.

O ponto de partida para o trabalho consistiu na aplicação, nas 22 áreas de estudo, de um questionário com uma base comum alargada, discutida, comentada e validada colectivamente por todos os coordenadores científicos locais, em conjunto com a equipa de coordenação geral. Para além deste tronco comum, que cobre todos os domínios analíticos acima mencionados, as equipas de trabalho locais podiam, se assim o entendessem, acrescentar questões específicas que considerassem particularmente pertinentes para a análise das situações e dos processos em curso na sua área.

A definição da dimensão da amostra e do método amostral, bem como do modo de aplicação dos questionários foram decididos pelas várias equipas (em sintonia com a coordenação geral), procurando respeitar critérios de representatividade estatística e de estratificação dos elementos estatísticos em função das principais nacionalidades. Se as estruturas e os processos de tratamento de informação presentes nos vários relatórios locais, têm elementos comuns em virtude das características idênticas da informação recolhida, as análises efectuadas pelas várias equipas de investigação são específicas, observando-se algumas diferenças metodológicas, bem como formas distintas de abordar as várias componentes do diagnóstico, frequentemente complementadas com informação suplementar proveniente de fontes secundárias (SEF, INE), comentários e recomendações de carácter específico, devidamente ajustados à realidade de cada caso.

A selecção das 22 áreas de estudo teve como base inicial a candidatura dos CLAIII interessados, sempre suportados por equipas técnicas sólidas, posteriormente complementada com alguns estudos adicionais, de modo a que se obtivesse uma malha de cobertura que incluía informação e relatórios analíticos de todas as regiões do continente e das duas regiões autónomas.

Refira-se que o presente relatório, como todos os outros incluídos nesta colecção, tem origem num processo de trabalho complexo ao nível da recolha, tratamento e análise da informação recolhida, que apenas foi possível graças ao forte empenho dos técnicos dos CLAI e dos investigadores envolvidos nas diversas fases do processo, assim como dos muitos inquiridores nacionais e estrangeiros formados e mobilizados para a actividade. Sendo parte de um todo coerente, o que permitiu, por um lado gerar mais-valias associadas ao processo de trabalho e, por outro, compreender melhor o quadro nacional a partir do que se passa nas diversas parcelas do território, o estudo materializado neste produto tem um carácter autónomo e vale por si mesmo, permitindo traçar um diagnóstico local da imigração não comunitária em finais do primeiro decénio do século XXI (2010), bem como dos seus problemas e dos contributos para a dinâmica da área em estudo.

*Jorge Malheiros*

(CEG, IGOT-UL; Coordenador Científico Geral dos Estudos)

(8)

DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO IMIGRANTE NO CONCELHO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

Desafios e Potencialidades para o Desenvolvimento Local

# ÍNDICE

<b>ÍNDICE DE QUADROS</b>	11
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b>	15
<b>ÍNDICE DE MAPAS</b>	18
<b>ÍNDICE DE ANEXO</b>	20
<b>INTRODUÇÃO</b>	23
<b>1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO</b>	27
<b>2. METODOLOGIA</b>	30
<b>3. CARACTERIZAÇÃO DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS IMIGRANTES</b>	33
<b>4. PERCURSOS MIGRATÓRIOS, RAZÕES DA MIGRAÇÃO E QUADRO LEGAL DE INTEGRAÇÃO EM PORTUGAL</b>	42
<b>5. AS QUALIFICAÇÕES DAS FAMÍLIAS, O CONHECIMENTO DE LÍNGUAS E AS NECESSIDADES FORMATIVAS</b>	60
<b>6. CONDIÇÕES DE INSERÇÃO LABORAL E PERCURSOS PROFISSIONAIS DOS IMIGRANTES</b>	79
<b>7. MOBILIDADES PARA TRABALHO OU ESTUDO</b>	91
<b>8. CONDIÇÕES HABITACIONAIS DOS AGREGADOS IMIGRANTES</b>	96
<b>9. A INTEGRAÇÃO DOS IMIGRANTES</b>	102
<b>10. RELAÇÃO COM O PAÍS DE ORIGEM</b>	113
<b>11. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CÍVICA DOS IMIGRANTES</b>	124
<b>12. ACESSO A BENS E SERVIÇOS</b>	130

<b>13. CONHECIMENTO E USOS DO TERRITÓRIO: RECURSOS, ORGANIZAÇÕES E ACTIVIDADES</b>	142
<b>CONCLUSÃO</b>	162
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	172
<b>ANEXOS</b>	174

# ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Imigrantes segundo a nacionalidade na população e na amostra	31
Quadro 2 – Inquiridos e elementos dos agregados	33
Quadro 3 – Inquiridos e elementos dos agregados segundo a idade	33
Quadro 4 – Média de idades dos inquiridos e de todos os elementos dos agregados familiares segundo a nacionalidade	34
Quadro 5 – Indicadores demográficos das famílias dos inquiridos e do concelho	35
Quadro 6 – Inquiridos segundo o estado civil	36
Quadro 7 – Famílias segundo a região de origem e a tipologia do agregado	37
Quadro 8 – Inquiridos segundo a área de residência	38
Quadro 9 – Elementos dos agregados familiares segundo a naturalidade	40
Quadro 10 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade	41
Quadro 11 – Ano de chegada a Portugal, segundo a distinção dos elementos do agregado	43
Quadro 12 – Elementos dos agregados familiares segundo o número e média de anos em que residem em Portugal	43
Quadro 13 – Elementos dos agregados familiares segundo o número e média de anos em que residem em São Brás de Alportel	44
Quadro 14 – Elementos do agregado familiar segundo a nacionalidade do inquirido e o primeiro local de residência em Portugal	45
Quadro 15 – Inquiridos segundo a forma de imigração utilizada para chegar a Portugal e a nacionalidade	46
Quadro 16 – Inquiridos segundo a residência noutro país antes de vir para Portugal e a nacionalidade	47
Quadro 17 – Inquiridos segundo o número de países em que residiram antes de vir para Portugal e a nacionalidade	48

Quadro 18 – Inquiridos segundo a região continental em que residiram antes de vir para Portugal e a nacionalidade	49
Quadro 19 – Inquiridos segundo os motivos porque deixaram o seu país de origem e nacionalidade	50
Quadro 20 – Inquiridos segundo os motivos da migração para Portugal e nacionalidade	52
Quadro 21 – Inquiridos segundo os motivos que estão na origem da opção pela residência no concelho de SBA	54
Quadro 22 – Inquiridos segundo a forma como angariaram dinheiro para a viagem para Portugal	55
Quadro 23 – Inquiridos segundo a situação regularizada em Portugal	56
Quadro 24 – Inquiridos segundo o número de anos com a situação regularizada em Portugal e a nacionalidade	56
Quadro 25 – Inquiridos segundo a opção de ter pago a alguém para o(a) ajudar com os documentos	57
Quadro 26 – Intenção em obter a nacionalidade portuguesa	58
Quadro 27 – Inquiridos segundo as razões para a obtenção da nacionalidade portuguesa	58
Quadro 28 – Elementos dos agregados familiares, segundo a frequência de algum estabelecimento de ensino	60
Quadro 29 – Elementos dos agregados e população de São Brás de Alportel (2001) segundo o nível de ensino (incompleto ou completo)	62
Quadro 30 – Elementos dos agregados segundo o nível de ensino frequentado e completo e nacionalidade do inquirido	63
Quadro 31 – Inquiridos e restantes elementos dos agregados familiares segundo a área de formação superior	64
Quadro 32 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e o domínio de outras línguas	65
Quadro 33 – Inquiridos segundo o domínio da língua portuguesa e número de anos de residência em Portugal	66
Quadro 34 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e as línguas que dominam	67

Quadro 35 – Inquiridos segundo o domínio actual da língua portuguesa e anterior à chegada a Portugal	69
Quadro 36 – Inquiridos segundo a língua utilizada para comunicar em casa e a nacionalidade do inquirido	70
Quadro 37 – Elementos dos agregados segundo a forma de aprendizagem da língua portuguesa e a nacionalidade do inquirido	73
Quadro 38 – Elementos dos agregados segundo a necessidade de formação complementar em língua portuguesa e a nacionalidade do inquirido	74
Quadro 39 – Elementos dos agregados segundo as necessidades de outra formação complementar, segundo a nacionalidade do inquirido	75
Quadro 40 – Imigrantes inquiridos segundo o conhecimento das instituições de ensino e formação do concelho e a nacionalidade	76
Quadro 41 – Imigrantes inquiridos segundo a procura de informação acerca das ofertas de formação existentes e a nacionalidade	77
Quadro 42 – Imigrantes inquiridos segundo a instituição à qual se socorreram para solicitar informações sobre a oferta formativa e educativa existente no concelho	77
Quadro 43 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e a condição de actividade profissional	80
Quadro 44 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e a condição perante a actividade económica	81
Quadro 45 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e o principal meio de vida	82
Quadro 46 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e os grupos de profissões	84
Quadro 47 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e a situação na profissão	85
Quadro 48 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade e o tipo de vínculo contratual	86
Quadro 49 – Inquiridos segundo a detenção de um emprego no país de origem antes do percurso migratório e nacionalidade	87
Quadro 50 – Número de anos de residência em Portugal segundo a média de anos no emprego actual	88

Quadro 51 – Inquiridos segundo a profissão no primeiro emprego que tiveram em Portugal e o actual emprego	89
Quadro 52 – Inquiridos segundo o número de empregos e a nacionalidade	90
Quadro 53 – Elementos dos agregados familiares segundo o local de trabalho ou estudo e naturalidade do inquirido	92
Quadro 54 – Elementos dos agregados familiares, população concelhia (2001) e população das novas habitações (2007/2008) segundo o tempo gasto em média numa ida para o local de trabalho ou estudo e o local de trabalho ou estudo	93
Quadro 55 – Elementos dos agregados, população concelhia (2001) e população das novas habitações (2007/2008) segundo o principal meio de transporte utilizado no trajecto para o local de trabalho ou estudo e o local de trabalho ou estudo	94
Quadro 56 – Elementos dos agregados segundo o principal meio de transporte utilizado no trajecto para o local de trabalho ou estudo e a nacionalidade do inquirido	95
Quadro 57 – Famílias segundo o tipo de alojamento e nacionalidade	96
Quadro 58 – Famílias segundo o arrendamento do alojamento	100
Quadro 59 – Imigrantes inquiridos segundo a avaliação do estado de conservação do alojamento e a nacionalidade	101
Quadro 60 – Imigrantes inquiridos segundo as dificuldades sentidas à chegada a Portugal e a nacionalidade	103
Quadro 61 – Imigrantes inquiridos segundo as dificuldades sentidas no momento de inquirição e a nacionalidade	104
Quadro 62 – Imigrantes inquiridos segundo a inscrição na embaixada/consulado do país de origem e nacionalidade	107
Quadro 63 – Imigrantes inquiridos segundo a posse de cartão de segurança social e nacionalidade	108
Quadro 64 – Imigrantes inquiridos segundo os motivos para não trazerem familiares para Portugal e a nacionalidade	120
Quadro 65 – Inquiridos segundo o tipo de associação local da qual fazem parte	129
Quadro 66 – Inquiridos segundo o tipo de local onde realiza as suas compras	130
Quadro 67 – Imigrantes inquiridos segundo as propostas de outras actividades a desenvolver no concelho	161

Gráfico 1 – Elementos dos agregados segundo a avaliação do domínio da língua portuguesa na oralidade, na leitura e na escrita	72
Gráfico 2 – Inquiridos que consideram que a oferta formativa corresponde às suas necessidades, em valores absolutos e em percentagem face aos respondentes por nacionalidade	78
Gráfico 3 – Média de elementos a residirem no alojamento por tipo de alojamento	97
Gráfico 4 – Média de elementos a residirem no alojamento por nacionalidade dos imigrantes inquiridos	98
Gráfico 5 – Famílias segundo a propriedade do alojamento e nacionalidade	99
Gráfico 6 – Famílias segundo o regime de ocupação do alojamento	100
Gráfico 7 – Inquiridos recenseados por classes de anos de residência em Portugal (% por relação ao número de anos)	106
Gráfico 8 – Inquiridos segundo a existência de relação com vizinhos e amigos portugueses, segundo a nacionalidade	109
Gráfico 9 – Inquiridos segundo a avaliação da relação mantida com vizinhos e com amigos portugueses, segundo a nacionalidade	110
Gráfico 10 – Inquiridos segundo o conhecimento e utilização dos serviços do CLAI, em % face à nacionalidade	112
Gráfico 11 – Inquiridos segundo o regresso ao país de origem desde que residem em Portugal, em % segundo a nacionalidade	114
Gráfico 12 – Média de vezes em que os inquiridos regressaram ao país de origem segundo o número de anos de residência em Portugal	115
Gráfico 13 – Motivos de regresso ao país de origem, em % dos respondentes por nacionalidade	116
Gráfico 14 – Inquiridos segundo a existência de familiares dependentes no país de origem, em % face à nacionalidade	117

Gráfico 15 – Inquiridos segundo a pretensão em trazer familiares do país de origem para Portugal, em % face à nacionalidade	118
Gráfico 16 – Inquiridos segundo o envio de dinheiro ou bens para a família que permanece no país de origem e a nacionalidade	121
Gráfico 17 – Inquiridos segundo a frequência de envio de dinheiro ou bens para a família que permanece no país de origem e a nacionalidade	122
Gráfico 18 – Inquiridos que têm investido no país de origem segundo a nacionalidade	123
Gráfico 20 – Inquiridos que exercem o seu direito de voto nas eleições dos países de origem segundo a nacionalidade	126
Gráfico 21 – Inquiridos que pertencem a alguma associação segundo a nacionalidade	127
Gráfico 22 – Inquiridos segundo o tipo de associação a que pertencem e a nacionalidade	128
Gráfico 23 – Inquiridos segundo os locais de consumo(em % média do conjunto de bens e serviços)	131
Gráfico 24 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência/visita ao conjunto dos recursos naturais, museológicos e patrimoniais do concelho	143
Gráfico 25 – Inquiridos segundo a frequência de acesso ao conjunto dos recursos naturais, museológicos e patrimoniais do concelho	144
Gráfico 26 – Inquiridos segundo o conhecimento e a assistência à actuação dos grupos musicais locais	145
Gráfico 27 – Inquiridos segundo a frequência de assistência às actuações dos grupos musicais locais	146
Gráfico 28 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência dos restaurantes e bares do concelho	147
Gráfico 29 – Inquiridos segundo a frequência de acesso aos restaurantes e bares do concelho	148
Gráfico 30 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência das instituições do concelho	149
Gráfico 31 – Inquiridos segundo a frequência de acesso às instituições do concelho	150
Gráfico 32 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência das festas e feiras do concelho	151
Gráfico 33 – Inquiridos segundo a frequência de acesso às festas e feiras do concelho	152

Gráfico 34 – Inquiridos segundo o conhecimento e o acesso aos meios de comunicação social do concelho	153
Gráfico 35 – Inquiridos segundo a frequência de acesso aos meios de comunicação social do concelho	154
Gráfico 36 – Inquiridos segundo o conhecimento e o acesso aos recursos, organizações e actividades do concelho (% média)	155
Gráfico 37 – Inquiridos segundo a frequência de acesso aos recursos, organizações e actividades do concelho (% média)	156
Gráfico 38 – Inquiridos que recebem a agenda cultural “São Brás Acontece” e que se informam acerca da programação cultural do concelho, segundo a nacionalidade	157
Gráfico 39 – Inquiridos segundo a avaliação aos vários elementos da agenda cultural “São Brás Acontece”	157
Gráfico 40 – Inquiridos segundo a frequência com que participam nas actividades culturais do concelho	158
Gráfico 41 – Inquiridos segundo a avaliação da programação cultural do concelho	159
Gráfico 42 – Inquiridos segundo o tipo de actividades culturais em que têm participado	160

# ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 – Distribuição dos inquiridos por área do território do concelho de São Brás de Alportel e nacionalidade	39
Mapa 2 – Fluxos e intensidade do acesso a bens de primeira necessidade (vegetais frescos, carne e pão)	132
Mapa 3 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços de frágil especialização de consumo frequente (supermercado, restaurante, papelaria e médias superfícies)	133
Mapa 4 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços não especializados de consumo esporádico (reparação automóvel e cabeleireiro)	134
Mapa 5 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços pouco especializados de consumo esporádico (praça de táxis, farmácia, médico, análises clínicas, advogado e teatro)	135
Mapa 6 – Fluxos e intensidade do acesso a bens correspondentes a serviços de frágil especialização de consumo esporádico e com importância no recurso aos centros comerciais (electrodomésticos, vestuário e desporto)	136
Mapa 7 – Fluxos e intensidade do acesso a bens e serviços pouco especializados de consumo esporádico com algum recurso aos centros comerciais (livraria, mobiliário e decoração, fotografias, agência de viagens e artigos informáticos)	137
Mapa 8 – Fluxos e intensidade do acesso a bens e serviços pouco especializados de acesso generalizado e consumo regular (posto de correio e agência bancária)	138
Mapa 9 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços especializados de acesso restrito e consumo esporádico (posto policial e hospital)	139

Mapa 10 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços pouco especializados de acesso restrito e consumo regular (escolas e prática de desporto)	140
Mapa 11 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços pouco especializados de acesso restrito e consumo regular (hipermercados e cinema)	141

# ÍNDICE DE ANEXO

Quadro A 1 – Tipologia do agregado, segundo a nacionalidade	175
Quadro A 2 – Elementos dos agregados familiares, segundo a nacionalidade do inquirido e a naturalidade dos elementos	176
Quadro A 3 – Inquiridos e restantes elementos do agregado familiar segundo outros países de naturalidade	178
Quadro A 4 – Inquiridos e restantes elementos do agregado familiar segundo outro concelho de naturalidade	179
Quadro A 5 – Inquiridos e restantes elementos do agregado familiar segundo as motivações para residência no concelho de São Brás de Alportel e nacionalidade do inquirido	179
Quadro A 6 – Inquiridos segundo a opção de ter pago a alguém para o(a) ajudar com os documentos e o domínio da língua portuguesa actualmente	181
Quadro A 7 – Inquiridos segundo as razões para a obtenção da nacionalidade portuguesa e a nacionalidade	181
Quadro A 8 – Inquiridos segundo a justificação para a não pretensão em obter a nacionalidade portuguesa e a nacionalidade	182
Quadro A 9 – Elementos dos agregados familiares segundo a nacionalidade e área de formação superior	184
Quadro A 10 – Inquiridos e elementos dos agregados segundo a outra forma de aprendizagem da língua portuguesa	185
Quadro A 11 – Elementos desempregados dos agregados segundo o tempo de desemprego	185
Quadro A 12 – Inquiridos e restantes elementos do agregado segundo o regime de trabalho	186
Quadro A 13 – Inquiridos segundo a detenção de um emprego no país de origem e a nacionalidade	186

Quadro A 14 – Inquiridos e elementos dos agregados segundo o tempo do emprego actual	187
Quadro A 15 – Inquiridos segundo o grupo de profissões actuais e a nacionalidade	188
Quadro A 16 – Inquiridos e elementos dos agregados segundo o local de trabalho ou estudo - noutra concelho	190
Quadro A 17 – Inquiridos segundo a inscrição nos cadernos eleitorais	190
Quadro A 18 – Inquiridos segundo o número de vezes em que regressaram ao país de origem	191
Quadro A 19 – Inquiridos segundo os dependentes nos país de origem, em tipo e número e a nacionalidade	192
Quadro A 20 – Inquiridos segundo os familiares que se pretendem trazer do país de origem para Portugal e a nacionalidade	192
Quadro A 21 – Imigrantes inquiridos segundo os motivos pelos quais não enviam bens ou dinheiro para a família que permanece no país de origem e a nacionalidade	193
Quadro A 22 - Imigrantes inquiridos segundo o tipo de investimento realizado no país de origem e a nacionalidade	193
Quadro A 23 – Imigrantes inquiridos segundo o acesso e mobilidades a bens e serviços vários	194
Quadro A 24 – Imigrantes inquiridos segundo a frequência de acesso a bens e serviços vários	196



*“A migração [...] é o mais antigo meio que se lança mão contra a pobreza. Selecciona aqueles que mais desejo têm de ajuda. É boa para o país onde os migrantes vão viver; ajuda a quebrar o equilíbrio da pobreza no país de onde os migrantes partem. Qual será a perversidade da alma humana que faz com que certas pessoas se mostrem contrárias a uma coisa tão boa?” (Galbraith cit. in Neves, 2003: 89)*

**E**ste estudo, procura aprofundar a caracterização da população imigrante do concelho de São Brás de Alportel. Tem como finalidade a obtenção de dados que possam apoiar na tomada de decisões sobre este público, por parte das entidades locais e mesmo regionais.

Encontra-se estruturado em treze capítulos que procuram explorar as diferentes dimensões de integração da comunidade imigrante no território.

Num primeiro momento, apresenta-se o enquadramento do estudo, sendo dadas indicações sobre as motivações que balizaram a sua realização. Se é certo que podem ser feitos muitos estudos e trabalhos sobre estas comunidades, tal só faz sentido se enquadrado à luz das dinâmicas e das especificidades locais. Por essa razão, destacaríamos duas variáveis-chave estruturadoras da leitura sobre os processos migratórios: a nacionalidade e o tempo de imigração. Para além de outras variáveis que podem ser importantes na análise, partimos da hipótese de que os processos migratórios serão diferentes em função destas variáveis, o que de resto se vai confirmando na análise empreendida.

Sendo um trabalho de base eminentemente empírica, e com objetivos muito operacionais, tal só faz sentido se for orientado. E este surge num quadro de desconhecimento de uma comunidade em crescimento, para além do reconhecimento de perfis distintos entre as diferentes nacionalidades em presença.

Segue-se a apresentação da metodologia do estudo, cujos resultados são centrados na aplicação de um inquérito por questionário aos imigrantes. Foi construída uma amostra por quotas, através do método de bola de neve e do contacto com informadores privilegiados locais. Inquiriram-se 103 indivíduos de diferentes nacionalidades. Tal, engloba um conjunto de 271 indivíduos que compõem os agregados destes imigrantes e que, na sua maioria, são igualmente de nacionalidades diferentes da portuguesa.

O terceiro ponto, dedica-se à caracterização dos agregados familiares em que os imigrantes se enquadram. Aqui, é apresentada uma leitura descritiva das principais variáveis de caracterização socio-demográfica, a saber: sexo, idade (que permite situar alguns indicadores por comparação com a população concelhia), estado civil, área de residência, naturalidade e nacionalidade.

O quarto capítulo, explora os percursos migratórios, as razões da migração e o quadro legal de integração em Portugal. São analisados os tempos de duração dos percursos migratórios no país e no concelho e a sua relação com a nacionalidade. Identificam-se, igualmente, os percursos migratórios do país de origem até à chegada ao concelho. Por outro lado, procuram-se aferir as formas utilizadas para chegar a Portugal. Uma outra dimensão trabalhada, relaciona-se com as motivações para a migração e para a escolha do nosso país e do concelho de São Brás de Alportel como destino. Por fim, é analisado o quadro legal de integração dos imigrantes a partir da identificação da sua situação, do recurso a serviços pagos para apoio à regularização da situação no país e a intenção de obtenção da nacionalidade portuguesa.

A quinta parte deste estudo, engloba a pesquisa ao nível das qualificações, o domínio das línguas e as necessidades formativas dos imigrantes. É empreendida a análise dos níveis de escolaridade por comparação com a realidade concelhia. São exploradas as áreas de ensino superior frequentadas. Procura-se aprofundar, igualmente, sobre o domínio de outras línguas, em particular do português, assim como perceber qual a língua utilizada para comunicar em casa. Em relação à língua portuguesa, procurou-se que os inquiridos auto-avaliassem a sua expressão oral, capacidade de leitura e expressão escrita. Apresentam-se as necessidades específicas de formação em língua portuguesa a par de outras necessidades formativas mais genéricas. Analisa-se, ainda, o nível de conhecimento das instituições de ensino e de formação do concelho.

O capítulo 6 trabalha as condições de inserção no mercado de trabalho e os perfis profissionais dos imigrantes. Aqui, analisam-se as taxas de actividade por comparação com a realidade concelhia, a condição face ao trabalho, a origem dos rendimentos, a ocupação profissional, o regime de trabalho, a situação na profissão e o vínculo contratual. São igualmente explorados os percursos de mobilidade profissional desde o país de origem à chegada e permanência no nosso país.

O sétimo capítulo, aborda as mobilidades para o trabalho e estudo. São analisadas as seguintes variáveis, por comparação ao comportamento registado na população de São Brás de Alportel e, em particular, na população residente nas novas habitações do concelho: local de trabalho ou estudo, o tempo gasto em média nessas deslocações e o principal meio de deslocação.

O capítulo 8, explora as condições habitacionais dos agregados familiares dos imigrantes inquiridos. Procura-se analisar a especificidade do tipo de alojamento em que residem. Trabalha-se, igualmente, a média dos indivíduos residentes por tipo de alojamento, assim como a média dos indivíduos a residirem nos alojamentos por nacionalidade. Afere-se sobre a propriedade e o arrendamento dos alojamentos, e, por fim, a percepção e a análise das condições objectivas relacionadas com a qualidade habitacional.

Segue-se a discussão sobre um conjunto de dimensões relacionadas com o processo de integração dos imigrantes na comunidade. Analisam-se e comparam-se as dificuldades sentidas à chegada ao país e no momento da inquirição. Procura-se verificar qual o nível de integração e de participação nos actos eleitorais nacionais, assim como nos dos países de origem. Avalia-se, igualmente, o acesso ao sistema de segurança social nacional. Trabalham-se as redes de sociabilidade com portugueses e a avaliação empreendida sobre essas relações pelos próprios imigrantes. Por fim, verifica-se o conhecimento tido pela comunidade imigrante acerca do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII).

No capítulo 10, apresenta-se a relação que os imigrantes estabelecem com o país de origem. Procura-se perceber se se mantêm regressos a esse país, procurando perceber as diferenças em função da nacionalidade e do tempo de residência em Portugal. São exploradas as motivações que estão na origem desses retornos. Para identificar as raízes familiares mantidas no país de origem que podem ditar percursos migratórios diferenciados analisa-se, em paralelo, se existem familiares dependentes no país dos imigrantes, assim como a pretensão em trazê-los para Portugal. Visa-se, ainda, saber se os imigrantes enviam remessas de bens ou dinheiro e a periodicidade com que o fazem, para além de perceber se há intencionalidades de investimento no país de origem.

O capítulo 11 atenta às questões da participação política e cívica dos imigrantes. Ao nível político, procura-se identificar os níveis de participação nos actos eleitorais locais e dos países de origem. Na dimensão da participação cívica, analisa-se a pertença a associações e o tipo de associações em que os imigrantes se enquadram.

No penúltimo capítulo, elabora-se uma tipologia de consumos de bens e serviços trabalhada a partir dos seus perfis funcionais, a intensidade da procura e as mobilidades que são efectivadas para acesso a esses bens e serviços.

O último capítulo explora o conhecimento, o acesso e a frequência de acesso a recursos, organizações e actividades do concelho. Visa-se entender qual o grau de apropriação do território por parte da comunidade imigrante.

As conclusões do estudo, apresentam a síntese dos principais resultados do estudo, a par de algumas propostas de trabalho que podem ser discutidas e equacionadas pelas entidades locais que trabalham directamente com esta comunidade.

São Brás de Alportel é um dos 16 concelhos da região do Algarve, constituído apenas por uma freguesia, com cerca de 40 sítios dispersos. O concelho faz fronteira com os municípios de Faro, Olhão, Tavira e Loulé e tem cerca de 12.902 habitantes (Estimativas anuais do INE da população residente para o ano de 2009).

Após a realização do diagnóstico social de São Brás de Alportel em 2006, observou-se que o concelho apresentava um crescimento demográfico bastante expressivo. Considerou-se prioritária a inclusão, no plano de desenvolvimento social 2007/2010, a realização de um estudo de caracterização da nova população, nomeadamente da população imigrante.

Segundo os dados mais recentes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), o concelho possuía, em 2008, um universo de 1.192 indivíduos de nacionalidade estrangeira. Significa dizer que, nesse ano, a população imigrante representava 9,5% da população total. Trata-se de uma estrutura migratória em que a hierarquia das nacionalidades é distinta da registada para o país. Em Portugal, os imigrantes do Brasil, Ucrânia e Cabo Verde representam as maiores comunidades existentes. Em São Brás, as maiores comunidades são as de Reino Unido, Ucrânia, Brasil e Alemanha, que representam 70% do total<sup>1</sup>.

O concelho enfrenta os mesmos desafios que o resto do país. Portugal passa, claramente, de país migrante a país de acolhimento sem que tal tenha tido correspondente em capacidade e qualidade no acolhimento, assim como na acção efectiva para a inclusão das comunidades imigrantes. De país de emigração para países ricos, Portugal tornou-se um país de imigração de países mais pobres (Neves, 2003:83).

*“Primeiro, o Portugal migrante, antiga terra de navegadores e de emigração, apesar da distância entre o plano do pensamento e o de outras relações, viu-se mais como universalista do que diferencialista e construiu narrativas em torno de uma ideia de país como «nação-navio»*

.....  
<sup>1</sup> Fonte: SEF, dados de 2008.

*que antes de ter percorrido uma rota emigratória europeia realizou um prolongado movimento transoceânico. Agora, Portugal, que se inclui – ainda que parente pobre ou remediado – no grupo dos países com maior índice de desenvolvimento humano do globo, está perante o desafio de reconhecer a sua própria trajetória migrante, quer no sentido de que não existem proveitos da imigração sem despesas de protecção social, quer, no âmbito civilizacional, de que o diferencialismo radical – de direita ou de esquerda – está, não só, desadequado num mundo de formas de economia e de comunicação globais e necessariamente de confluências populacionais (estas últimas não são um fenómeno novo, pois noutras eras estiveram na origem histórica das identidades que foram nacionalmente segmentadas), como milita contra o bem comum ao favorecer a partição inexorável e desnecessária das sociedades” (Garcia, 2000: 112).*

O presente relatório, além de consistir na caracterização da população imigrante a residir no concelho de São Brás de Alportel, pretende dar respostas às interrogações colocadas ao nível do diagnóstico social, como o perfil sócio-demográfico, o percurso migratório, a inserção social e a caracterização socioprofissional deste grupo populacional.

Trata-se de um estudo de diagnóstico territorial, desenvolvido segundo uma lógica de investigação-acção, que tem como principais objectivos aprofundar o conhecimento das dinâmicas locais e apoiar os actores locais (indivíduos e instituições) na definição da intervenção adequada à especificidade deste grupo populacional.

Para além da interrogação central inicial, balizada pela necessidade de conhecimento do processo de integração destes imigrantes na comunidade local, procura-se aferir da distinção de práticas entre os diversos grupos de nacionalidades em presença. De acordo com o diagnóstico social, traçou-se um perfil hipotético de imigração que cabe aqui explorar. Nessa altura, identificaram-se dois grupos distintos de perfis migratórios que denominámos de “imigração de elite” e de “imigração de sobrevivência”. Sendo perfis delineados a partir de percepções de senso comum, um dos objectivos consubstancia-se na aferição da sua validade empírica. O primeiro caso, pretendia retratar os percursos de imigração que são desenvolvidos por grupos que procuram o país essencialmente para repouso e lazer, enquanto que o segundo reportaria às práticas mais tradicionais destes percursos, feitos com a finalidade de obtenção de trabalho e de procura de melhores condições de vida do que no país de origem.

A partir dos resultados obtidos, as entidades responsáveis terão instrumentos para elaborar de modo mais fundamentado novas propostas de desenvolvimento de actividades e serviços.

O estudo do fenómeno imigratório ao nível regional não tem sido aprofundado. As suas características locais, decerto que o tornam bastante relevante para o conhecimento das dinâmicas da imigração na região, o que possivelmente dará uma maior importância à disseminação deste estudo, como um instrumento de trabalho para as várias entidades.

## 2. METODOLOGIA

O presente relatório, pretende fazer a caracterização da população estrangeira residente no concelho de São Brás de Alportel. A recolha de dados decorreu de Novembro de 2007 a Junho de 2008.

Segundo o SEF, existiam cerca de 1.088 cidadãos de nacionalidade estrangeira, com estatuto legal, residentes em São Brás de Alportel, em 2005. No mesmo ano, a população estrangeira representava 9,4% no total da população residente. De acordo com a distribuição das nacionalidades em presença no concelho, é possível observar que o Reino Unido, com 279 indivíduos (25,6%), era a comunidade mais representada, seguindo-se a Ucrânia, com 235 (21,6%) e a Alemanha com 144 (13,2%).

De forma a proceder à caracterização da população estrangeira residente em São Brás de Alportel, o estudo teve em consideração quatro grandes dimensões: a demográfica (idade, sexo, estado civil, nacionalidade, habilitação escolar), a migratória (ano de chegada ao país e ao concelho, como chegou ao país, contactos no país, motivações migratórias), a inserção social (componentes linguística, familiar, habitacional, legal e comunitária) e a dimensão socioprofissional (situação no emprego, mobilidade profissional e modo de empregabilidade).

Deste modo, recorreram-se a dados disponibilizados pelas entidades do concelho, como a Junta de Freguesia, as Escolas, Associação In Loco, informadores privilegiados dentro das comunidades imigrantes, assim como a dados do próprio SEF. Escolheu-se, como técnica de recolha de dados, o inquérito por questionário, que compreendia as quatro dimensões acima referidas. Estas entidades tiveram um papel igualmente relevante ao indicarem imigrantes que poderiam ser inquiridos.

Optou-se por aplicar o questionário a indivíduos das 16 nacionalidades presentes no concelho, em 2005, de acordo com um método de amostragem por quotas, em que a amostra teria no total 103 casos. Para a aplicação do questionário, considerou-se a nacionalidade de origem do imigrante. Foram apenas contemplados como imigrantes os indivíduos com nacionalidade estrangeira (não entraram indivíduos com naturalidade fora do território português que mantiveram a nacionalidade portuguesa).

**Quadro 1 – Imigrantes segundo a nacionalidade na população e na amostra**

Nacionalidade	Universo (2005)		Amostra (2007)	
	Nº	%	Nº	%
Reino Unido	279	25,6	28	27,2
Ucrânia	235	21,6	22	21,4
Alemanha	144	13,2	13	12,6
Brasil	95	8,7	9	8,7
Holanda	54	5,0	6	5,8
Rússia	42	3,9	5	4,9
França	40	3,7	4	3,9
Cabo Verde	38	3,5	2	1,9
República Moldávia	35	3,2	3	2,9
Bélgica	29	2,7	2	1,9
EUA	28	2,6	3	2,9
Roménia	19	1,7	1	1,0
Suíça	17	1,6	2	1,9
Canadá	17	1,6	2	1,9
Espanha	16	1,5	1	1,0
Total	1088	100,0	103	100,0

Fonte: SEF – 2005; Própria

A técnica de amostragem utilizada, foi a de bola de neve “que se reveste de especial utilidade na recolha de informação sobre a população inquirida, uma vez que ela é adequada à obtenção de amostras quando não existe nenhuma lista com base na qual seja possível elaborar uma amostra representativa e quando os indivíduos a inquirir constituem um grupo minoritário na população total” (Baganha et al., 2004:114). Apesar de se tratar de uma amostra não representativa, houve uma preocupação com a proporcionalidade dos grupos de nacionalidades presentes no território.

Antes de se proceder à aplicação do questionário, foi administrado um pré-teste, a fim de atempadamente se reformularem algumas questões.

Para proceder à aplicação do questionário, foi realizado, em primeiro lugar, um contacto telefónico. É de referir, ainda, que o questionário foi aplicado tendo sempre presente um elemento da equipa de investigação que o administrava directamente.

A maioria dos questionários foram realizados na Associação In Loco. Nos casos em que os entrevistados não se podiam deslocar à associação, a equipa deslocava-se à sua habitação ou à Associação Amigos do Museu.

Ao longo do tempo de inquirição, a equipa deparou-se com algumas dificuldades, nomeadamente, a falta de disponibilidade dos entrevistados. Tal ficou a dever-se a “resistências” que se

consideram expectáveis face à precariedade em que algumas destas pessoas se encontram e, por outro, face aos exigentes horários de trabalho que limitam o tempo disponível para resposta a este tipo de inquérito. No caso dos inquiridos do Reino Unido, a equipa recorreu à língua inglesa uma vez que os imigrantes não dominavam o português. Relativamente às nacionalidades menos representadas, acentuaram-se as dificuldades em encontrar os indivíduos (Roménia, EUA, Bélgica, Cabo Verde).

*Uma estrutura etária que varia em função da nacionalidade, mas um contributo da imigração para o rejuvenescimento do concelho*

**F**oram inquiridos 103 indivíduos de nacionalidade estrangeira, representando um total de 271 residentes se considerarmos a constituição dos seus agregados familiares. Em relação à distribuição por idades, conclui-se que a maior parte dos inquiridos (75,2%) tem entre 30 e 64 anos, caracterizando, assim, esta população como maioritariamente em idade activa.

**Quadro 2 – Inquiridos e elementos dos agregados**

	Inquiridos		Total (inclui familiares dos inquiridos)	
	Nº	%	Nº	%
Total	103	100,0	271	100,0

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro 3 – Inquiridos e elementos dos agregados segundo a idade**

Grupo Etário	Inquiridos		Total (inclui familiares dos inquiridos)	
	Nº	%	Nº	%
Até aos 14 anos	-	-	58	21,9
15 aos 29 anos	12	11,9	43	16,2
30 aos 44 anos	36	35,6	70	26,4
45 aos 64 anos	40	39,6	69	26,0
65 e mais anos	13	12,9	25	9,4
Total	101	100,0	265	100,0

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A média etária no conjunto dos inquiridos, é de cerca de 47 anos. Podem observar-se diferenças na média de idades dos inquiridos segundo a nacionalidade, uma vez que a população mais jovem está maioritariamente concentrada nos países da Europa de Leste e Brasil, enquanto que na Europa Ocidental se pode encontrar uma média de idades superior a 40 anos. Na verdade, os imigrantes da Europa

### 3. CARACTERIZAÇÃO DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS EMIGRANTES

do Leste e do Brasil retratam o perfil imigratório mais recente registado no nosso país. Não é de estranhar que, nestes grupos, se encontrem pessoas mais jovens, na exacta medida em que se deslocam essencialmente à procura de trabalho.

A média etária nas famílias dos imigrantes, é de cerca de 36 anos. Também, neste caso, as médias etárias são diferentes por grupo de nacionalidade. A média etária mais baixa, é registada nas famílias dos imigrantes cabo-verdianos, seguida das famílias dos imigrantes de origem brasileira e dos de origem na Europa do Leste – em nenhum destes casos a média etária alcança os 30 anos de idade. Já nos casos das famílias com imigrantes da Europa Ocidental e da América do Norte, as médias etárias nos agregados é superior a 43 anos.

**Quadro 4 – Média de idades dos inquiridos e de todos os elementos dos agregados familiares segundo a nacionalidade**

Regiões Continentais	Inquiridos		Total (inclui familiares dos inquiridos)	
	Nº	Média Etária	Nº	Média Etária
Europa Ocidental	54	55,81	132	43,27
Europa do Leste	31	35,42	83	28,86
América do Norte	5	46,60	9	43,56
América do Sul	9	34,00	29	26,48
África	2	45,00	12	21,75
Total	101	46,94	265	35,95

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Ao nível das características demográficas dos agregados, em que os imigrantes se incluem, conclui-se que a sua estrutura é bem mais rejuvenescida do que a registada para o concelho. Significa dizer que se trata de um grupo da população que está, efectivamente, a contribuir para o atenuar do envelhecimento do concelho, como de resto se vem apontando nos cenários demográficos construídos pelo INE. Em 2008, no concelho, registava-se uma média de 161 pessoas com mais de 65 anos, por cada 100 com menos de 15. Esse rácio era, nas famílias dos imigrantes inquiridos, de 43 idosos por cada 100 jovens com menos de 15 anos.

Fruto desse envelhecimento, o concelho tinha um elevado índice de dependência de idosos, ou seja por cada 100 indivíduos em idade activa havia uma média de 35 pessoas com mais de 65 anos.

Nas famílias dos imigrantes, registava-se um rácio de cerca de 15 idosos por cada 100 pessoas em idade activa. A dependência de jovens é superior nas famílias de imigrantes do que na população do concelho – um índice de 31,9 no primeiro caso e de 21,7 no segundo. Estes indicadores são demonstrativos da capacidade de rejuvenescimento verificado entre as famílias de imigrantes ou com imigrantes no seio da família.

No entanto, entre os grupos de imigrantes, há elementos distintos. Tratam-se de diversidades que Rosa *et al.* (2003) apontam, apesar de se reconhecer que entre os imigrantes se elevam as taxas de fecundidade, o que agregado à vinda preponderante desses em idade fértil tem contribuído para a grande parte dos nascimentos registados no nosso país e, conseqüentemente, contribuído para um rejuvenescimento demográfico nacional.

Entre as famílias cujos inquiridos são da Europa do Leste, da América do Sul e de África, não há elementos com mais de 65 anos. Isto pode significar uma de duas coisas: i) podem tratar-se de percursos migratórios recentes e, por isso, não se encontram idosos; ii) pode registar-se um regresso ao país de origem finda a época de actividade. A primeira hipótese é considerada, de resto, a mais realista e provável.

De qualquer modo, em todas as nacionalidades em presença, só nas famílias com inquiridos de origem nos E.U.A., na Alemanha, na Holanda e no Reino Unido se encontram pessoas com mais de 65 anos, e, em quase todos os casos, mais de metade dos elementos dos agregados tem mais de 45 anos. Este é um dado interessante e que vai ao encontro da perspectiva tida sobre estes grupos, em particular daqueles com origem na Europa Ocidental. É que é aí que encontramos famílias que optam pelo país não como estratégia de sobrevivência, mas sim para repouso e lazer.

**Quadro 5 – Indicadores demográficos das famílias dos inquiridos e do concelho**

	Índice de envelhecimento	Índice de dependência de idosos	Índice de dependência de jovens	Índice de dependência total
Europa Ocidental	88,9	29,6	33,3	63,0
Europa do Leste	0,0	0,0	23,9	23,9
América do Norte	100,0	14,3	14,3	28,6
América do Sul	0,0	0,0	45,0	45,0
África	0,0	0,0	71,4	71,4
Total nas famílias com imigrantes	43,1	13,7	31,9	45,6
Concelho de S. Brás ( 2008)	161,3	35	21,7	56,8

Fonte: Estimativas da População para 2007 – INE/ Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No que diz respeito à existência de alguma deficiência, verificou-se que um dos inquiridos e três elementos do agregado são portadores de deficiência. Entre os elementos portadores de deficiência, três são portadores de deficiência motora e um dos elementos do agregado possui paralisia cerebral. Tal corresponde a uma incidência de deficiência de 1,1% nos elementos das famílias imigrantes, substancialmente inferior à registada no concelho, que foi de 8% em 2001. É uma situação relativamente expectável dado que as situações de deficiência, seja dos próprios ou de dependentes, constitui-se como uma condicionante ao percurso migratório.

### *Imigração com suporte familiar: a presença das famílias nucleares e das famílias nucleares com filhos*

A maioria dos indivíduos é casada ou vive em união de facto (76,7%). Por essa razão, também se destaca a importância da presença de famílias nucleares e de famílias nucleares com filhos – 35% no primeiro caso, e 40,8% no segundo. A família nuclear com filhos é a tipologia mais comum nos agregados das diferentes nacionalidades, excluindo a do Reino Unido, que representa o grupo com maior percentagem (53,6%) de agregados que vivem com o(a) companheiro(a)<sup>2</sup>. Em geral, estes dados revelam que estamos perante uma imigração com suporte familiar, o que é importante ao nível das estratégias de inclusão social e que pode revelar uma procura de estabilização no nosso país.

Embora entre os diferentes grupos de nacionalidades não se registem diferenças significativas na estrutura de composição dos agregados, há algumas nuances que caberá destacar. Entre os imigrantes inquiridos de origem na Europa Ocidental, a tipologia de família dominante é a família nuclear (42,9%), seguida da família nuclear com filhos (35,7%). Nos imigrantes com origem na Europa do Leste, a tipologia de família dominante é a família nuclear com filhos (41,9%), seguida da família nuclear (25,8%) e de elementos isolados (22,6%). Dos cinco imigrantes com origem na América do Norte, três vivem no seio de uma família nuclear. Já nos imigrantes com origem no Brasil, sete dos nove inquiridos enquadram-se em famílias nucleares com filhos. Os dois inquiridos de origem cabo-verdiana enquadram-se neste último perfil familiar.

**Quadro 6 – Inquiridos segundo o estado civil**

<b>Estado Civil</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Casado(a)	68	66,0
União de facto	11	10,7
Solteiro(a)	7	6,8
Separado(a) de facto	4	3,9
Divorciado(a)	10	9,7
Viúvo(a)	3	2,9
<b>Total</b>	<b>103</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

.....  
<sup>2</sup> Vide Quadro A1 em Anexo.

**Quadro 7 – Famílias segundo a região de origem e a tipologia do agregado**

Nacionalidade por regiões continentais	Tipologia do agregado					Total	
	Elementos isolados	Família nuclear	Família nuclear com filhos	Família monoparental	Família alargada		
Europa Ocidental	N <sup>º</sup>	8	24	20	4	0	56
	%	14,3%	42,9%	35,7%	7,1%	,0%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>º</sup>	7	8	13	0	3	31
	%	22,6%	25,8%	41,9%	,0%	9,7%	100,0%
América do Norte	N <sup>º</sup>	1	3	0	1	0	5
	%	20,0%	60,0%	,0%	20,0%	,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>º</sup>	1	1	7	0	0	9
	%	11,1%	11,1%	77,8%	,0%	,0%	100,0%
África	N <sup>º</sup>	0	0	2	0	0	2
	%	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>º</sup>	17	36	42	5	3	103
	%	16,5%	35,0%	40,8%	4,9%	2,9%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Uma distribuição espacial diferenciada em função da nacionalidade*

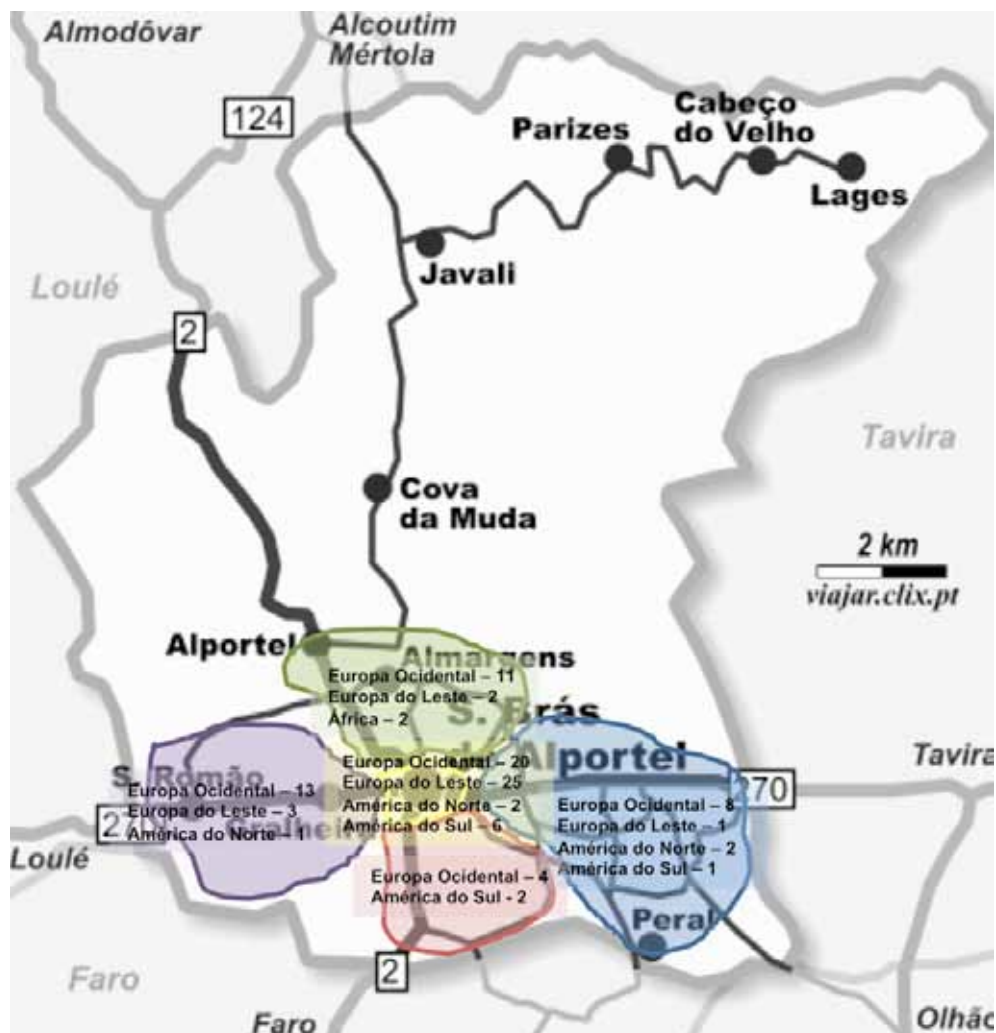
Relativamente à residência, os inquiridos da amostra distribuem-se pelos vários aglomerados, concentrando-se maioritariamente na vila de São Brás de Alportel (49,5%). Após a análise da distribuição segundo a nacionalidade, verifica-se que a maioria dos imigrantes da Europa de Leste opta por residir na sede de concelho e que, por outro lado, os imigrantes oriundos da Europa Ocidental escolhem para residência os sítios mais dispersos ou isolados do concelho. Tal, relacionar-se-á com o nível de vida dos diferentes grupos de imigrantes – é sabido o custo elevado do solo em zonas isoladas do barrocal que estará ao alcance de população com maior nível económico, que se associará mais à população vinda da Europa Ocidental. Por outro lado, também se relacionará com as motivações que originaram o percurso migratório. Estas, são dimensões que serão alvo de um aprofundamento analítico noutros capítulos deste estudo.

### Quadro 8 - Inquiridos segundo a área de residência

Zona de residência	Nº	%
Almargens	4	3,9
Alportel	4	3,9
Barracha	2	1,9
Bico Alto	1	1,0
Calçada	2	1,9
Campina	4	3,9
Cerro do Botelho	1	1,0
Corotelo	2	1,9
Farrobo	2	1,9
Fonte da Murta	4	3,9
Funchais	1	1,0
Gralheira	2	1,9
Machados	3	2,9
Mealhas	4	3,9
Mesquita	1	1,0
Peral	5	4,9
Poço dos Ferreiros	2	1,9
Ribeira do Alportel	1	1,0
Rocha da Gralheira	1	1,0
São Brás de Alportel	51	49,5
São Romão	2	1,9
Soalheira	1	1,0
Tareja	1	1,0
Vilarinhos	2	1,9
Total	103	100,0

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Mapa 1 – Distribuição dos inquiridos por área do território do concelho de São Brás de Alportel e nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Famílias compostas maioritariamente por naturais de outros países*

Resultado das tipologias familiares dominantes, a grande parte dos agregados é constituída por cônjuges e filhos. As estruturas familiares mais complexas, são encontradas nas famílias de imigrantes com origem na Europa do Leste, onde se podem juntar irmãos, cunhados e mesmo os pais.

A maior parte dos elementos destas famílias, independentemente do grau de parentesco que tem com o inquirido, tem nacionalidade noutro país. No conjunto dos elementos destes agregados familiares, 79,3% é natural de outro país. Na maioria trata-se do país de origem do próprio inquirido<sup>3</sup>.

Os elementos com naturalidade no concelho perfazem 15,5%, sendo 10,3% correspondente aos filhos, 4,8% aos cônjuges e 0,4% a um enteado. Os elementos destas famílias, com naturalidade noutro concelho, representam apenas 5,2% do total. De resto, tratam-se de pessoas que nasceram, na sua maioria no concelho de Faro (10 em 13 pessoas naturais de outros concelhos)<sup>4</sup>.

**Quadro 9 – Elementos dos agregados familiares segundo a naturalidade**

Composição do agregado familiar	Naturalidade			Total
	Concelho onde reside actualmente	Noutro concelho	Noutro país	
Inquirido	N <sup>o</sup>	0	1	102
	%	-	0,4	37,6
Cônjuge/Companheiro(a)	N <sup>o</sup>	13	4	61
	%	4,8	1,5	22,5
Filho(a)	N <sup>o</sup>	28	7	45
	%	10,3	2,6	16,6
Enteado(a)	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	0,4	0,4	0,7
Pai ou Mãe	N <sup>o</sup>	0	0	2
	%	-	-	0,7
Irmã(o)	N <sup>o</sup>	0	0	2
	%	-	-	0,7
Cunhado(a)	N <sup>o</sup>	0	0	1
	%	-	-	0,4
Outro	N <sup>o</sup>	0	1	0
	%	-	0,4	-
Total	N <sup>o</sup>	42	14	215
	%	15,5	5,2	79,3

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

3

Vide Quadros A2 e A3 em Anexo.

4

Vide Quadro A4 em Anexo.

Resultante da região donde os elementos têm origem, verifica-se que só 13,3% do total dos elementos das famílias dos imigrantes tem nacionalidade portuguesa e 6,3% tem dupla nacionalidade, a portuguesa e outra. Em mais de 80% dos casos, mantém-se a situação de nacionalidade estrangeira, sendo que cerca que 70% dos elementos tem nacionalidade do país donde é natural.

**Quadro 10 - Elementos dos agregados segundo a nacionalidade**

Distinção elementos agregado	Nacionalidade						Total
	Portuguesa	Dupla nacionalidade - Portuguesa e outra	Dupla nacionalidade - outros casos	Estrangeira - do país donde é natural	Estrangeira - de outro país		
Inquirido	N <sup>o</sup>	0	7	2	90	4	103
	%	,0%	6,8%	1,9%	87,4%	3,9%	100,0%
Restantes elementos	N <sup>o</sup>	36	10	3	101	18	168
	%	21,4%	6,0%	1,8%	60,1%	10,7%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	36	17	5	191	22	271
	%	13,3%	6,3%	1,8%	70,5%	8,1%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

## 4. PERCURSOS MIGRATÓRIOS, RAZÕES DA MIGRAÇÃO E QUADRO LEGAL DE INTEGRAÇÃO EM PORTUGAL

### *Percurso migratório recentes e similares aos registados para o país*

**R**elativamente ao ano de chegada dos imigrantes a Portugal, pode observar-se que, a maioria entrou no país a partir de 2000. Tal, é válido tanto para os inquiridos como para os seus familiares. A sua permanência no país pode ter sido facilitada pela entrada em vigor, a 10 de Janeiro de 2001, do Decreto-Lei n.º 4/2001, através do qual se regularizou a permanência em território nacional de trabalhadores imigrantes detentores de um contrato de trabalho previamente registado no Ministério do Trabalho. Aos imigrantes que reuniam esta condição, eram concedidas autorizações de permanência válidas por um ano e renováveis até um máximo de cinco.

Com a entrada deste Decreto-Lei, observou-se um conjunto de mudanças na imigração em Portugal. Esta, deixa de estar sobretudo associada a oriundos dos PALOP, verificando-se uma maior expressão das imigrações de Leste e brasileira, comparativamente à imigração africana. Esta situação, coincide com os dados de Baganha *et al.*, segundo os quais “mais de metade dessas autorizações de permanência foram concedidas a cidadãos do Leste da Europa (56%) e 36% a trabalhadores imigrantes de um país específico, a Ucrânia” (2004:97). Constatase que, na maioria, tanto os inquiridos com os restantes elementos do agregado se encontram em Portugal entre os seis e os 10 anos.

A juventude que caracteriza, regra geral, estes imigrantes, pode ser justificada pelo reduzido número de anos em que residem em Portugal.

**Quadro 11 - Ano de chegada a Portugal, segundo a distinção dos elementos do agregado**

Ano de chegada a Portugal	Distinção elementos agregado		
	Inquirido	Restantes elementos	Total
1970 a 1979	N <sup>o</sup> 2 1,9%	3 2,6%	5 2,3%
1980 a 1989	N <sup>o</sup> 12 11,7%	4 3,5%	16 7,4%
1990 a 1999	N <sup>o</sup> 23 22,3%	32 28,1%	55 25,3%
2000 até 2008	N <sup>o</sup> 66 64,1%	75 65,8%	141 65,0%
Total	N <sup>o</sup> 103 100,0%	114 100,0%	217 100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A análise das médias de anos de residência em Portugal, permite-nos verificar que há diferenças importantes por grupos de nacionalidade. As médias mais baixas, são registadas nos grupos que caracterizam os percursos migratórios mais recentes no país - nos imigrantes de Leste e brasileiros (cerca de sete anos no primeiro caso e nove no segundo). As médias mais elevadas, são registadas no grupo de cabo-verdianos, seguido dos norte-americanos - aproximadamente 22 anos no primeiro caso e 12 no segundo.

**Quadro 12 - Elementos dos agregados familiares segundo o número e média de anos em que residem em Portugal**

Nacionalidade por regiões continentais	N.º de anos que está em Portugal									Total	Média de anos em que reside em Portugal
	<= 5	6 - 10	11 - 15	16 - 20	21 - 25	26 - 30	31 - 35	36+			
Europa Ocidental	N <sup>o</sup> 34 29,8%	41 36,0%	20 17,5%	6 5,3%	8 7,0%	2 1,8%	1 ,9%	2 1,8%	114 100,0%	9,95	
Europa do Leste	N <sup>o</sup> 17 23,3%	56 76,7%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	73 100,0%	6,60	
América do Norte	N <sup>o</sup> 1 14,3%	4 57,1%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	2 28,6%	0 ,0%	0 ,0%	7 100,0%	11,57	
América do Sul	N <sup>o</sup> 5 27,8%	8 44,4%	1 5,6%	4 22,2%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	18 100,0%	8,72	
África	N <sup>o</sup> 0 ,0%	1 20,0%	1 20,0%	0 ,0%	1 20,0%	0 ,0%	2 40,0%	0 ,0%	5 100,0%	22,40	
Total	N <sup>o</sup> 57 26,3%	110 50,7%	22 10,1%	10 4,6%	9 4,1%	4 1,8%	3 1,4%	2 ,9%	217 100,0%	9,06	

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Se a maioria dos inquiridos não se encontra em Portugal há mais de 10 anos, como já referido atrás, cerca de metade não reside no concelho de São Brás de Alportel há mais de cinco anos. Também se registam diferenças significativas nas médias de anos de residência em São Brás de Alportel, em função do grupo de nacionalidades. À semelhança do registado em relação às médias de residência no país, as médias de anos de residência no concelho mais elevadas são registadas nos casos em que a origem dos inquiridos é norte-americana ou cabo-verdiana.

Nos agregados cuja origem dos inquiridos é da Europa Ocidental, a permanência no concelho é mais visível desde há 15 anos, a esta parte. No conjunto das famílias dos imigrantes da Europa de Leste, não há registo de vindas há mais de 10 anos. No caso das famílias com origem norte-americana, as datas de chegada ao concelho são bastante variáveis. Relativamente às famílias dos imigrantes brasileiros a chegada ao concelho fez-se há menos de 15 anos, sendo a das famílias de imigrantes cabo-verdianos efectuada nos últimos 20 anos.

**Quadro 13 – Elementos dos agregados familiares segundo o número e média de anos em que residem em São Brás de Alportel**

Nacionalidade por regiões continentais	N.º de anos que está em São Brás de Alportel						Total	Média de anos em que reside em Portugal
	<= 5	6 - 10	11 - 15	16 - 20	21 - 25	26 e mais anos		
Europa Ocidental	Nº 48 % 47,1%	32 31,4%	11 10,8%	6 5,9%	4 3,9%	1 1,0%	102 100,0%	7,59
Europa do Leste	Nº 39 % 54,2%	33 45,8%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	72 100,0%	5,06
América do Norte	Nº 1 % 20,0%	2 40,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 20,0%	1 20,0%	5 100,0%	14,20
América do Sul	Nº 7 % 41,2%	6 35,3%	4 23,5%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	17 100,0%	6,35
África	Nº 1 % 20,0%	0 0,0%	2 40,0%	2 40,0%	0 0,0%	0 0,0%	5 100,0%	11,80
Total	Nº 96 % 47,8%	73 36,3%	17 8,5%	8 4,0%	5 2,5%	2 1,0%	201 100,0%	6,85

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *A tendência nos percursos: migrações directas para o concelho*

A maioria da população imigrante, veio do seu país directamente para o Algarve, e, na sua maioria, para o concelho de São Brás de Alportel (67,9% do total dos elementos imigrantes dos agregados inquiridos). Nos elementos dos agregados em que os inquiridos têm origem na Europa Ocidental, 65% veio residir directamente para o concelho de São Brás de Alportel. Mas não deixa de ser interessante o facto de mais de 30% ter ido, inicialmente, para outros concelhos do Algarve (Faro e Loulé na sua maioria, mas também para Tavira, Portimão, Lagos, Albufeira e Olhão). Nos outros casos, a vinda para Portugal fez-se, na sua grande maioria, directamente para o concelho.

**Quadro 14 - Elementos do agregado familiar segundo a nacionalidade do inquirido e o primeiro local de residência em Portugal**

Primeiro local de residência em Portugal	Nacionalidade do inquirido por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Albufeira	N <sup>o</sup>	2	1	0	4	1	8
	%	1,7%	1,4%	,0%	21,1%	20,0%	3,6%
Alenquer	N <sup>o</sup>	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	1,4%	,0%	,0%	,0%	,4%
Alentejo	N <sup>o</sup>	0	3	0	1	0	4
	%	,0%	4,1%	,0%	5,3%	,0%	1,8%
Braga	N <sup>o</sup>	0	0	0	1	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	5,3%	,0%	,4%
Cascais	N <sup>o</sup>	0	0	0	0	1	1
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	20,0%	,4%
Coimbra	N <sup>o</sup>	1	1	0	0	0	2
	%	,9%	1,4%	,0%	,0%	,0%	,9%
Faro	N <sup>o</sup>	10	4	0	0	0	14
	%	8,5%	5,4%	,0%	,0%	,0%	6,3%
Lagos	N <sup>o</sup>	3	0	0	0	0	3
	%	2,6%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,3%
Lisboa	N <sup>o</sup>	0	1	1	0	0	2
	%	,0%	1,4%	11,1%	,0%	,0%	,9%
Loulé	N <sup>o</sup>	15	2	0	1	0	18
	%	12,8%	2,7%	,0%	5,3%	,0%	8,0%
Olhão	N <sup>o</sup>	3	1	0	0	0	4
	%	2,6%	1,4%	,0%	,0%	,0%	1,8%
Portimão	N <sup>o</sup>	2	1	0	0	0	3
	%	1,7%	1,4%	,0%	,0%	,0%	1,3%
Santarém	N <sup>o</sup>	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	1,4%	,0%	,0%	,0%	,4%
São Brás de Alportel	N <sup>o</sup>	76	53	8	12	3	152
	%	65,0%	71,6%	88,9%	63,2%	60,0%	67,9%
Silves	N <sup>o</sup>	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	1,4%	,0%	,0%	,0%	,4%
Tavira	N <sup>o</sup>	5	4	0	0	0	9
	%	4,3%	5,4%	,0%	,0%	,0%	4,0%
Total	N <sup>o</sup>	117	74	9	19	5	224
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/200

### *A tendência para chegar a Portugal sozinho ou com a família através de recursos próprios*

Relativamente à forma utilizada pelos imigrantes para chegar a Portugal, verifica-se que a maioria dos inquiridos chegaram acompanhados pela família, utilizando meios próprios ou familiares (47,6%), ou então vieram sozinhos utilizando meios próprios ou familiares (35%). Tal, justifica que a maior parte dos elementos dos agregados familiares tenha nacionalidade estrangeira.

Verificam-se algumas diferenças na forma como os imigrantes se deslocaram para Portugal, segundo a nacionalidade.

Nos inquiridos com origem na Europa Ocidental e América do Norte, mais de metade veio para Portugal acompanhado da família (66,1% no primeiro caso e 60% no segundo).

No conjunto dos inquiridos originários da Europa do Leste, a situação mais frequente é aquela em que chegam sozinhos utilizando meios próprios ou familiares (41,9%). A segunda situação mais frequente, é aquela em que chegam sozinhos com auxílio de terceiros (22,6%). É apenas nos imigrantes com origem na Europa do Leste que se verifica a situação de chegada a Portugal em grupo com o auxílio de terceiros.

No conjunto dos inquiridos com origem na América do Sul, são diversas as modalidades utilizadas para chegada a Portugal, pese embora o valor modal recaia sobre a situação em que chegam sozinhos, utilizando meios próprios ou familiares. Nos dois inquiridos com origem africana, um chegou sozinho, o outro acompanhado da família. Só se registou uma situação de chegada a Portugal através de recrutamento feito por um empregador nacional, empreendida por um imigrante da Europa Ocidental.

**Quadro 15 - Inquiridos segundo a forma de imigração utilizada para chegar a Portugal e a nacionalidade**

Forma utilizada para chegar a Portugal	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Sozinho(a), utilizando meios próprios ou familiares	N <sup>o</sup>	18	13	1	3	1	36
	%	32,1%	41,9%	20,0%	33,3%	50,0%	35,0%
Em grupo, utilizando meios próprios ou familiares	N <sup>o</sup>	0	3	0	2	0	5
	%	,0%	9,7%	,0%	22,2%	,0%	4,9%
Com a família, utilizando meios próprios ou familiares	N <sup>o</sup>	37	5	4	2	1	49
	%	66,1%	16,1%	80,0%	22,2%	50,0%	47,6%
Sozinho(a), com o auxílio de terceiros	N <sup>o</sup>	0	7	0	2	0	9
	%	,0%	22,6%	,0%	22,2%	,0%	8,7%
Em grupo, com o auxílio de terceiros	N <sup>o</sup>	0	3	0	0	0	3
	%	,0%	9,7%	,0%	,0%	,0%	2,9%
Recrutamento feito por um empregador situado em Portugal	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	1,8%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,0%
Total	N <sup>o</sup>	56	31	5	9	2	103
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/200

No que diz respeito ao percurso migratório, observa-se que a maioria (71,8%) não viveu noutra país, vindo directamente do seu país de origem para Portugal. Verifica-se uma maior proporção de situações em que se registou a residência noutra país antes de vir para Portugal, nos indivíduos com origem na Europa Ocidental e América do Norte – 39,3% no primeiro caso e 22,2% no segundo. Ao comparar os indivíduos destas nacionalidades, observamos que o percurso dos alemães é feito pelos países da Europa Ocidental e que os do Reino Unido fizeram um percurso mais expansivo passando pelo continente africano, americano e asiático.

**Quadro 16 – Inquiridos segundo a residência noutra país antes de vir para Portugal e a nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais	Se viveu noutra país antes de vir para Portugal		Total	
	Sim	Não		
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	22	34	56
	%	39,3%	60,7%	
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	5	26	31
	%	16,1%	83,9%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	0	5	5
	%	,0%	100,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	2	7	9
	%	22,2%	77,8%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	0	2	2
	%	,0%	100,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	29	74	103
	%	28,2%	71,8%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Percursos migratórios prévios: a tendência para migração para regiões continentais cultural ou geograficamente próximas*

Do conjunto daqueles que já residiu noutra país, verifica-se que a maioria ainda só residiu num outro país. No entanto, 31% já passou por outros três países antes da migração para Portugal. Não se verificam diferenças significativas em função da nacionalidade – nos inquiridos com origem na Europa Ocidental, 32% residiu em outros três países e 13,6% em outros dois; dos cinco inquiridos com origem na Europa do Leste com percursos migratórios anteriores, três residiram num só país antes de vir para Portugal, um em dois países e outro em três países; por fim, nos inquiridos brasileiros, um residiu num outro país antes e outro teve uma experiência anterior em três países.

**Quadro 17 – Inquiridos segundo o número de países em que residiram antes de vir para Portugal e a nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais	Número de países em que esteve antes de vir para Portugal			Total	
	1	2	3		
Europa Ocidental	Nº	12	3	7	22
	%	54,5%	13,6%	31,8%	100,0%
Europa do Leste	Nº	3	1	1	5
	%	60,0%	20,0%	20,0%	100,0%
América do Sul	Nº	1	0	1	2
	%	50,0%	,0%	50,0%	100,0%
Total	Nº	16	4	9	29
	%	55,2%	13,8%	31,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A análise da distribuição dos inquiridos que já viveram noutros países antes de vir para Portugal, segundo a nacionalidade do inquirido, permite-nos concluir que há uma tendência de migração para regiões onde há proximidades culturais, geográficas ou de origem política. É interessante verificar que na maior parte dos inquiridos com origem na Europa Ocidental ou Europa do Leste, o percurso migratório prévio passou por essa mesma sub-região continental – ou seja, 73% dos inquiridos com origem na Europa Ocidental já teve um percurso migratório prévio pela Europa Ocidental e 80% dos inquiridos da Europa do Leste migrou anteriormente para países da Europa do Leste.

No conjunto dos inquiridos da Europa Ocidental com experiências migratórias prévias, os percursos passam por todos os continentes – com maior importância na América do Norte (31,8%), seguido da América do Sul e África (13,7% em ambos os casos). Nos inquiridos da Europa do Leste, para além dos percursos dentro da mesma área continental, regista-se uma outra situação de migração para a Europa Ocidental. Nos dois inquiridos de origem na América do Sul com percursos migratórios prévios, um já havia migrado para outro país da América do Sul e o segundo elemento para outro país da Europa Ocidental.

**Quadro 18 – Inquiridos segundo a região continental em que residiram antes de vir para Portugal e a nacionalidade**

Regiões continentais onde residiu antes	Nacionalidade por regiões continentais			Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Sul		
África	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	4,5%	,0%	,0%	3,4%
América do Norte	N <sup>o</sup>	3	0	0	3
	%	13,6%	,0%	,0%	10,3%
América do Sul	N <sup>o</sup>	1	0	1	2
	%	4,5%	,0%	50,0%	6,9%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	0	4	0	4
	%	,0%	80,0%	,0%	13,8%
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	11	1	1	13
	%	50,0%	20,0%	50,0%	44,8%
Europa Ocidental e América do Norte	N <sup>o</sup>	2	0	0	2
	%	9,1%	,0%	,0%	6,9%
Europa Ocidental e América do Sul	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	4,5%	,0%	,0%	3,4%
Europa Ocidental, África e Ásia	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	4,5%	,0%	,0%	3,4%
Europa Ocidental, América do Norte e África	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	4,5%	,0%	,0%	3,4%
Oceânia, América do Norte, América do Sul	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	4,5%	,0%	,0%	3,4%
Total	N <sup>o</sup>	22	5	2	29
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Motivações para as migrações: perfis diferenciados em função da nacionalidade*

As razões que levam um indivíduo a sair do seu país de origem, estão relacionadas, sobretudo, com os motivos económicos e escassez de emprego (39,8%), procura de melhor qualidade de vida (15,5%) e reagrupamento familiar (13,6%). Desta forma, transparece claramente uma imigração de dois tipos: uma migração por motivos económicos, e uma migração por motivações de bem-estar<sup>5</sup>. Isto acontece porque os indivíduos oriundos da Europa de Leste se destacam como os que apontam em maior número as razões económicas (90,3%). Também nos inquiridos com origem africana e na América do Sul, a motivação económica surge como valor modal. Entre os inquiridos com origem na Europa Ocidental, altera-se significativamente o perfil: as motivações referenciadas em maior número são a procura de melhor qualidade de vida e o clima. Nos inquiridos da América do Norte a motivação mais referenciada é o reagrupamento familiar.

.....

5

Estas motivações que balizam a estruturação dos perfis de elite e de sobrevivência, são afloradas nas obras de Rocha-Trindade(1995) e de Fonseca et al. (2005).

Nos outros motivos, foram ainda referenciadas opções como: procura de uma vida mais calma, procura de descanso/gozar a reforma; motivos de saúde; procura de aventura; vontade de mudar de país.

Estes dados, vão ao encontro dos resultados do estudo de Rosa *et al.* (2003: 86), realizado sobre a realidade portuguesa: “Centrando a atenção em Portugal, enquanto país de acolhimento, é também inegável que não existe uma única componente de «atractividade». O factor económico, é sem dúvida importante, sendo disso exemplo a elevada concentração de indivíduos estrangeiros nas idades activas. Mas, o imigrante não é única e necessariamente um trabalhador à procura de um emprego. Outros factores (climáticos, linguísticos, familiares, político-legislativos, etc.), podem desempenhar um papel importante na decisão de migrar para Portugal.” É no quadro desta diversidade, que se desenham perfis demográficos e práticas sociais muito distintas entre os vários grupos migratórios em presença.

**Quadro 19 – Inquiridos segundo os motivos porque deixaram o seu país de origem e nacionalidade**

Motivo porque saiu do país de origem	Nacionalidade por regiões continentais					
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África	
Motivos económicos/emprego	Nº	7	28	1	4	1
	%	12,5%	90,3%	20,0%	44,4%	50,0%
Reunir-se à família	Nº	6	2	3	3	0
	%	10,7%	6,5%	60,0%	33,3%	,0%
Acompanhar os pais	Nº	2	0	1	0	1
	%	3,6%	,0%	20,0%	,0%	50,0%
Estudar	Nº	1	0	0	0	0
	%	1,8%	,0%	,0%	,0%	,0%
Motivos políticos	Nº	1	0	0	1	0
	%	1,8%	,0%	,0%	11,1%	,0%
Procura de qualidade de vida	Nº	14	0	1	1	0
	%	25,0%	,0%	20,0%	11,1%	,0%
Clima	Nº	11	0	0	0	0
	%	19,6%	,0%	,0%	,0%	,0%
Razões de ordem cultural	Nº	3	0	0	0	0
	%	5,4%	,0%	,0%	,0%	,0%
Apreciação das características de Portugal	Nº	3	0	0	0	0
	%	5,4%	,0%	,0%	,0%	,0%
Insegurança no país de origem	Nº	2	1	0	0	0
	%	3,6%	3,2%	,0%	,0%	,0%
Outros motivos	Nº	9	0	0	1	0
	%	16,1%	,0%	,0%	11,1%	,0%
Total	Nº	56	31	5	9	2

Nota: Percentagens baseadas nas respostas  
 Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A escolha de Portugal como destino de migração, está relacionada com o facto de se ter conhecimento de oportunidades de emprego (18,4%), a facilidade de entrada (14,6%) e o clima (12,6%).

Quando se observam as motivações que estão na origem da escolha de Portugal enquanto destino migratório, facilmente se evidencia a diferenciação nos perfis de imigrantes em função da nacionalidade. Na verdade, como de resto vem sendo corroborado por várias dimensões analíticas, e como era avançado no Diagnóstico Social de São Brás de Alportel, o concelho apresenta dois modelos distintos de migrações: as migrações de elite e as migrações de sobrevivência. No quadro das migrações de elite, inserem-se os imigrantes com origem na Europa Ocidental e América do Norte, onde se destacam motivações afectivas em relação ao país e uma percepção positiva sobre a qualidade de vida existente. Nos inquiridos com origem na Europa Ocidental, destacam-se como principais motivações para residir em Portugal, o facto de poder desfrutar de uma melhor qualidade de vida e a apreciação das características de Portugal (em ambos os casos, referenciado por 17,9% dos inquiridos desta nacionalidade). Em relação aos inquiridos com origem na América do Norte, o principal motivo relaciona-se com o facto de ter familiares em Portugal (60%), seguido do reagrupamento familiar (40%).

Não são essas as preocupações centrais que medeiam a escolha do país por parte dos imigrantes da Europa de Leste, da América do Sul e de África, que enquadraríamos no perfil de migração por sobrevivência<sup>6</sup>. Na verdade, nestes casos destaca-se uma dimensão legal, ou seja, a facilidade de entrada é referenciada como uma das principais motivações seja nos inquiridos com origem na Europa do Leste, como naqueles com origem na América do Sul. Uma das principais motivações para residir em Portugal, relaciona-se com o conhecimento acerca das oportunidades de emprego no país (valor modal nos inquiridos com origem na Europa do Leste e de África).

.....

6

No caso dos inquiridos com origem africana as conclusões são deveras cautelosas. Embora vá apresentando um perfil migratório não muito distinto daquele verificado no conjunto dos inquiridos e famílias com origem na Europa do Leste e na América do Sul, certo é que se tratam apenas de dois casos, não se podendo tirar conclusões representativas do grupo a partir das situações referenciadas.

**Quadro 20 – Inquiridos segundo os motivos da migração para Portugal e nacionalidade**

Motivo de opção por migrar para Portugal	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Conhecimento da língua	Nº	1	0	0	2	0	3
	%	1,8%	,0%	,0%	22,2%	,0%	
Ascendência portuguesa/família portuguesa	Nº	3	0	3	2	0	8
	%	5,4%	,0%	60,0%	22,2%	,0%	
Facilidade de entrada	Nº	1	11	0	3	0	15
	%	1,8%	35,5%	,0%	33,3%	,0%	
Proximidade cultural	Nº	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	3,2%	,0%	,0%	,0%	
Reagrupamento familiar	Nº	2	5	2	1	1	11
	%	3,6%	16,1%	40,0%	11,1%	50,0%	
Acompanhar os pais	Nº	5	0	0	0	1	6
	%	8,9%	,0%	,0%	,0%	50,0%	
Teve conhecimento de oportunidades de emprego em Portugal	Nº	0	16	0	2	1	19
	%	,0%	51,6%	,0%	22,2%	50,0%	
Clima	Nº	9	3	1	0	0	13
	%	16,1%	9,7%	20,0%	,0%	,0%	
Razões de ordem cultural (pelas pessoas)	Nº	5	0	0	0	0	5
	%	8,9%	,0%	,0%	,0%	,0%	
Melhor qualidade de vida	Nº	10	0	1	0	0	11
	%	17,9%	,0%	20,0%	,0%	,0%	
Apreciação das características de Portugal	Nº	10	0	0	0	0	10
	%	17,9%	,0%	,0%	,0%	,0%	
Apreciação de Portugal após uma primeira estadia de férias	Nº	6	0	0	0	0	6
	%	10,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	
Ter amigos em Portugal	Nº	3	3	0	0	0	6
	%	5,4%	9,7%	,0%	,0%	,0%	
Outros motivos	Nº	9	2	0	3	0	14
	%	16,1%	6,5%	,0%	33,3%	,0%	
Total	Nº	56	31	5	9	2	

Nota: Percentagens baseadas nas respostas  
 Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

As motivações de opção por S. Brás de Alportel para viver, não variam significativamente face às motivações de opção por Portugal – dado que muitos dos inquiridos vieram viver directamente para o concelho, é de esperar que o balanço das expectativas seja sempre feito com base na experiência tida localmente.

No primeiro motivo escolhido, as duas opções mais referenciadas foram a localização do concelho (o facto de se tratar de um espaço com qualidade para viver), referenciado por 21,4% dos inquiridos, e a proximidade face ao local de trabalho, assinalado em 20,4% dos casos. No segundo motivo de opção pelo concelho, mantém-se a referência à localização, a que acrescem as características do concelho. Com menor número de respostas, foi referenciado um terceiro motivo para

residir em Portugal , em que os dois mais assinalados foram: pelas suas características e a proximidade face a familiares e amigos.

Embora não sejam muitas as respostas a outras motivações não contempladas no questionário, sublinham-se aquelas que foram referenciadas algumas vezes pelos inquiridos: o facto de S. Brás não ser um concelho turístico; a habitação (não sendo referenciado qualquer aspecto em particular); a qualidade do ensino; e, ainda, o facto de ter sido completamente casual a opção por residir no concelho.

Na análise das motivações de opção pelo concelho, segundo a nacionalidade do inquirido, registam-se, mais uma vez, algumas diferenças<sup>7</sup>.

Nos inquiridos com origem na Europa Ocidental, na identificação do primeiro motivo de opção pelo concelho, o elemento mais referenciado foi a localização (32,1%), a que acrescem, como segundo motivo mais importante, as características do concelho e, na terceira motivação, a proximidade face a familiares e amigos.

A dimensão económica e os laços afectivos, parecem ser dimensões mais valorizadas nos inquiridos com origem na Europa do Leste. Na primeira motivação pela opção de residência no concelho de S. Brás de Alportel, os dois elementos mais referenciados foram: a proximidade face ao local de emprego (48,4%) e a proximidade face aos familiares e amigos (25,8%). No segundo motivo, mantêm-se estas opções como das mais referenciadas, se bem que adquira primazia a opção pela localização – o facto de ser um espaço com qualidade para viver. No terceiro motivo surge uma outra opção – a de S. Brás ter bons acessos viários.

No conjunto dos inquiridos com origem na América do Norte, as principais referências no primeiro motivo de opção por S. Brás de Alportel para residir, prendem-se com o facto de aí terem familiares e amigos, mas também por terem propriedades familiares no concelho. No segundo motivo, aparece ainda referenciada a localização – o facto do concelho estar próximo de grandes centros urbanos – e a qualidade mais elevada nas habitações existentes. Por fim, no terceiro motivo, identificam-se as características do concelho (o facto de ser um espaço pequeno e acolhedor).

O perfil daqueles que têm origem na América do Sul é muito próximo daqueles com origem na Europa do Leste. Assim, evidencia-se que, na primeira motivação, o aspecto mais referenciado é o facto de ficar próximo do local de emprego (55,6%), seguido da proximidade a familiares e amigos (22,2%). No segundo e terceiro motivos de escolha do concelho de S. Brás para residir, referenciam-se as características do concelho.

7

Vide Quadro A5 em Anexo.

Por fim, nos inquiridos com origem em África, evidencia-se um perfil completamente distinto. Na primeira motivação para residência no concelho destaca-se a proximidade a familiares e amigos, na segunda motivação, as características do concelho, e, na terceira, destaca-se a opção de escolha do concelho pelos bens e serviços que oferece. Em qualquer destes casos, apenas se contabilizou uma resposta.

**Quadro 21 – Inquiridos segundo os motivos que estão na origem da opção pela residência no concelho de SBA**

Motivos que estão na origem da opção pela residência no concelho de São Brás de Alportel	Primeiro motivo		Segundo motivo		Terceiro motivo		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Localização - espaço com qualidade para viver	22	21,4	18	17,5	5	4,9	45	43,7
Proximidade face ao local de emprego	21	20,4	6	5,8	4	3,9	31	30,1
Proximidade face a familiares ou amigos	16	15,5	7	6,8	6	5,8	29	28,2
Pelas suas características - por ser um espaço pequeno e acolhedor	11	10,7	16	15,5	7	6,8	34	33
Preços mais baixos na habitação	10	9,7	5	4,9	1	1,0	16	15,5
Existência de propriedade(s) familiar(es) no concelho	6	5,8	1	1,0	2	1,9	9	8,7
Localização – proximidade dos grandes centros urbanos	2	1,9	5	4,9	4	3,9	11	10,7
Qualidade mais elevada nas habitações existentes	1	1,0	2	1,9	2	1,9	4	3,9
Pelos bens e serviços que oferece	1	1,0	2	1,9	5	4,9	8	7,8
Bons acessos viários	0	0,0	0	0,0	3	2,9	3	2,9
Outro motivo	13	12,6	1	1,0	3	2,9	17	16,5
<b>Total</b>	<b>103</b>	<b>100,0</b>	<b>63</b>	<b>61,2</b>	<b>42</b>	<b>40,8</b>	<b>103</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *O recurso a poupanças próprias para efectivar os percursos migratórios*

Relativamente à forma como os inquiridos angariaram dinheiro para efectivar o percurso migratório, a tendência é a de recurso a poupanças próprias. Por nacionalidade, registam-se pequenas nuances a esta tendência.

No caso dos inquiridos com origem na Europa Ocidental, destaca-se, igualmente, a venda de bens próprios para se poderem deslocar para o país. O questionário não nos permite aferir das razões desse recurso e quais as racionalidades que estão por detrás destas opções, quando se sabe que as razões que os faz virem para Portugal não se prendem com motivações económicas. No entanto, a venda de bens pode servir de suporte à aquisição de habitação no concelho, sem estarem dependentes de outras formas de financiamento.

Quanto aos inquiridos com origem na Europa do Leste, a segunda forma de angariação de dinheiro mais referenciada, foi o recurso a familiares que estão no país de origem. No caso daqueles com origem na América do Norte, o segundo elemento mais referenciado foi o recurso a familiares que estão em Portugal. Nos inquiridos com origem na América do Sul, a segunda situação mais referenciada foi o recurso a outra forma de financiamento da viagem – que, num caso, se reporta ao recurso a um empréstimo feito por um amigo e noutra na oferta do bilhete de avião por parte de um amigo. Por fim, nos inquiridos com origem em África, para além de se referir o recurso a poupanças próprias, acresce o recurso a familiares.

**Quadro 22 – Inquiridos segundo a forma como angariaram dinheiro para a viagem para Portugal**

Forma de angariação de dinheiro para a viagem	Nacionalidade por regiões continentais					
		Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África
Através de familiares que estão no país de origem	Nº	0	5	0	0	1
	%	,0%	16,1%	,0%	,0%	50,0%
Através de familiares que estão em Portugal	Nº	0	2	1	1	1
	%	,0%	6,5%	20,0%	11,1%	50,0%
Poupanças próprias	Nº	44	21	4	5	0
	%	78,6%	67,7%	80,0%	55,6%	,0%
Venda de bens próprios	Nº	17	0	0	0	0
	%	30,4%	,0%	,0%	,0%	,0%
Por empréstimo bancário	Nº	0	1	0	1	0
	%	,0%	3,2%	,0%	11,1%	,0%
Por outro tipo de empréstimos	Nº	1	2	0	0	0
	%	1,8%	6,5%	,0%	,0%	,0%
Outra forma de financiamento da viagem	Nº	0	1	0	2	0
	%	,0%	3,2%	,0%	22,2%	,0%
<b>Total</b>	<b>Nº</b>	<b>56</b>	<b>31</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>2</b>

Nota: Percentagens baseadas nas respostas  
 Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Inquiridos com situação regularizada no país e intenção de manutenção da nacionalidade de origem*

Em primeiro lugar, é necessário referir que não se inquiriram imigrantes com a situação irregular, dado recearem que a sua situação pudesse ficar prejudicada. Por essa razão, verifica-se que a maioria (93,2%) tem a situação regularizada, e apenas uma pequena percentagem aguarda decisão. Desses, cinco têm origem na Europa Ocidental (Alemanha e Reino Unido) e dois são do Brasil. Os motivos que se referenciam para estarem a aguardar decisão são: o facto de não ter conseguido um contrato de trabalho; e, falta de documentos de identidade.

**Quadro 23 - Inquiridos segundo a situação regularizada em Portugal**

Situação regularizada em Portugal	Nº	%	% Acumulada
Sim	96	93,2%	93,2%
Aguarda decisão	7	6,8%	100,0%
Total	103	100,0%	

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A temporalidade da situação regularizada em Portugal, relaciona-se directamente com o tempo de residência em Portugal. A maioria dos inquiridos (43,8%), tem a situação regularizada entre cinco a 10 anos, com excepção dos imigrantes oriundos de Cabo Verde, que já se regularizaram há 10 ou mais anos. Tal facto, pode estar relacionado com os fluxos migratórios que se registaram, há largos anos, das ex-colónias para Portugal (Marques, 2005). Entre os inquiridos que têm a sua situação regularizada há mais de 10 anos, destacam-se aqueles com origem na Europa Ocidental – com uma representação 29,4% do total de inquiridos deste grupo de nacionalidade.

**Quadro 24 - Inquiridos segundo o número de anos com a situação regularizada em Portugal e a nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais	Há quantos anos tem a situação regularizada				Total	
	Inferior a 1 ano	Até 5 anos	De 5 a 10 anos	10 anos e mais		
Europa Ocidental	Nº	1	16	19	15	51
	%	2,0%	31,4%	37,3%	29,4%	100,0%
Europa do Leste	Nº	0	13	18	0	31
	%	,0%	41,9%	58,1%	,0%	100,0%
América do Norte	Nº	1	0	2	2	5
	%	20,0%	,0%	40,0%	40,0%	100,0%
América do Sul	Nº	0	3	3	1	7
	%	,0%	42,9%	42,9%	14,3%	100,0%
África	Nº	0	0	0	2	2
	%	,0%	,0%	,0%	100,0%	100,0%
Total	Nº	2	32	42	20	96
	%	2,1%	33,3%	43,8%	20,8%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No que diz respeito à obtenção dos documentos, 24,3% teve de pagar para ser auxiliado no tratamento dos documentos. No entanto, entre os que sentiram necessidade em pagar a alguém este serviço, destaca-se uma percentagem importante de indivíduos com origem na Europa Ocidental (30,4% dos indivíduos desta região continental), que pode dever-se a constrangimentos na expressão oral e escrita, mas também pode ter origem noutros factores não explorados no questionário. Na verdade, não se registam diferenças significativas entre o domínio da língua e o ter pago a alguém para ajudar com os documentos, pelo que outros elementos poderão justificar esse recurso<sup>8</sup>.

**Quadro 25 – Inquiridos segundo a opção de ter pago a alguém para o(a) ajudar com os documentos**

Nacionalidade por regiões continentais		Se teve de pagar a alguém para o(a) ajudar com os documentos		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	17	39	56
	%	30,4%	69,6%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	6	25	31
	%	19,4%	80,6%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	1	4	5
	%	20,0%	80,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	0	9	9
	%	,0%	100,0%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	50,0%	50,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	25	78	103
	%	24,3%	75,7%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Quando os indivíduos são inquiridos sobre a intenção de obter nacionalidade portuguesa, 22,3% manifesta-se de forma positiva. Em complemento, verifica-se que 6,8% já tem nacionalidade portuguesa. Curiosamente, entre o grupo de imigrantes que denominamos de “sobrevivência”, encontramos uma maior representação daqueles que pretendem obter nacionalidade portuguesa – 35,5% dos inquiridos de origem da Europa do Leste, 55,6% dos inquiridos da América do Sul, e todos os inquiridos de origem africana.

<sup>8</sup>

Vide Quadro A6 em Anexo.

**Quadro 26 – Intenção em obter a nacionalidade portuguesa**

Nacionalidade por regiões continentais	Se pretende obter a nacionalidade portuguesa				Total	
	Sim	Aguarda decisão	Não	Já tem		
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	5	0	49	2	56
	%	8,9%	,0%	87,5%	3,6%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	11	3	17	0	31
	%	35,5%	9,7%	54,8%	,0%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	0	1	1	3	5
	%	,0%	20,0%	20,0%	60,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	5	1	1	2	9
	%	55,6%	11,1%	11,1%	22,2%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	2	0	0	0	2
	%	100,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	23	5	68	7	103
	%	22,3%	4,9%	66,0%	6,8%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

As motivações que são apresentadas para os inquiridos pretenderem obter nacionalidade portuguesa, são bastante diversas, pese embora a mais referenciada seja o facto de se sentirem nacionais (apresentado em 29,6% dos casos). Com importância, ainda se referencia a procura de uma maior integração, assim como a facilitação da emigração (18,5% em cada uma das situações), identificado em praticamente todos os casos por imigrantes de Leste<sup>9</sup>. As outras razões referenciadas para a vontade em obter a nacionalidade portuguesa foram: opção de residência definitiva em Portugal; gosto pelo país; motivações de ordem familiar; e, para ter duas nacionalidades.

**Quadro 27 – Inquiridos segundo as razões para a obtenção da nacionalidade portuguesa**

Razões para a obtenção da nacionalidade portuguesa	N <sup>o</sup>	%
Sente-se português/portuguesa	8	29,6%
Para estar mais integrado(a)	5	18,5%
Facilitar a emigração	5	18,5%
Motivos profissionais	4	14,9%
Outra razão	5	18,5%
Total	22	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

9

Vide Quadro A7 em Anexo.

Contudo, a maioria dos indivíduos (66,0%) não pretende obter a nacionalidade portuguesa, por não sentir necessidade, igualmente referenciado em mais de metade das situações, tratando-se, na sua maioria imigrantes que vêm da Holanda, Alemanha e Reino Unido. Uma outra opção identificada com maior frequência, refere-se ao facto do país de origem não permitir ter duas nacionalidades. Neste caso, estão sobretudo os imigrantes oriundos da Ucrânia<sup>10</sup>.

.....  
**10**

Vide Quadro A8 em Anexo.

## 5. AS QUALIFICAÇÕES DAS FAMÍLIAS, O CONHECIMENTO DE LÍNGUAS E AS NECESSIDADES FORMATIVAS

*Parte importante dos elementos das famílias a estudar e com níveis elevados de escolaridade*

**R**elativamente à frequência escolar, 27,4% dos elementos das famílias dos inquiridos frequenta um estabelecimento de ensino. Tal valor, é justificado pelo facto de 75% dos filhos destes imigrantes ainda estarem a frequentar a escola. A frequência escolar, não é apenas um elemento que pode possibilitar a mobilidade social nestes grupos, mas também apoiar na sua integração na comunidade. O facto de encontrarmos nove inquiridos a estudar, pode ter justificação nesses mesmos factores.

**Quadro 28 – Elementos dos agregados familiares, segundo a frequência de algum estabelecimento de ensino**

Elementos do agregado	Se frequenta algum estabelecimento de ensino			
	Sim	Não	Total	
	N <sup>o</sup>	9	94	103
	%	8,7%	91,3%	100%
Cônjuge/companheiro(a)	N <sup>o</sup>	2	75	77
	%	2,6%	97,4%	100,0%
Filho(a)	N <sup>o</sup>	60	20	80
	%	75,0%	25,0%	100,0%
Enteado(a)	N <sup>o</sup>	2	2	4
	%	50,0%	50,0%	100,0%
Pai ou mãe	N <sup>o</sup>	0	2	2
	%	,0%	100,0%	100,0%
Irmã(o)	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	50,0%	50,0%	100,0%
Cunhado(a)	N <sup>o</sup>	0	1	1
	%	,0%	100,0%	100,0%
Outro	N <sup>o</sup>	0	1	1
	%	,0%	100,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	74	196	270
	%	27,4%	72,6%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Ao passo que, em 2001, em São Brás de Alportel, 12,1% da população não detinha qualquer nível de ensino, essa representação desce para

2,4% no conjunto das famílias dos imigrantes. Praticamente 40% da população tinha, no último censo, frequentado ou completado o 1º ciclo de ensino, quando nas famílias dos imigrantes mais de 60% completou, no mínimo, o ensino secundário. As diferenças nas qualificações da população do concelho e as das famílias dos imigrantes são contrastantes: 7,7% da população tinha o ensino secundário completo, nas famílias dos imigrantes 29,3% tinha esse nível de ensino; 3,3% da população havia completado a licenciatura, nas famílias dos imigrantes esse valor cifra-se em 17,9%.

Conclui-se pela existência de diferenças significativas entre os níveis de escolaridade frequentados e os grupos de nacionalidade. É nas famílias de imigrantes em que o inquirido provém da Europa - Ocidental e de Leste - e na América do Norte, que se encontram níveis de qualificação mais elevados da população. Nas famílias em que o inquirido tem origem na Europa, mais de 30% frequentou, no mínimo o ensino médio. Mais de 40% dos elementos das famílias com origem na Europa do Leste e América do Norte frequentou o ensino secundário. Nas famílias cujo inquirido tem origem em Cabo Verde a escolaridade máxima atingida é o ensino secundário. Nas famílias com origem na América do Sul, aproximadamente metade das pessoas frequentou o 3º ciclo e ensino secundário.

**Quadro 29 – Elementos dos agregados e população de São Brás de Alportel (2001)  
segundo o nível de ensino (incompleto ou completo)**

Nível de ensino que frequenta ou o mais elevado que frequentou	Elementos dos agregados familiares		Total	População de São Brás de Alportel 2001
	Inquirido	Restantes Elementos		
Nenhuma	N <sup>o</sup>	0	6	1.212
	%	0%	3,97%	12,08%
Ensino Pré-Escolar	N <sup>o</sup>	0	3	162
	%	0%	1,99%	1,61%
Básico – 1.º ciclo	Incompleto	N <sup>o</sup>	15	16
		%	9,93%	6,30%
	Completo	N <sup>o</sup>	6	8
		%	3,97%	3,15%
Básico – 2.º ciclo	Incompleto	N <sup>o</sup>	14	15
		%	9,27%	5,91%
	Completo	N <sup>o</sup>	1	1
		%	0,66%	0,39%
Básico – 3.º ciclo	Incompleto	N <sup>o</sup>	17	17
		%	11,26%	6,69%
	Completo	N <sup>o</sup>	13	17
		%	8,61%	6,69%
Secundário	Incompleto	N <sup>o</sup>	12	19
		%	7,95%	7,48%
	Completo	N <sup>o</sup>	36	73
		%	23,84%	28,74%
Médio	Incompleto	N <sup>o</sup>	1	2
		%	0,66%	0,79%
	Completo	N <sup>o</sup>	9	22
		%	5,96%	8,66%
Bacharelato	Incompleto	N <sup>o</sup>	0	1
		%	0,00%	0,39%
	Completo	N <sup>o</sup>	1	5
		%	0,66%	1,97%
Licenciatura	Incompleto	N <sup>o</sup>	0	2
		%	0,00%	0,79%
	Completo	N <sup>o</sup>	16	44
		%	10,60%	17,32%
Mestrado	Incompleto	N <sup>o</sup>	0	0
		%	0,00%	0,00%
	Completo	N <sup>o</sup>	0	1
		%	0,00%	0,39%
Doutoramento	Incompleto	N <sup>o</sup>	0	0
		%	0,00%	0,00%
	Completo	N <sup>o</sup>	1	2
		%	0,66%	0,79%
Total	N <sup>o</sup>	103	151	254
	%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro 30 – Elementos dos agregados segundo o nível de ensino frequentado e completo e nacionalidade do inquirido**

Nível de ensino que frequenta ou o mais elevado que frequentou	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Nenhuma	N <sup>o</sup>	2	2	0	1	1	6
	%	1,5%	2,7%	,0%	3,8%	9,1%	2,4%
Pré-escolar	N <sup>o</sup>	1	1	0	1	0	3
	%	,8%	1,3%	,0%	3,8%	,0%	1,2%
Básico – 1.º ciclo	N <sup>o</sup>	9	4	0	7	4	24
	%	6,8%	5,3%	,0%	26,9%	36,4%	9,4%
Básico – 2.º ciclo	N <sup>o</sup>	9	5	1	1	0	16
	%	6,8%	6,7%	11,1%	3,8%	,0%	6,3%
Básico – 3.º ciclo	N <sup>o</sup>	19	5	2	5	3	34
	%	14,3%	6,7%	22,2%	19,2%	27,3%	13,4%
Secundário	N <sup>o</sup>	44	33	4	8	3	92
	%	33,1%	44,0%	44,4%	30,8%	27,3%	36,2%
Médio	N <sup>o</sup>	14	10	0	0	0	24
	%	10,5%	13,3%	,0%	,0%	,0%	9,4%
Bacharelato	N <sup>o</sup>	4	1	1	0	0	6
	%	3,0%	1,3%	11,1%	,0%	,0%	2,4%
Licenciatura	N <sup>o</sup>	28	14	1	3	0	46
	%	21,1%	18,7%	11,1%	11,5%	,0%	18,1%
Mestrado	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	,8%	,0%	,0%	,0%	,0%	,4%
Doutoramento	N <sup>o</sup>	2	0	0	0	0	2
	%	1,5%	,0%	,0%	,0%	,0%	,8%
Total	N <sup>o</sup>	133	75	9	26	11	254
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No que diz respeito à área do ensino superior, verifica-se que é na área de ciências sociais, comércio e direito (20,7%) e a engenharia, indústrias transformadoras e construção (27,6%), em que estão inseridos a maioria dos elementos dos agregados familiares com ensino superior completo. São observáveis diferenças entre as nacionalidades. Entre os elementos os agregados com origem na Europa do Leste, metade tem formação na área das engenharias. Nas famílias em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental, o valor modal recai sobre a formação nas áreas das ciências sociais, comércio e direito. Nas outras nacionalidades o número de respostas não permite tirar conclusões tendenciais<sup>11</sup>.

<sup>11</sup>

Vide Quadro A9 em Anexo.

**Quadro 31 – Inquiridos e restantes elementos dos agregados familiares segundo a área de formação superior**

Classificação das áreas de formação	Distinção elementos agregado		
	Inquirido	Restantes elementos	Total
Educação	N <sup>o</sup> 6	2	8
	% 16,2%	9,5%	13,8%
Artes e humanidades	N <sup>o</sup> 4	2	6
	% 10,8%	9,5%	10,3%
Ciências sociais, comércio e direito	N <sup>o</sup> 7	5	12
	% 18,9%	23,8%	20,7%
Ciências, matemática e informática	N <sup>o</sup> 4	1	5
	% 10,8%	4,8%	8,6%
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	N <sup>o</sup> 8	8	16
	% 21,6%	38,1%	27,6%
Saúde e protecção social	N <sup>o</sup> 4	2	6
	% 10,8%	9,5%	10,3%
Serviços	N <sup>o</sup> 3	1	4
	% 8,1%	4,8%	6,9%
Desconhecido ou não especificado	N <sup>o</sup> 1	0	1
	% 2,7%	,0%	1,7%
Total	N <sup>o</sup> 37	21	58
	% 100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *O domínio de outras línguas a par da importância daqueles que não o português*

A maioria da população imigrante inquirida, considera dominar outras línguas (58,7%), para além da sua língua natal. Verifica-se que existem diferenças significativas entre o domínio da língua e o grupo de nacionalidade de origem dos inquiridos. É nas famílias em que o inquirido tem origem na Europa do Leste, que se verifica um maior domínio de outras línguas (71,1%), seguido daqueles com origem na América do Norte (66,7%). É no conjunto dos cabo-verdianos e dos brasileiros, que se regista uma maior representação daqueles que não dominam outras línguas – 65,5% no primeiro caso e 75% no segundo. De resto, para estes últimos grupos de imigrantes, o problema do domínio da língua portuguesa não se coloca.

**Quadro 32 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e o domínio de outras línguas**

Nacionalidade por regiões continentais		Se domina outras línguas		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	83	55	138
	%	60,1%	39,9%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	59	24	83
	%	71,1%	28,9%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	6	3	9
	%	66,7%	33,3%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	10	19	29
	%	34,5%	65,5%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	3	9	12
	%	25,0%	75,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	161	110	271
	%	59,4%	40,6%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

É preciso referir que, no conjunto dos cabo-verdianos e dos brasileiros, há o domínio do português (41 elementos). No entanto, dos restantes elementos dos agregados apenas 101 (em 230 que não têm como língua materna o português) domina a língua portuguesa, ou seja, apenas em 43,9% dos casos existe o domínio da língua do país de destino. É sabido que a língua é um dos elementos centrais para a integração dos imigrantes. Este indicador não deve deixar de ser um elemento a reflectir para a intervenção futura no domínio formativo.

O tempo de residência em Portugal, também se apresenta como um factor com influência no domínio da língua, o que é um acontecimento expectável. Há uma variação significativa entre o número de anos em que os inquiridos residem em Portugal e o domínio actual da língua portuguesa. Os que actualmente dominam a língua nacional, estão, em média, há mais de 11 anos em Portugal, quando os que não dominam residem em Portugal, em média, há cerca de sete anos.

Na verdade, verifica-se que os imigrantes que estão há menos de cinco anos em Portugal, são os que menos dominam a língua. À medida que aumenta o tempo de permanência no país, aumenta a percentagem daqueles que dominam a língua portuguesa. De qualquer modo, ainda se verifica uma percentagem relevante de indivíduos que permanece sem domínio da língua, o que requer uma actuação específica a este nível, por parte das entidades formadores e educativas do concelho. É sabido que a língua é o meio fundamental de comunicação na sociedade. Tal levará a crer que muitos destes elementos cinjam a sua comunicação ao meio familiar ou então a grupos de imigrantes que dominem a sua língua.

**Quadro 33 – Inquiridos segundo o domínio da língua portuguesa e número de anos de residência em Portugal**

<b>Nº de anos de residência em Portugal</b>	<b>Nº de elementos com domínio da língua portuguesa segundo os anos de residência em Portugal</b>	<b>Nº de elementos segundo os anos de residência em Portugal</b>	<b>% de domínio da língua</b>
<= 5	10	19	52,6
6 - 10	37	57	64,9
11 - 15	9	10	90,0
16 - 20	4	5	80,0
21 - 25	5	6	83,3
26 e mais anos	6	6	100
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>32</b>	<b>68,9</b>

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No conjunto daqueles que dominam outra língua, é nas famílias em que os inquiridos têm origem na Europa do Leste que se verifica o domínio mais generalizado da língua portuguesa (76,3%). Para aqueles com origem nesta região, a segunda língua com maior domínio é o russo (62,7%). Naqueles casos cuja origem do inquirido é a Europa Ocidental, a língua que é do domínio de maior número de pessoas é o português (65,1%) seguida do inglês (60,2%). No conjunto dos elementos com origem na América do Norte, as línguas em que se regista um domínio mais generalizado, são o espanhol e o inglês (em ambos os casos com 83,3% de representação). Por fim, os elementos com origem na América do Sul dominam, na maioria, o inglês e aqueles com origem em África, a língua mais referenciada é o crioulo.

**Quadro 34 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e as línguas que dominam**

Língua que domina	Nacionalidade por regiões continentais					
		Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África
Português	Nº	54	45	2	0	0
	%	65,1%	76,3%	33,3%	,0%	,0%
Inglês	Nº	50	12	5	7	1
	%	60,2%	20,3%	83,3%	70,0%	33,3%
Francês	Nº	29	1	1	3	0
	%	34,9%	1,7%	16,7%	30,0%	,0%
Espanhol	Nº	3	6	5	3	0
	%	3,6%	10,2%	83,3%	30,0%	,0%
Indígena	Nº	0	0	0	1	0
	%	,0%	,0%	,0%	10,0%	,0%
Italiano	Nº	0	1	1	0	0
	%	,0%	1,7%	16,7%	,0%	,0%
Ucraniano	Nº	0	14	0	0	0
	%	,0%	23,7%	,0%	,0%	,0%
Russo	Nº	0	37	0	0	0
	%	,0%	62,7%	,0%	,0%	,0%
Alemão	Nº	23	4	0	1	0
	%	27,7%	6,8%	,0%	10,0%	,0%
Polaco	Nº	1	5	0	0	0
	%	1,2%	8,5%	,0%	,0%	,0%
Flamengo	Nº	3	0	0	0	0
	%	3,6%	,0%	,0%	,0%	,0%
Holandês	Nº	6	0	0	0	0
	%	7,2%	,0%	,0%	,0%	,0%
Turco	Nº	0	3	0	0	0
	%	,0%	5,1%	,0%	,0%	,0%
Crioulo	Nº	1	0	0	0	2
	%	1,2%	,0%	,0%	,0%	66,7%
Romeno	Nº	0	2	0	0	0
	%	,0%	3,4%	,0%	,0%	,0%
Grego	Nº	1	0	0	0	0
	%	1,2%	,0%	,0%	,0%	,0%
Total	Nº	83	59	6	10	3

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008  
(Nota: Questão de resposta múltipla. As percentagens e os totais são baseados nos respondentes)

## *Níveis diferenciados de aprendizagem da língua portuguesa, em função da nacionalidade e do tempo de residência em Portugal*

A aprendizagem da língua portuguesa, deve ser encarada como um importante instrumento de integração, tanto profissional, porque possibilita ao indivíduo de nacionalidade estrangeira informar-se sobre o acesso a melhores empregos ou o conhecimento e reivindicação de direitos consagrados, como social, uma vez que permite o estabelecimento de redes sociais com a população do local de acolhimento.

Quando questionados sobre o domínio da língua portuguesa, mais de dois terços dos inquiridos refere que domina a língua, não se registando diferenças significativas entre o domínio da língua e a nacionalidade. Dentro dos que não têm o português como língua oficial no país de origem, aqueles que mais referem dominar a língua, são os provenientes da América do Norte (80%)<sup>12</sup>, seguidos dos imigrantes da Europa de Leste (71%).

Dos inquiridos que dominam actualmente a língua portuguesa, 19,7% já estavam familiarizados com a língua quando chegaram a Portugal. Em todos os grupos de imigrantes, independentemente da nacionalidade, verifica-se que há um maior domínio do português actualmente, por comparação ao momento da chegada a Portugal. Esta evolução é visível na representação dos que não dominavam a língua portuguesa no momento de chegada (80,3%) e na percentagem dos que afirmam dominar a língua portuguesa no presente.

No conjunto dos que consideram ainda não dominar a língua, metade tem origem no Reino Unido. No entanto, deve salientar-se que, à chegada a Portugal, nenhum dos imigrantes oriundos deste país dominava o português.

Corroborando algumas ideias de senso comum, confirma-se que, no conjunto dos imigrantes provindos da Europa do Leste, apesar de chegarem a Portugal, na sua maioria, sem dominar a língua do país, a sua maioria considera que actualmente domina o português. De resto, estes dados relacionam-se com o perfil de imigração que caracteriza os grupos vindos de diferentes países. O facto dos imigrantes de Leste procurarem, em Portugal, o seu contexto para subsistência, exige que entrem em contacto directo com nacionais no seu contexto de trabalho. A aprendizagem do português torna-se, simultaneamente, uma exigência e uma necessidade.

.....  
**12**

Veja-se que na questão aberta, apenas 33,3% havia referenciado a língua portuguesa como sendo uma língua com domínio. Vide Quadro 34. Tal pode associar-se ao nível de domínio da língua que será analisado de seguida.

**Quadro 35 – Inquiridos segundo o domínio actual da língua portuguesa e anterior à chegada a Portugal**

Nacionalidade	Hoje domina a língua portuguesa			Total
	Sim		Não	
	Domínio da língua portuguesa antes de chegar a Portugal			
Bélgica	2	0	0	2
Brasil	9	7	0	9
Canadá	2	1	0	2
Cabo Verde	2	1	0	2
Espanha	0	0	1	1
EUA	2	1	1	3
França	4	0	0	4
Holanda	4	2	2	6
Alemanha	10	1	3	13
Roménia	1	0	0	1
Reino Unido	12	0	16	28
Suiça	2	1	0	2
República Moldávia	3	0	0	3
Rússia	2	0	3	5
Ucrânia	16	1	6	22
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>15</b>	<b>32</b>	<b>103</b>

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

É nos inquiridos com origem na Europa que se observa a maior representação de indivíduos que utilizam a língua natal para comunicar em casa – 60% nos inquiridos com origem na Europa Ocidental e 59,1% nos inquiridos da Europa do Leste. A utilização exclusiva da língua portuguesa, é generalizada em todos os brasileiros inquiridos, e maioritária nos inquiridos de Cabo Verde.

Deve referir-se, no entanto, que é importante a representação no respeitante à utilização de ambas as línguas – portuguesa e língua natal – para comunicar em casa. A utilização de ambas as línguas para comunicar, dá-se, na maior parte dos casos, entre agregados populacionais com filhos jovens. A sua integração no meio escolar, será uma via para que o conhecimento da língua

portuguesa por parte dos pais se vá tornando como um imperativo no acompanhamento do percurso dos seus filhos. Sabe-se que, nestes casos, os elementos mediadores desta comunicação são, sem dúvida, os filhos que passam pela frequência de escolas nacionais, o que se estará a reflectir na utilização de diferentes línguas na comunicação familiar. Não há diferenças significativas na análise da relação entre a língua que se utiliza para comunicar em casa e o número de anos em que se reside no país

**Quadro 36 – Inquiridos segundo a língua utilizada para comunicar em casa e a nacionalidade do inquirido**

Nacionalidade por regiões continentais	Língua em que costuma comunicar em casa			Total	
	A língua natal	A língua portuguesa	Ambas		
Europa Ocidental	Nº	21	2	12	35
	%	60,0%	5,7%	34,3%	100,0%
Europa do Leste	Nº	13	4	5	22
	%	59,1%	18,2%	22,7%	100,0%
América do Norte	Nº	0	2	2	4
	%	,0%	50,0%	50,0%	100,0%
América do Sul	Nº	0	7	0	7
	%	,0%	100,0%	,0%	100,0%
África	Nº	0	1	1	2
	%	,0%	50,0%	50,0%	100,0%
Total	Nº	34	16	20	70
	%	48,6%	22,9%	28,5%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Um domínio razoável da língua portuguesa na oralidade, leitura e escrita, mas com diferenças entre as nacionalidades*

Considerou-se pertinente avaliar as competências linguísticas da população imigrante, no que se refere à expressão oral, capacidade de leitura e expressão escrita, uma vez que a compreensão da língua portuguesa permite “criar e manter formas de relacionamento com a população autóctone e a aquisição de informações sobre as oportunidades existentes nas diversas esferas sociais (oportunidades culturais, económicas, etc.)” (Baganha *et al.*, 2004:106).

Parte importante dos elementos das famílias dos inquiridos, domina razoavelmente a língua portuguesa, quer no plano da expressão oral (42,5%) e escrita (39,2%), quer no plano da leitura (43,3%). Identifica-se um maior domínio na leitura do que na oralidade – 34,1% dos elementos dos agregados tem um domínio muito elevado do português na oralidade e 11,1% tem um domínio

muito fraco; em contrapartida, 36,1% revela ter grande domínio do português na leitura e diminui para 8,8% aqueles que têm um domínio muito fraco.

Verifica-se existirem diferenças nestas três dimensões por relação à nacionalidade. As maiores fragilidades no domínio da língua, seja na oralidade, escrita ou leitura, verificam-se entre os elementos das famílias dos imigrantes da Europa Ocidental, onde se encontram os valores percentuais mais elevados relativos ao domínio muito fraco nas três dimensões questionadas. Entre as famílias dos inquiridos da Europa do Leste e da Europa Ocidental, encontram-se as percentagens mais baixas no respeitante ao domínio elevado da língua nas dimensões da oralidade, leitura e escrita.

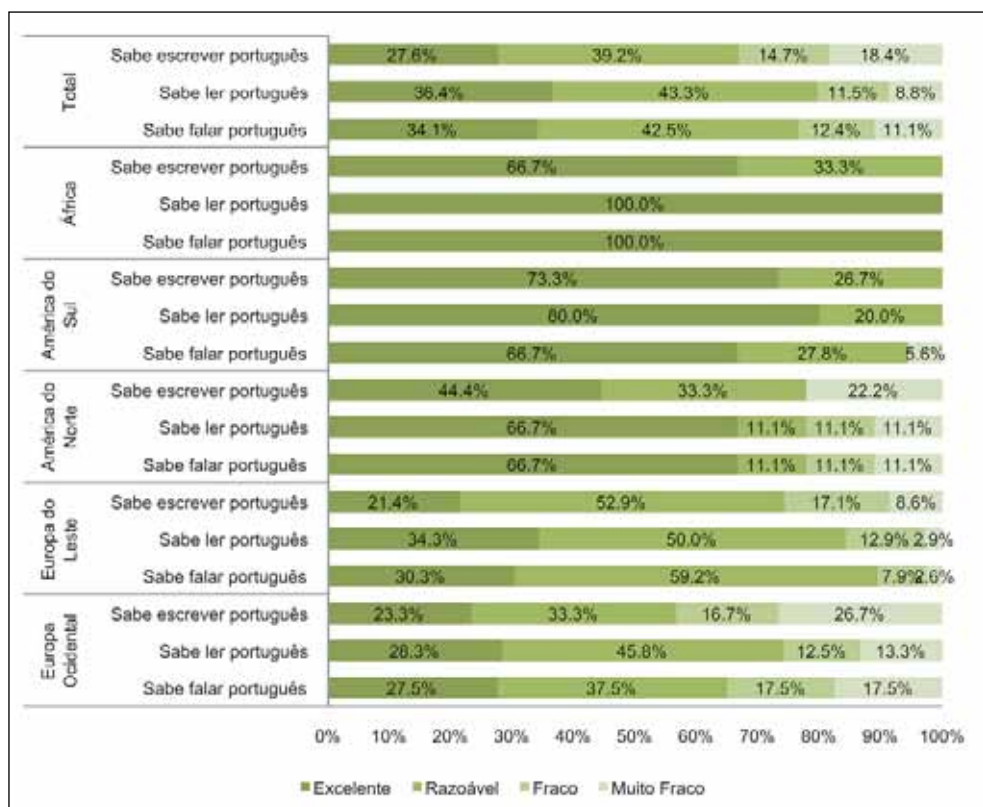
Esta fragilidade de domínio da língua portuguesa, no caso dos imigrantes da Europa Ocidental, vem corroborar percepções tidas sobre o comportamento local destas comunidades. O facto das suas socializações serem auto-centradas, pode justificar o facto de não terem necessidade de desenvolvimento do conhecimento sobre o português. Por outro lado, é sabido que a aprendizagem de línguas estrangeiras fica facilitada entre indivíduos mais jovens, e outro facto é que este grupo tem características de envelhecimento na sua estrutura demográfica, o que poderá justificar dificuldades na aprendizagem.

O mesmo não se dirá dos imigrantes com origem na Europa do Leste, onde parece ser mais credível que as fragilidades identificáveis no domínio na língua se podem justificar pelos tempos mais reduzidos dos percursos migratórios no país. A percepção que se tem, é que se trata de um grupo com relativa facilidade de aprendizagem da língua portuguesa, até porque se tratam de indivíduos mais jovens, que adicionalmente têm filhos em idade escolar, com os quais vão estabelecendo o contacto com a língua portuguesa.

O domínio mais elevado da língua portuguesa, nas dimensões questionadas, é preconizado pelos inquiridos brasileiros e cabo-verdianos, o que seria expectável. Mas também se verifica um domínio elevado da língua entre os indivíduos norte-americanos. Não deixa de ser curioso encontrar alguns brasileiros que consideram dominar razoavelmente ou ter um domínio muito fraco da língua portuguesa, o que poderá eventualmente justificar-se pela diferença nas formas de expressão portuguesa em Portugal face ao Brasil.

É na expressão escrita que se evidenciam as maiores dificuldades no domínio da língua portuguesa. Tal é particularmente visível nas famílias dos imigrantes da América do Norte e da Europa Ocidental, em que parte importante partilha a língua inglesa como língua natal – 26,7% dos elementos das famílias dos inquiridos que têm origem na Europa Ocidental afirmam ter um domínio muito fraco na expressão escrita do português, e nos elementos das famílias com origem na América do Norte esse valor baixa ligeiramente para os 22,2%.

**Gráfico 1 - Elementos dos agregados segundo a avaliação do domínio da língua portuguesa na oralidade, na leitura e na escrita**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Uma aprendizagem do português por socialização, mas necessidades importantes de formação na língua*

Em relação à aprendizagem da língua portuguesa, e no conjunto dos elementos dos agregados que não se encontrava a estudar, a maioria (83%) respondeu ter aprendido na relação com os portugueses e 50,3% afirma ter frequentado um curso de língua portuguesa. Não se registam diferenças importantes entre a nacionalidade e a forma de aprendizagem da língua portuguesa. Aqueles que mais referem aprender com os portugueses, são os indivíduos de origem na América do Sul e África, o que se justifica por se falar o português no país de origem, embora o considerarão diferenciado do português falado em Portugal. No que se refere a outras formas de aprendizagem,

são referidas, ainda, a frequência na escola portuguesa (32,4%), frequências em aulas privadas de português (21,6%) e a família (8,1%)<sup>13</sup>.

**Quadro 37 – Elementos dos agregados segundo a forma de aprendizagem da língua portuguesa e a nacionalidade do inquirido**

Nacionalidade por regiões continentais	Forma de aprendizagem do português			Total de respostas
	Frequentou um curso de português	Na relação com os portugueses	Outra	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	47	73	89
	%	52,8%	82,0%	
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	35	53	63
	%	55,6%	84,1%	
América do Norte	N <sup>o</sup>	1	5	7
	%	14,3%	71,4%	
América do Sul	N <sup>o</sup>	3	9	10
	%	30,0%	90,0%	
África	N <sup>o</sup>	0	2	2
	%	,0%	100,0%	
Total de respostas	N <sup>o</sup>	86	142	171
	%	50,3%	83,0%	

Nota: Percentagens baseadas nas respostas  
 Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Contudo, 49,2% sente ainda necessidade de formação complementar em língua portuguesa. É interessante verificar que, apesar de algumas debilidades encontradas, seja na expressão oral, leitura, mas principalmente na escrita, a maior receptividade para o complemento à formação em língua portuguesa é visível entre os agregados de origem da Europa do Leste – visível em 60% dos casos. Tal pode revelar uma maior apetência para a socialização com a comunidade envolvente. Por outro lado, tal como vem sendo referenciado, tal também se relacionará com o perfil de imigração em causa.

Não deixa de ser curioso o facto de alguns indivíduos de origem cabo-verdiana e brasileira sentirem necessidade de formação complementar na língua portuguesa – em dois dos três cabo-verdianos e em cinco dos 14 brasileiros que responderam à questão. De resto, esta necessidade pode relacionar-se com as próprias habilitações literárias de base, que como visto anteriormente são mais débeis entre estes grupos de imigrantes<sup>14</sup>.

.....  
**13**  
 Vide Quadro A10 em Anexo.

**14**  
 Vide a este respeito o Quadro 30.

**Quadro 38 – Elementos dos agregados segundo a necessidade de formação complementar em língua portuguesa e a nacionalidade do inquirido**

Nacionalidade por regiões continentais		Necessidade de formação complementar em língua portuguesa		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	53	61	114
	%	46,5%	53,5%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	36	24	60
	%	60,0%	40,0%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	2	6	8
	%	25,0%	75,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	5	9	14
	%	35,7%	64,3%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	2	1	3
	%	66,7%	33,3%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	98	101	199
	%	49,2%	50,8%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No que se refere a outra formação complementar, no conjunto das 46 respostas à questão, 56,5% revelou ter necessidade de formação em informática, na óptica do utilizador, 32,6% em línguas e literaturas estrangeiras e 10,9% em engenharia e técnicas afins. Aqueles que mais referenciam necessidades de formação complementar, são os elementos de origem na Europa do Leste, sendo que perto de dois terços enuncia necessidade de formação em informática na óptica de utilizador e cerca de dois quintos refere necessidade de formação em línguas e literaturas estrangeiras. No geral, o padrão de necessidade de formação complementar é relativamente similar entre as diferentes nacionalidades.

**Quadro 39 – Elementos dos agregados segundo as necessidades de outra formação complementar, segundo a nacionalidade do inquirido**

Área de formação	Nacionalidade por regiões continentais				Total de respostas	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul		
210. Artes	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	1
	%	7,1%	,0%	,0%	,0%	2,2%
222. Línguas e literaturas estrangeiras	N <sup>o</sup>	3	9	0	3	15
	%	21,4%	40,9%	,0%	37,5%	32,6%
480. Informática	N <sup>o</sup>	0	0	1	0	1
	%	,0%	,0%	50,0%	,0%	2,2%
482. Informática na óptica do utilizador	N <sup>o</sup>	8	14	1	3	26
	%	57,1%	63,6%	50,0%	37,5%	56,5%
520. Engenharia e técnicas afins	N <sup>o</sup>	0	3	1	1	5
	%	,0%	13,6%	50,0%	12,5%	10,9%
811. Hotelaria e restauração	N <sup>o</sup>	2	0	0	0	2
	%	14,3%	,0%	,0%	,0%	4,3%
815. Cuidados de beleza	N <sup>o</sup>	0	0	0	1	1
	%	,0%	,0%	,0%	12,5%	2,2%
Desconhecido ou não especificado	N <sup>o</sup>	0	0	0	1	1
	%	,0%	,0%	,0%	12,5%	2,2%
Total	%	14	22	2	8	46

Nota: Percentagens baseadas nas respostas  
 Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

*Uma oferta formativa local que vai ao encontro das necessidades sentidas, se bem que exista um desconhecimento maioritário acerca das instituições de formação e de educação do concelho*

A análise do conhecimento que os imigrantes têm acerca das instituições de ensino e de formação do concelho, permite dotar essas de informação para uma acção futura sobre os diferentes grupos de nacionalidades em presença.

A familiarização com as instituições de ensino e formação, constitui-se como um dos indicadores que permite avaliar a integração dos imigrantes na sociedade portuguesa. A procura destas instituições, está relacionada com a necessidade de ingressar em cursos de língua portuguesa, aquisição e certificação de novas competências e acesso a formação profissional que pode revelar-se num auxiliar para a integração no mercado de trabalho e na comunidade.

Conclui-se pela existência de um nível de conhecimento diferenciado das instituições de ensino e de formação do concelho, entre grupos específicos de nacionalidades. Assim, os imigrantes da

Europa de Leste e de África têm, na sua maioria, conhecimento destas instituições, quando nos restantes casos a maioria não as conhece.

**Quadro 40 – Imigrantes inquiridos segundo o conhecimento das instituições de ensino e formação do concelho e a nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais		Conhecimento das instituições de ensino e formação do concelho		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	27	28	55
	%	49,1%	50,9%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	21	10	31
	%	67,7%	32,3%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	2	3	5
	%	40,0%	60,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	4	5	9
	%	44,4%	55,6%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	100,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	56	46	102
	%	54,9%	45,1%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Verifica-se que, independentemente da nacionalidade, a maior parte dos imigrantes que refere ter conhecimento das instituições de ensino e de formação, também já as contactou para obter informações acerca das ofertas de formação disponíveis. É o recurso face a necessidades concretas que amplia o campo de conhecimentos, e de contactos dos imigrantes com estas instituições. Em média, sete em cada 10 imigrantes que conhece estas instituições já se informou acerca da sua oferta formativa e educativa.

**Quadro 41 – Imigrantes inquiridos segundo a procura de informação acerca das ofertas de formação existentes e a nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais		Se já se informou com alguma delas sobre ofertas de formação existentes		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	18	9	27
	%	66,7%	33,3%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	17	4	21
	%	81,0%	19,0%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	50,0%	50,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	3	1	4
	%	75,0%	25,0%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	50,0%	50,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	40	16	56
	%	71,4%	28,6%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Foi ainda questionado acerca da(s) instituição(ões), a que os imigrantes se socorreram para obter informações sobre a oferta formativa e educativa existente no concelho. As instituições mais referenciadas foram a Escola Secundária Belchior Viegas e a Associação In Loco, em ambos os casos por mais de um terço dos respondentes.

De resto, conclui-se que o recurso à informação sobre a oferta formativa ,é essencialmente feito no seio das instituições sedeadas no concelho – sejam as próprias organizações de formação e educação como os organismos autárquicos locais. O recurso ao CLAI ou a organizações externas, é residual no conjunto das opções identificadas pelos imigrantes.

**Quadro 42 – Imigrantes inquiridos segundo a instituição à qual se socorreram para solicitar informações sobre a oferta formativa e educativa existente no concelho**

Instituição à qual se socorreu para solicitar informações sobre a oferta formativa e educativa existente no concelho	N <sup>o</sup>	%
Escola Secundária Belchior Viegas	16	41,0
Associação In Loco	13	33,3
Associação Amigos do Museu de São de Brás de Alportel	7	17,9
Escola Básica dos 2 <sup>o</sup> e 3 <sup>o</sup> ciclos Poeta Bernardo Passos	4	10,3
Câmara Municipal	3	7,7
CLAI	2	5,1
NERA	1	2,6
Centro de Formação Profissional (Areal Gordo)	1	2,6
Escolas (sem especificação)	1	2,6
Junta de Freguesia	1	2,6
Não solicitou	1	2,6
Total	39	

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

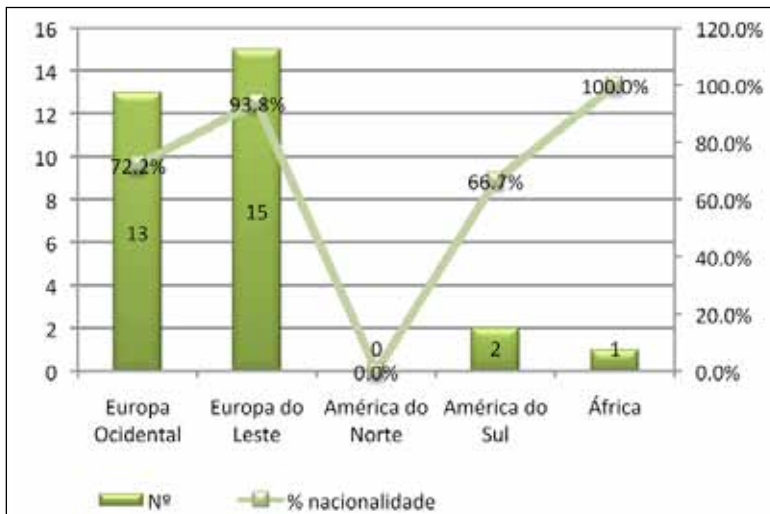
(NOTA: Percentagens por relação aos respondentes à questão. Trata-se de uma questão aberta com respostas múltiplas)

Embora exista uma representação importante de imigrantes que desconhece as entidades formadoras e educativas do concelho, a maior parte dos que conhecem essa oferta considera que corresponde às suas necessidades. Não se verificam diferenças importantes entre as necessidades identificadas e a nacionalidade dos imigrantes.

Quando questionados acerca das razões pelas quais consideram que a oferta formativa correspondeu às suas necessidades, embora o número de respostas tenha sido residual, depreende-se que alguns destes imigrantes acabaram por frequentar a oferta formativa/educativa que procuravam. As respostas não são muito aprofundadas, afirmando-se apenas que não procuravam além do que estava a ser oferecido localmente.

Em relação àqueles que responderam ao porquê da oferta não corresponder às suas necessidades, também o número de respostas foi diminuto. Percebe-se, no entanto, que, em alguns casos, a resposta deriva da frequência formativa e daí a apreciação negativa ser de carácter experiencial. Um imigrante, refere que o curso frequentado deveria ser mais aprofundado, e outro que o nível de português ensinado é de nível muito básico face às necessidades sentidas. Em outros casos, a procura não se consolida pela inexistência da oferta. Surgem duas sugestões que são de sublinhar: a necessidade de alargamento da oferta de ensino profissional e a oferta diversificada de formação em regime nocturno.

**Gráfico 2 – Inquiridos que consideram que a oferta formativa corresponde às suas necessidades, em valores absolutos e em percentagem face aos respondentes por nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

*Maior inserção laboral entre os novos grupos de imigrantes e perfis profissionais, diferenciados em função da nacionalidade*

**N**o que diz respeito ao emprego e inserção laboral, parte importante dos elementos do agregado dos imigrantes encontra-se inserido no mercado de trabalho (45%), sendo que uma outra parte, não menos relevante, encontra-se reformada (21,1%), e outra a estudar (24,7%). À data da inquirição, apenas oito pessoas se encontravam desempregadas, das quais cinco estavam desempregadas não há mais de seis meses e apenas uma há mais de um ano<sup>15</sup>. Na verdade, os grupos onde se regista maior ocupação profissional, são os da Europa do Leste e da América do Sul, com taxas de actividade superiores a 70%. De resto, é no conjunto dos elementos com origem na América do Norte e Cabo Verde que se regista uma maior aproximação à realidade concelhia – no primeiro caso com uma taxa de actividade de 44,4% e no segundo de 40%. O concelho apresentava, em 2001, uma taxa de actividade geral de 45,5%.

É no grupo com origem na Europa Ocidental que se regista uma menor taxa de actividade, de cerca de 31%, o que pode ser reflexo de um tipo de imigração completamente distinto daquele que se verifica nos grupos com origem na Europa do Leste e América do Sul. Trata-se de algo que vem sendo sugerido neste relatório e que, de resto, alimenta o campo do conhecimento prático sobre a realidade concelhia, ou seja, de que este é um grupo que opta pela imigração na reforma e como forma de repouso, não como sobrevivência, o que caracteriza os outros dois grupos. Verifica-se, precisamente, que no conjunto dos elementos em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental a situação perante a actividade económica que adquire um valor modal é a de reformado – que abrange 35,1% daquela população.

15

Vide Quadro A11 em Anexo.

## **6. CONDIÇÕES DE INSERÇÃO LABORAL E PERCURSOS PROFISSIONAIS DOS IMIGRANTES**

**Quadro 43 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e a condição de actividade profissional**

Nacionalidade por regiões continentais	Actividade <sup>16</sup>		Total	
	Activo	Inactivo		
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	41	93	134
	%	30,6%	69,4%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	55	19	74
	%	74,3%	25,7%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	4	5	9
	%	44,4%	55,6%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	17	7	24
	%	70,8%	29,2%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	4	6	10
	%	40,0%	60,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	121	130	251
	%	48,2%	51,8%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A condição de actividade económica que domina entre os elementos dos agregados com origem na Europa do Leste, é a de activo com profissão (71,6%). Nestes elementos, a outra situação com relevância, é a de estudante (20,3%), que é associada aos filhos destes elementos. Nos elementos em que o inquirido tem origem na América do Norte, encontramos quatro em situação de reforma, três empregados, um desempregado e um estudante. Nas famílias em que o inquirido tem origem brasileira, predominam aqueles que trabalham, representando 58,3% dos elementos destes agregados, seguido dos estudantes, que perfazem 25% do total. Por fim, entre os elementos de origem cabo-verdiana, revela-se que a menor actividade se justifica pela importância dos estudantes na estrutura destes agregados – cinco elementos num conjunto de 10.

16

Os valores percentuais, correspondem às taxas de actividade e de inactividade globais..

**Quadro 44 - Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e a condição perante a actividade económica**

Nacionalidade por regiões continentais	Condição perante a actividade económica						Total	
	Activo com profissão	Desempregado	Doméstica	Reformado	Invalído/doença permanente	Estudante		
Europa Ocidental	Nº	39	2	10	47	1	35	134
	%	29,1%	1,5%	7,5%	35,1%	,7%	26,1%	100,0%
Europa do Leste	Nº	53	2	2	2	0	15	74
	%	71,6%	2,7%	2,7%	2,7%	,0%	20,3%	100,0%
América do Norte	Nº	3	1	0	4	0	1	9
	%	33,3%	11,1%	,0%	44,4%	,0%	11,1%	100,0%
América do Sul	Nº	14	3	1	0	0	6	24
	%	58,3%	12,5%	4,2%	,0%	,0%	25,0%	100,0%
África	Nº	4	0	1	0	0	5	10
	%	40,0%	,0%	10,0%	,0%	,0%	50,0%	100,0%
Total	Nº	113	8	14	53	1	62	251
	%	45,0%	3,2%	5,6%	21,1%	,4%	24,7%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Fruto do perfil respeitante à condição perante a actividade económica, a grande parte dos elementos das famílias depende do trabalho (44,6%), da pensão/reforma (20,9%) ou está a cargo da família (25,6%). Certo é, que se verificam variações na distribuição segundo a nacionalidade - é nos grupos de origem na Europa do Leste que se verifica a maior proporção de elementos a dependerem do trabalho. Tal é, também, visível nas famílias com os inquiridos de origem brasileira, pese embora com uma menor proporção do que aquela registada no grupo anterior. Já nos elementos em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental, o valor modal recai sobre a dependência da reforma, situação igualmente visível nas famílias em que o inquirido tem origem na América do Norte. Nas famílias de origem cabo-verdiana, há uma tendência bem diferenciada, ou seja, a maior parte dos elementos vive a cargo da família.

**Quadro 45 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e o principal meio de vida**

Principal meio de vida	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Trabalho	N <sup>o</sup>	36	57	4	14	4	115
	%	26,7%	76,0%	44,4%	51,9%	33,3%	44,6%
Pensão/reforma	N <sup>o</sup>	48	2	4	0	0	54
	%	35,6%	2,7%	44,4%	,0%	,0%	20,9%
Rendimentos de propriedade ou de empresa	N <sup>o</sup>	3	0	0	0	0	3
	%	2,2%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,2%
Subsídio temporário de doença	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,4%
Subsídio temporário de desemprego	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,4%
Apoio social	N <sup>o</sup>	0	0	0	1	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	3,7%	,0%	,4%
A cargo da família	N <sup>o</sup>	39	9	0	10	8	66
	%	28,9%	12,0%	,0%	37,0%	66,7%	25,6%
Biscates	N <sup>o</sup>	6	6	1	0	0	13
	%	4,4%	8,0%	11,1%	,0%	,0%	5,0%
Desemprego	N <sup>o</sup>	0	1	0	1	0	2
	%	,0%	1,3%	,0%	3,7%	,0%	,8%
Doméstica	N <sup>o</sup>	0	0	0	1	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	3,7%	,0%	,4%
Pensão de alimentos	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,4%
Total	N <sup>o</sup>	135	75	9	27	12	258
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Da distribuição da amostra por grupos de profissões, é possível observar uma dispersão pelos vários grupos, notando-se, no entanto, que 28,6% pertencem ao pessoal dos serviços e vendedores, 23,2% são operários, artífices e trabalhadores similares e 12,5% são técnicos e profissionais de nível intermédio. Mas também a este nível, verificamos diferenças ao nível da inserção profissional.

A maior representação dos operários, é visível entre os grupos com origem na Europa de Leste e de África, o que de resto acompanha as tendências globais de inserção profissional destes imigrantes. No pessoal dos serviços e vendedores, também se destaca a inserção de africanos, mas nas outras nacionalidades, este é um grupo de profissão com inserção importante dos imigrantes.

Lages et al. (2006: 353) apontam que “a permanência mais demorada dos imigrantes africanos em Portugal não significou um melhor sucesso na sua inserção (...) no mercado de trabalho português”. Os mesmos autores, demonstram que a diversidade dos perfis profissionais dos imigrantes nos seus países de origem se perde aquando da permanência em Portugal, verificando-se uma tendência para desvalorização dos perfis de origem. Por essa razão se justificará a proximidade remuneratória que os autores identificam entre os imigrantes africanos e da Europa de Leste.

É nos elementos em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental que encontramos uma maior diversidade na inserção profissional – que vai desde os quadros superiores da Administração Pública, aos trabalhadores não qualificados. De resto, só nos elementos com origem na Europa do Leste é que se encontram, também, trabalhadores não qualificados, representando 11% do total. No pessoal administrativo e similares verifica-se uma maior inserção dos elementos das famílias em que o inquirido tem origem brasileira.

Tais tendências são, de resto, identificadas na análise dos perfis imigratórios empreendida por Fonseca et al. (2005), dando conta de uma imigração europeia e norte-americana qualificada, com a presença elevada de reformados no seio das comunidades do norte da Europa, que optam pelo país pela amenidade do clima. Apesar de, entre os brasileiros, se distinguirem dois percursos migratórios distintos, ao nível local emergem as características dos fluxos mais recentes, menos qualificados do que os anteriores. No quadro dos africanos, registam-se perfis profissionais mais desqualificados que se confirmam no concelho.

A especificidade dos imigrantes do Leste europeu que, como vemos, apesar de qualificados do ponto de vista académico, têm inserções profissionais tendencialmente desqualificadas, é um fenómeno com características muito recentes. Este grupo, enquadra-se no que Góis *et al.* (2007) denominam de imigrantes altamente qualificados funcionalmente ilegítimos. Como os próprios autores referem, “esta mão-de-obra [os imigrantes altamente qualificados] sofre um processo de desqualificação profissional (*deskilling*) e é subaproveitada nas empresas ou no Estado, num exemplo claro de desperdício de capital humano ou *brain waste*” (*idem*: 22).

De resto, o perfil de inserção laboral encontrado ao nível concelhio para os imigrantes da Europa de Leste, Brasil e Cabo Verde, segue a tendência registada ao nível nacional. No conjunto, os indivíduos de origem brasileira parecem ficar beneficiados pela comunicação em português e pela afabilidade nas relações sociais, que facilitam a sua integração em sectores de comércio e serviços, onde os outros grupos têm mais dificuldade de se inserir (Rocha-Trindade, 2003: 177).

**Quadro 46 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e os grupos de profissões**

Grupo de profissões	Nacionalidade por regiões continentais					Total
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África	
Quadros Superiores da Administração Pública	Nº	2	0	0	0	2
	%	2,3%	,0%	,0%	,0%	,0%
Quadros Superiores de Empresas e Dirigentes	Nº	7	0	2	1	10
	%	8,0%	,0%	33,3%	6,7%	,0%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	Nº	12	0	0	0	12
	%	13,6%	,0%	,0%	,0%	,0%
Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário	Nº	20	0	1	0	21
	%	22,7%	,0%	16,7%	,0%	,0%
Pessoal Administrativo e Similares	Nº	10	2	1	4	17
	%	11,4%	3,6%	16,7%	26,7%	,0%
Pessoal dos Serviços e Vendedores	Nº	24	16	1	5	48
	%	27,3%	29,1%	16,7%	33,3%	50,0%
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	Nº	3	2	0	0	5
	%	3,4%	3,6%	,0%	,0%	,0%
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	Nº	8	25	1	3	39
	%	9,1%	45,5%	16,7%	20,0%	50,0%
Operadores de Instalação e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	Nº	1	4	0	2	7
	%	1,1%	7,3%	,0%	13,3%	,0%
Trabalhadores não Qualificados	Nº	1	6	0	0	7
	%	1,1%	10,9%	,0%	,0%	,0%
Total	Nº	88	55	6	15	168
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Em relação ao regime de trabalho, a maioria dos inquiridos (94,0%) tinha emprego permanente, não se registando diferenças significativas em função da nacionalidade. Apenas 5% tinha trabalho ocasional e 1% trabalho sazonal<sup>17</sup>.

17

Vide Quadro A12 em Anexo.

É de destacar que, no conjunto dos trabalhadores, 67,7% trabalhavam por conta de outrem. Tal é a situação em que se encontram 91,1% dos elementos, cuja origem do inquirido é da Europa do Leste. Note-se, ainda, que 21,3% trabalhava por conta própria sem empregados e outros 10% tinham a seu cargo empregados, o que revela alguma autonomia por parte da população imigrante. O trabalho por conta própria, tendo a cargo empregados, é uma situação relevante no conjunto dos elementos da América do Norte - em 28,6% dos casos e é particularmente visível nas famílias em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental (36%).

**Quadro 47 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade do inquirido e a situação na profissão**

Nacionalidade por regiões continentais	Situação na profissão				Total	
	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta própria sem empregados	Trabalhador por conta própria com empregados	Trabalhador familiar não remunerado		
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	37	27	11	0	75
	%	49,3%	36,0%	14,7%	,0%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	51	4	0	1	56
	%	91,1%	7,1%	,0%	1,8%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	4	1	1	0	6
	%	66,7%	16,7%	16,7%	,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	9	1	4	0	14
	%	64,3%	7,1%	28,6%	,0%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	4	0	0	0	4
	%	100,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	105	33	16	1	155
	%	67,7%	21,3%	10,3%	,6%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Em relação ao vínculo contratual, a situação mais dominante é o contrato com termo (45,5%), seguido do contrato sem termo (32,6%). Em 17,4% dos casos, verifica-se o trabalho sem contrato. Existem variações no tipo de vínculo contratual segundo a nacionalidade. A maior proporção de trabalho sem contrato é visível nos elementos cujo inquirido tem origem na Europa Ocidental - visível em 26,4% dos trabalhadores deste grupo. Nos elementos com origem nesta sub-região continental, destaca-se igualmente a maior proporção de trabalho com contrato sem termo - praticamente 40% dos trabalhadores deste grupo. Nos elementos com origem na Europa do Leste, a grande parte tem trabalho a contrato com termo (64,3%). No conjunto dos trabalhadores cujo inquirido tem origem na América do Norte, destaca-se a inserção por contrato sem termo e a

recibos verdes (ambos com 33,3% dos casos). Nos elementos com origem africana, a maior parte tem contrato sem termo (75%).

Não existem diferenças relevantes entre o tipo de vínculo contratual e o número de anos em que se reside em Portugal.

**Quadro 48 – Elementos dos agregados segundo a nacionalidade e o tipo de vínculo contratual**

Nacionalidade por regiões continentais	Tipo de vínculo contratual				Total	
	Contrato sem termo	Contrato com termo	Recibos verdes	Trabalho sem contrato		
Europa Ocidental	Nº	21	16	2	14	53
	%	39,6%	30,2%	3,8%	26,4%	100,0%
Europa do Leste	Nº	14	36	2	4	56
	%	25,0%	64,3%	3,6%	7,1%	100,0%
América do Norte	Nº	2	1	2	1	6
	%	33,3%	16,7%	33,3%	16,7%	100,0%
América do Sul	Nº	3	6	0	4	13
	%	23,1%	46,2%	,0%	30,8%	100,0%
África	Nº	3	1	0	0	4
	%	75,0%	25,0%	,0%	,0%	100,0%
Total	Nº	43	60	6	23	132
	%	32,6%	45,5%	4,5%	17,4%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Uma tendência de estabilização no emprego com a permanência no país, mas uma frágil mobilidade profissional*

Ao nível do percurso profissional dos imigrantes, é interessante perceber que apesar de estarem maioritariamente activos no nosso país, a sua maioria tinha emprego no país de origem. Verifica-se que 73,5% dos indivíduos tinha emprego no país de origem e que dos que não tinham destacam-se os indivíduos de nacionalidade cabo-verdiana, ucraniana e russa<sup>18</sup>.

Se é verdade que estamos perante perfis migratórios distintos, também é certo que os factores de atractividade são diferentes. Se, como vimos, para os imigrantes oriundos da América do Norte e Europa Ocidental, o emprego não aparece como uma das motivações centrais, o mesmo não acontece nos restantes.

<sup>18</sup>

Vide Quadro A13 em Anexo.

Torna-se claramente visível que são as condições objectivas de vida nos países de origem, que farão com que alguns dos grupos dos imigrantes se estabeleçam e permaneçam no nosso país, se bem que esta não seja uma conclusão propriamente inovadora. Se os factores centrais de procura do nosso país por parte dos imigrantes da Europa de Leste, de África e da América do Sul foram motivações de cariz económico e procura de emprego, certo é que a sua maioria até tinha emprego no seu país de origem.

**Quadro 49 - Inquiridos segundo a detenção de um emprego no país de origem antes do percurso migratório e nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais		Emprego no país de origem		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	47	9	56
	%	83,9%	16,1%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	19	12	31
	%	61,3%	38,7%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	2	2	4
	%	50,0%	50,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	7	2	9
	%	77,8%	22,2%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	0	2	2
	%	,0%	100,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	75	27	102
	%	73,5%	26,5%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No que diz respeito ao tempo de emprego actual, é possível verificar que uma grande parte da população imigrante possui emprego entre dois a cinco anos (34,5%), outra entre seis a 10 anos (25,7%) e 24,8% possuía emprego não há mais de um ano<sup>19</sup>. Não existem diferenças assinaláveis entre o tempo de trabalho e a nacionalidade. Tais diferenças estarão mais relacionadas com o perfil distinto no tempo de percurso migratório associado a cada um desses grupos de nacionalidade.

De resto, verifica-se existir uma relação entre o número de anos de residência em Portugal e o número de anos em que se está no trabalho actual. Há uma tendência para aumento deste último, em função do número de anos de residência no país. Significa dizer que os imigrantes têm vindo a viver condições de estabilização na profissão. Tal não pode, no entanto, ser generalizado para o

19

Vide Quadro A14 em Anexo.

futuro, dadas as condições de maior instabilidade económica e profissional que se vêm registando nos últimos anos.

**Quadro 50 - Número de anos de residência em Portugal segundo a média de anos no emprego actual**

Número de anos de residência em Portugal	Média de anos no emprego actual
Até um ano	9,15
2 a 5 anos	8,05
6 a 10 anos	12,29
11 a 15 anos	20,33
16 a 20 anos	24,67
21 a 25 anos	27,00
Mais de 25 anos	17,25
Total	10,86

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Relativamente à mobilidade nas funções desempenhadas, é possível observar que não se registou uma variação entre o primeiro emprego e o emprego actual da população imigrante. Deste modo, verifica-se que, tanto em relação ao primeiro emprego, como ao actual, os inquiridos continuam a estar distribuídos principalmente pelo grupo de pessoal dos serviços e vendedores, ficando em segundo lugar o grupo de operários, artífices e trabalhadores similares, seguido do grupo de técnicos e profissionais de nível intermédio. Contudo, é relevante a entrada dos imigrantes no grupo dos quadros superiores de empresas e dirigentes (6,2%), facto que não tinha ocorrido no primeiro emprego em Portugal.

É nos imigrantes do Reino Unido que se verifica uma distribuição mais dispersa pelos diferentes grupos de profissões, sendo igualmente a nacionalidade em que se regista um maior número de quadros superiores. Os imigrantes brasileiros, estão essencialmente ocupados em profissões administrativas e de serviços. Parte importante dos imigrantes do Leste Europeu desempenha trabalhos de operários, artífices e trabalhadores similares<sup>20</sup>.

.....  
20 Vide Quadro A15 em Anexo.

**Quadro 51 – Inquiridos segundo a profissão no primeiro emprego que tiveram em Portugal e o actual emprego**

Grupo de profissões		Primeiro emprego em Portugal	Emprego actual
Quadros superiores da administração pública	Nº	1	1
	% Total	1,4%	1,0%
Quadros superiores de empresas e dirigentes	Nº	0	6
	% Total	0,0%	6,2%
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	Nº	0	4
	% Total	0,0%	4,2%
Técnicos e profissionais de nível intermédio	Nº	12	12
	% Total	16,7%	12,5%
Pessoal administrativo e similares	Nº	5	11
	% Total	6,9%	11,5%
Pessoal dos serviços e vendedores	Nº	26	35
	% Total	36,1%	36,5%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	Nº	6	3
	% Total	8,3%	3,1%
Operários, artífices e trabalhadores similares	Nº	20	17
	% Total	27,8%	17,7%
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	Nº	1	4
	% Total	1,4%	4,2%
Trabalhadores não qualificados	Nº	1	3
	% Total	1,4%	3,1%
Total	Nº	72	96
	% Total	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Segundo os dados do presente estudo, 33,3% dos imigrantes representados na amostra tiveram um só emprego desde que chegaram a Portugal, apesar da maioria (51,4%) se concentrar no intervalo entre os dois e os quatro empregos. A maior rotatividade de empregos verifica-se entre os brasileiros e os russos, em que mais de 40,0% já teve cinco ou mais empregos, ao contrário das nacionalidades alemã e britânica, em que a maioria dos indivíduos tiveram apenas um emprego.

**Quadro 52 – Inquiridos segundo o número de empregos e a nacionalidade**

Nacionalidade	Número de empregos			Total	
	1 emprego	2 a 4 empregos	5 e mais empregos		
Bélgica	N <sup>o</sup>	2	0	0	2
	%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
Brasil	N <sup>o</sup>	2	3	4	9
	%	22,2%	33,3%	44,4%	100,0%
Canadá	N <sup>o</sup>	0	0	1	1
	%	,0%	,0%	100,0%	100,0%
Cabo Verde	N <sup>o</sup>	0	2	0	2
	%	,0%	100,0%	,0%	100,0%
Espanha	N <sup>o</sup>	0	1	0	1
	%	,0%	100,0%	,0%	100,0%
EUA	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
França	N <sup>o</sup>	1	2	0	3
	%	33,3%	66,7%	,0%	100,0%
Holanda	N <sup>o</sup>	0	0	1	1
	%	,0%	,0%	100,0%	100,0%
Alemanha	N <sup>o</sup>	6	5	0	11
	%	54,5%	45,5%	,0%	100,0%
Roménia	N <sup>o</sup>	0	1	0	1
	%	,0%	100,0%	,0%	100,0%
Grã-Bretanha	N <sup>o</sup>	6	4	0	10
	%	60,0%	40,0%	,0%	100,0%
Suíça	N <sup>o</sup>	1	0	0	1
	%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
República Moldávia	N <sup>o</sup>	1	2	0	3
	%	33,3%	66,7%	,0%	100,0%
Rússia	N <sup>o</sup>	0	3	2	5
	%	,0%	60,0%	40,0%	100,0%
Ucrânia	N <sup>o</sup>	4	14	3	21
	%	19,0%	66,7%	14,3%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	24	37	11	72
	%	33,3%	51,4%	15,3%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

*Uma tendência para menor mobilidade dos imigrantes face aos nacionais, mas perfis diferenciados em função da nacionalidade*

**É** possível verificar que é no concelho de São Brás de Alportel que se encontram a trabalhar ou a estudar a maioria da população imigrante (80,4%). Quando comparada a estrutura de mobilidades geográficas entre os elementos das famílias dos imigrantes e da população do concelho, conclui-se que as primeiras são muito menos acentuadas. Em 2001, 33,7% da população de São Brás de Alportel deslocava-se para fora do concelho para efeitos de trabalho ou estudo, quando na população com origem imigrante esse valor baixa para os 18,5%. Na população residente nas novas habitações do concelho, verificam-se mobilidades ainda mais acentuadas, sendo que mais de dois quintos se desloca para fora de São Brás para trabalho ou estudo<sup>21</sup>.

Conclui-se pela existência de diferenças significativas entre o local de trabalho ou de estudo e nacionalidade dos inquiridos. Na verdade, as mobilidades para fora do concelho são mais evidentes entre os elementos com origem dos inquiridos na Europa Ocidental e América do Norte – 37,1% dos elementos destes agregados familiares trabalha ou estuda fora do concelho. Já entre os grupos com origem na Europa do Leste e América do Sul, 93,3% trabalha ou estuda no concelho. Nas famílias em que o inquirido tem origem em África todos trabalham ou estudam no concelho. De referir, ainda, que se identificam duas situações de trabalho ou estudo no estrangeiro (em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental e América do Sul), sendo que os países onde se encontram esses elementos são Espanha e Inglaterra.

Dos elementos que trabalham ou estudam noutra concelho, observa-se que o local de trabalho ou estudo corresponde aos concelhos que fazem fronteira com São Brás de Alportel, nomeadamente Faro, Loulé e Tavira<sup>22</sup>.

<sup>21</sup>

Resultados a publicar num outro estudo específico sobre a população residente nas novas habitações do concelho de São Brás de Alportel.

<sup>22</sup>

Vide Quadro A16 em Anexo.

**Quadro 53 – Elementos dos agregados familiares segundo o local de trabalho ou estudo e naturalidade do inquirido**

Nacionalidade por regiões continentais	Local de trabalho ou estudo			Total	
	No concelho de residência	Noutro concelho	No estrangeiro		
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	40	25	1	66
	%	60,6%	37,9%	1,5%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	61	5	0	66
	%	92,4%	7,6%	,0%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	3	1	0	4
	%	75,0%	25,0%	,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	22	0	1	23
	%	95,7%	,0%	4,3%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	9	0	0	9
	%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	135	31	2	168
	%	80,4%	18,5%	1,2%	100,0%
Total população São Brás de Alportel (2001)	%	65,1%	33,7%	1,2%	100,0%
Total população novas habitações (2007/2008)	%	55,5%	44,5%	0%	100%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008; INE (Censos 2001)

Pela proximidade face ao local de trabalho ou estudo, a população imigrante, na maior parte dos casos, gasta em média 15 minutos (56,8%), ou então não despende tempo na deslocação para o local de trabalho ou estudo (17,3%). Nos casos em que o tempo despendido é de 16 a 30 minutos (16%), corresponde maioritariamente a situações em que as pessoas trabalham ou estudam no concelho. Nos casos em que a deslocação é superior a 30 minutos (em 8,1% dos casos), os indivíduos trabalham ou estudam, maioritariamente fora do concelho.

Verificam-se diferenças entre o tempo gasto, em média, para deslocação para o trabalho ou estudo na população imigrante face à população total e face à população residente nas novas habitações. A população do concelho, tende a gastar mais tempo nos seus movimentos pendulares do que a população imigrante. Tal justifica-se pelo facto da população imigrante ter uma maior propensão para trabalhar no concelho ou em concelhos limítrofes. Cerca de 40% da população do concelho despende mais de 30 minutos nas suas deslocações para trabalho ou estudo, ao passo que na população imigrante, pouco mais de 8% leva esse tempo para as suas deslocações quotidianas.

**Quadro 54 – Elementos dos agregados familiares, população concelhia (2001) e população das novas habitações (2007/2008) segundo o tempo gasto em média numa ida para o local de trabalho ou estudo e o local de trabalho ou estudo**

Tempo gasto em média numa ida para o local de trabalho ou estudo	Local de trabalho ou estudo		Total na população imigrante	Total na população concelho (2001)	Total população novas habitações (2007/2008)	
	No concelho de residência	Noutro concelho				
Nenhum	N <sup>o</sup>	28	0	28	365	32
	%	21,4%	,0%	17,3%	6,6%	11%
Até 15 minutos	N <sup>o</sup>	83	9	92	2.826	149
	%	63,4%	29,0%	56,8%	51%	51%
16 a 30 minutos	N <sup>o</sup>	15	11	26	1.682	81
	%	11,5%	35,5%	16,0%	30,4%	27,7%
31 a 60 minutos	N <sup>o</sup>	3	7	10	590	24
	%	2,3%	22,6%	6,2%	10,7%	8,2%
61 a 90 minutos	N <sup>o</sup>	0	0	0	40	0
	%	,0%	,0%	,0%	0,7%	0%
Mais de 90 minutos	N <sup>o</sup>	0	3	3	33	6
	%	,0%	9,7%	1,9%	0,6%	2,1%
Depende do local de trabalho	N <sup>o</sup>	2	1	3	-	-
	%	1,5%	3,2%	1,9%	-	-
Total	N <sup>o</sup>	131	31	162	5.536	292
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Para realizarem a sua deslocação, o meio de transporte mais utilizado é o automóvel ligeiro como condutor (33,5%) ou mesmo nenhum (23,6%), deslocando-se a pé. Quando o local de trabalho é o concelho de residência, a forma preferencial de deslocação é a pé (29,5%), seguida da utilização do automóvel ligeiro enquanto condutor (27,1%). O uso de transportes colectivos, é mais frequente quando as pessoas trabalham no concelho. Nos casos em que as pessoas trabalham ou estudam fora do concelho, conclui-se pelo uso maioritário do automóvel, seja como condutor (61,3%) ou enquanto passageiro (16,1%).

Também neste caso se registam diferenças no meio de transporte utilizado para o local de trabalho ou estudo utilizado pela população imigrante, população concelhia e população residente nas novas habitações. A população concelhia tende a utilizar mais o automóvel ligeiro nas duas deslocações, o que é explicado por movimentos pendulares mais acentuados para fora do concelho (mais de 60%). A utilização do autocarro é apenas referenciada por 4,5%, se bem que não existam diferenças substanciais na população que se desloca a pé (no caso cerca 21%). Na população residente nas novas habitações, acentua-se o uso de automóvel ligeiro – oito em cada 10 residentes utiliza-o para as suas deslocações quotidianas – e diminui de forma importante a não utilização de qualquer meio de transporte – apenas referenciado em 9,6% dos casos. As outras formas de deslocação são claramente residuais.

**Quadro 55 – Elementos dos agregados, população concelhia (2001) e população das novas habitações (2007/2008) segundo o principal meio de transporte utilizado no trajecto para o local de trabalho ou estudo e o local de trabalho ou estudo**

Qual o principal meio de transporte utilizado no trajecto para o local de trabalho ou estudo	Local de trabalho ou estudo			Total população imigrante	Total população concelho (2001)	Total população novas habitações (2007/2008)	
	No concelho de residência	Noutro concelho	No estrangeiro				
Nenhum, vai a pé	N <sup>o</sup>	38	0	0	38	1149	28
	%	29,5%	,0%	,0%	23,6%	20,8%	9,6%
Autocarro ou comboio <sup>23</sup>	N <sup>o</sup>	18	3	0	21	251	7
	%	14,0%	9,7%	,0%	13,0%	4,5%	2,4%
Transporte colectivo da empresa ou escola	N <sup>o</sup>	15	4	0	19	296	4
	%	11,6%	12,9%	,0%	11,8%	5,3%	1,4%
Automóvel ligeiro particular como condutor	N <sup>o</sup>	35	19	0	54	2709	181
	%	27,1%	61,3%	,0%	33,5%	48,9%	61,8%
Automóvel ligeiro particular como passageiro	N <sup>o</sup>	19	5	0	24	761	68
	%	14,7%	16,1%	,0%	14,9%	13,8%	23,2%
Motorizada	N <sup>o</sup>	2	0	0	2		2
	%	1,6%	,0%	,0%	1,2%	320	0,7%
Bicicleta	N <sup>o</sup>	2	0	0	2	5,8%	1
	%	1,6%	,0%	,0%	1,2%		0,3%
Avião ou outro	N <sup>o</sup>	0	0	1	1	50	2
	%	,0%	,0%	100,0%	,6%	0,9%	0,7%
Total	N <sup>o</sup>	129	31	1	161	5536	293
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Verifica-se existirem algumas diferenças entre o meio de transporte utilizado para deslocação para trabalho ou estudo, segundo a nacionalidade.

A utilização do automóvel ligeiro na qualidade de condutor, é mais frequente nos elementos dos agregados em que o inquirido tem origem na Europa Ocidental e América do Norte.

A deslocação a pé, é a forma preferencial de deslocação no seio dos elementos com origem na Europa do Leste (46,5%). Nos elementos com origem na América do Sul, a utilização do automóvel é a mais referenciada se bem que tanto na qualidade de condutor como de passageiro.<sup>23</sup>

23

O comboio só é referenciado nos resultados dos censos.

Por fim, no conjunto dos elementos em que o inquirido tem origem africana, o meio de transporte mais utilizado é o autocarro. A utilização de transporte colectivo da empresa ou da escola, é mais frequente nas famílias em que o inquirido tem origem na Europa do Leste e na América do Sul – em 15,5% e 14,3% dos casos, respectivamente.

**Quadro 56 – Elementos dos agregados segundo o principal meio de transporte utilizado no trajecto para o local de trabalho ou estudo e a nacionalidade do inquirido**

Qual o principal meio de transporte utilizado no trajecto para o local de trabalho ou estudo	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Nenhum, vai a pé	N <sup>o</sup>	9	33	1	1	1	45
	%	13,2%	46,5%	25,0%	4,8%	12,5%	26,2%
Autocarro	N <sup>o</sup>	12	5	0	1	3	21
	%	17,6%	7,0%	,0%	4,8%	37,5%	12,2%
Transporte colectivo da empresa ou escola	N <sup>o</sup>	4	11	0	3	1	19
	%	5,9%	15,5%	,0%	14,3%	12,5%	11,0%
Automóvel ligeiro particular como condutor	N <sup>o</sup>	28	18	2	8	1	57
	%	41,2%	25,4%	50,0%	38,1%	12,5%	33,1%
Automóvel ligeiro particular como passageiro	N <sup>o</sup>	14	2	1	7	1	25
	%	20,6%	2,8%	25,0%	33,3%	12,5%	14,5%
Motorizada	N <sup>o</sup>	0	1	0	0	1	2
	%	,0%	1,4%	,0%	,0%	12,5%	1,2%
Bicicleta	N <sup>o</sup>	0	1	0	1	0	2
	%	,0%	1,4%	,0%	4,8%	,0%	1,2%
Avião	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	1,5%	,0%	,0%	,0%	,0%	,6%
Total	N <sup>o</sup>	68	71	4	21	8	172
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

## 8. CONDIÇÕES HABITACIONAIS DOS AGREGADOS IMIGRANTES

### *Padrões habitacionais distintos nos imigrantes de “sobrevivência” e nos “de elite”*

As condições habitacionais, não só reflectem os padrões de inclusão social dos vários grupos sociais, como dão indicações sobre as condições materiais de existência das pessoas.

Há uma maior propensão para os imigrantes da Europa Ocidental e da América do Norte para residirem em moradias ou casas rústicas, quando os imigrantes de Leste residem, maioritariamente, em apartamentos. O perfil de alojamento é um indicador indirecto do perfil de imigração nos vários grupos de nacionalidades.

A dualidade que emerge é clara, e evidencia-se essencialmente entre os imigrantes da Europa Ocidental e os imigrantes da Europa de Leste. É sabido que no concelho os preços do alojamento em apartamento são substancialmente mais baixos do que aqueles inerentes à aquisição de uma moradia ou de uma casa rústica. Daí que relevam das condições de alojamento as próprias condições materiais de vida dos vários grupos de imigrantes.

**Quadro 57 – Famílias segundo o tipo de alojamento e nacionalidade**

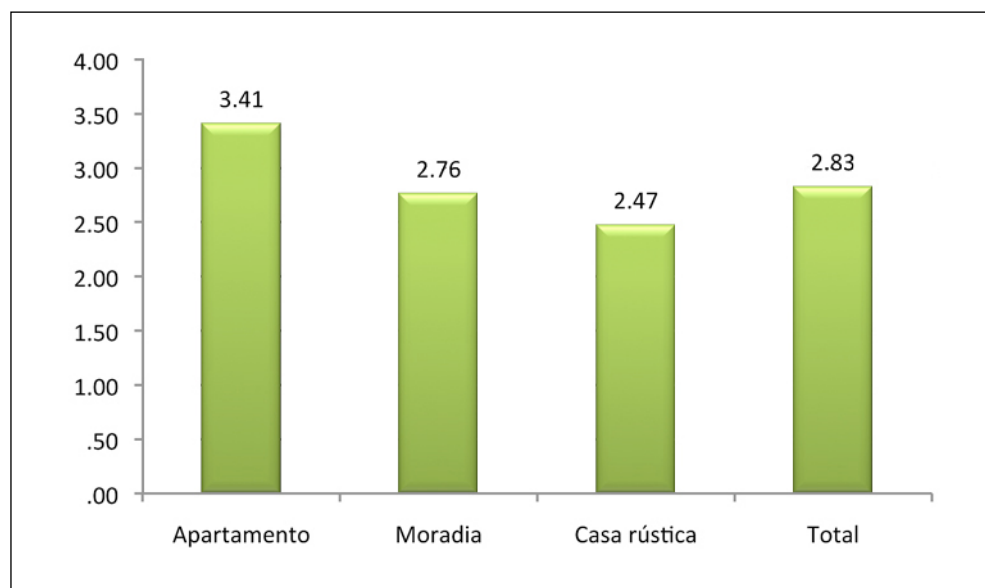
Nacionalidade por regiões continentais	Tipo de alojamento			Total
	Apartamento	Moradia	Casa rústica	
Europa Ocidental	Nº 6	24	26	56
	% 10,7%	42,9%	46,4%	100,0%
Europa do Leste	Nº 15	7	9	31
	% 48,4%	22,6%	29,0%	100,0%
América do Norte	Nº 2	3	0	5
	% 40,0%	60,0%	,0%	100,0%
América do Sul	Nº 3	3	3	9
	% 33,3%	33,3%	33,3%	100,0%
África	Nº 1	1	0	2
	% 50,0%	50,0%	,0%	100,0%
Total	Nº 27	38	38	103
	% 26,2%	36,9%	36,9%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

O tipo de alojamento não difere de forma significativa em função do número de anos de residência em Portugal. No entanto, verificam-se algumas diferenças entre o tipo de alojamento e o número de elementos que residem no alojamento. A média de elementos a residirem no alojamento aumenta nos apartamentos e diminui sequencialmente nas moradias e nas casas rústicas.

Tal relaciona-se, mais uma vez com o perfil de imigração que habita esses espaços. Grupos com menores condições económicas juntam-se em alojamentos com preços mais baixos, o que acontece com os imigrantes de sobrevivência, em particular nos imigrantes da Europa de Leste.

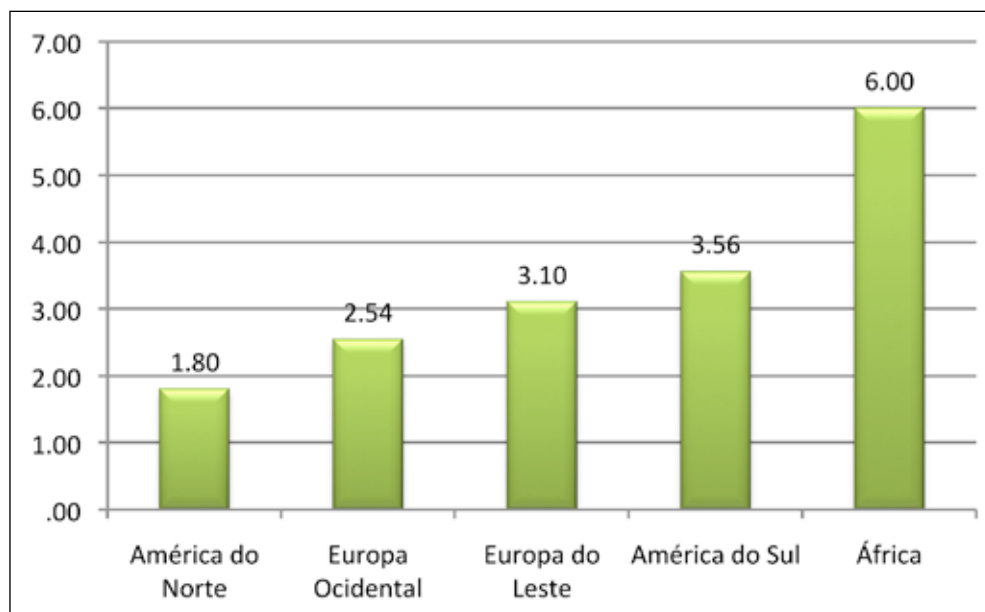
**Gráfico 3 - Média de elementos a residirem no alojamento por tipo de alojamento**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Também se conclui pela existência de diferenças na média dos elementos por agregado entre as diferentes nacionalidades. Os imigrantes com origem na Europa Ocidental e América do Norte, têm uma média de elementos por agregado inferior a três pessoas. Por seu lado, nos agregados cujo inquirido tem origem africana, a média de elementos por agregado é substancialmente mais elevada com seis pessoas no núcleo familiar. A média nos restantes grupos de imigrantes situa-se entre três e quatro pessoas por agregado.

**Gráfico 4 – Média de elementos a residirem no alojamento por nacionalidade dos imigrantes inquiridos**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

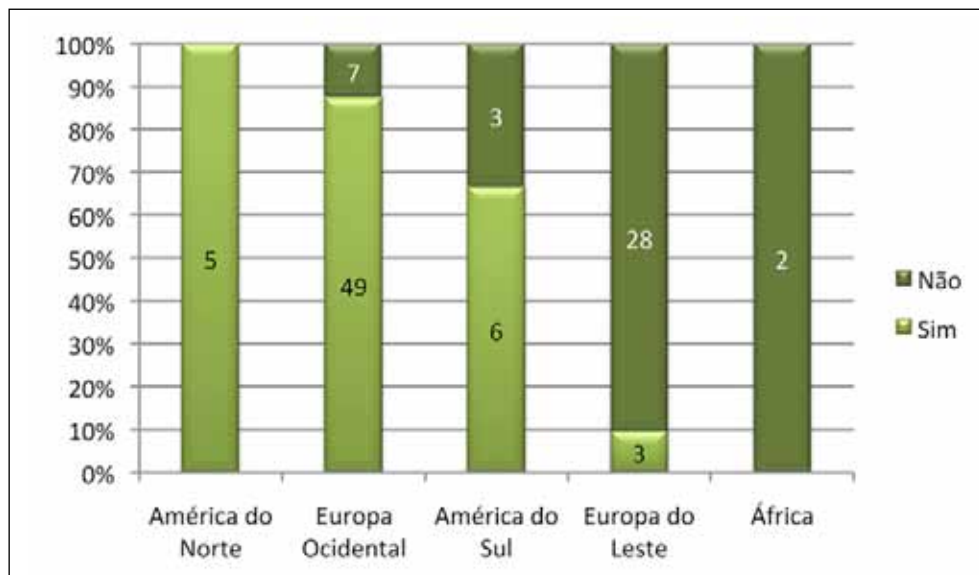
Também se registam variações entre a nacionalidade e a propriedade dos alojamentos. Tais diferenças são explicadas pelo facto dos imigrantes da Europa Ocidental, da América do Norte e da América do Sul serem tendencialmente proprietários dos alojamentos que possuem, ao contrário dos imigrantes das outras regiões continentais, que não têm propriedade sobre o alojamento. Mais uma vez estes dados apoiam na clarificação das condições distintas de vida destes imigrantes.

Constitui uma excepção ao comportamento dual que se verifica nas diferentes análises, o caso específico dos brasileiros que têm, na sua maioria, posse da sua habitação. Tal contraria o comportamento nos outros grupos de imigrantes (de Europa de Leste e África), com os quais surge em associação aos mais diversos níveis aqui analisados.

No caso dos imigrantes da Europa Ocidental, constata-se que mais de quatro quintos são proprietários do alojamento em que residem. Todos os imigrantes inquiridos com origem na América do Norte são proprietários e, no caso dos inquiridos da América do Sul, cerca de dois terços vive em casa própria. No caso dos imigrantes da Europa de Leste, nove em cada 10 reside em casa que

não é sua, e, nos dois agregados inquiridos com origem africana, a casa também não é de sua propriedade.

**Gráfico 5 - Famílias segundo a propriedade do alojamento e nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A maior parte dos agregados que não é proprietária dos alojamentos em que reside, ocupa as habitações em regime de arrendamento. Expectavelmente, tal é mais dominante entre os imigrantes da Europa de Leste, dado que são aqueles em que uma maior percentagem de famílias não é proprietária do alojamento. No entanto, ainda se encontraram sete famílias que nem são proprietárias dos alojamentos, nem os ocupam em regime de arrendamento<sup>24</sup>.

24

Tal, seria uma situação a explorar que o questionário não contemplou.

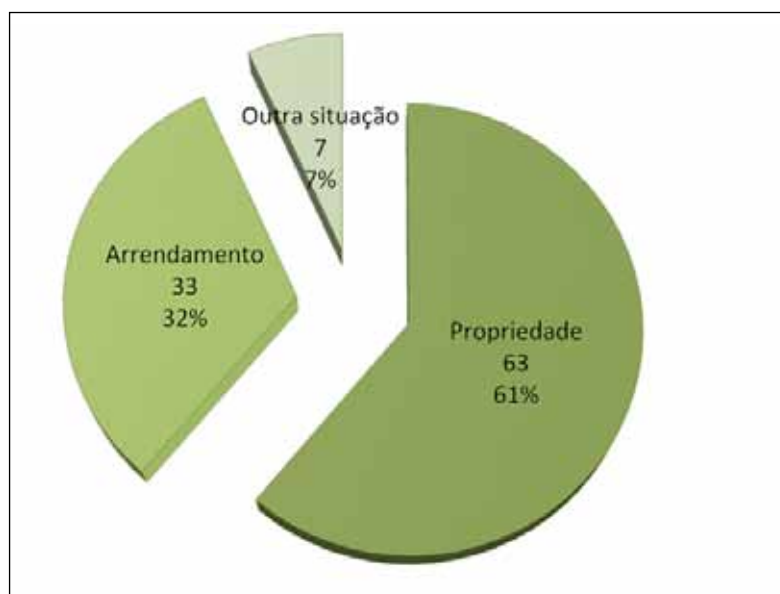
**Quadro 58 – Famílias segundo o arrendamento do alojamento**

Nacionalidade por regiões continentais		Se o alojamento é arrendado		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	4	3	7
	%	57,1%	42,9%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	24	4	28
	%	85,7%	14,3%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	3	0	3
	%	100,0%	,0%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	100,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	33	7	40
	%	82,5%	17,5%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

De forma resumida, diremos que na maior parte das famílias de imigrantes inquiridas o regime de ocupação predominante é o de propriedade. Segue-se o alojamento arrendado e as outras situações têm uma representação residual.

**Gráfico 6 – Famílias segundo o regime de ocupação do alojamento**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Condições básicas dos alojamentos garantidas, com apreciações diferentes sobre o seu estado de conservação*

Ao nível das características do alojamento, podemos dizer que os agregados de imigrantes têm garantidas as condições básicas, embora não seja possível aferir sobre a sua qualidade. Apenas num alojamento, cujo inquirido tem origem na Europa do Leste, não existem instalações sanitárias e em todos os alojamentos existe cozinha.

Quanto à avaliação que os imigrantes fazem das condições de alojamento, verifica-se existirem diferenças segundo a nacionalidade. Embora as apreciações sejam, regra geral, positivas, a maior parte dos imigrantes da Europa Ocidental e da América do Norte referem que o seu alojamento tem um estado de conservação muito bom, quando, para os restantes imigrantes, a classificação maioritariamente atribuída é de bom.

**Quadro 59 - Imigrantes inquiridos segundo a avaliação do estado de conservação do alojamento e a nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais	Avaliação do estado de conservação do alojamento				Total	
	Muito bom	Bom	Regular	Mau		
Europa Ocidental	Nº	32	18	5	1	56
	%	57,1%	32,1%	8,9%	1,8%	100,0%
Europa do Leste	Nº	8	16	6	1	31
	%	25,8%	51,6%	19,4%	3,2%	100,0%
América do Norte	Nº	3	2	0	0	5
	%	60,0%	40,0%	,0%	,0%	100,0%
América do Sul	Nº	1	7	1	0	9
	%	11,1%	77,8%	11,1%	,0%	100,0%
África	Nº	0	1	1	0	2
	%	,0%	50,0%	50,0%	,0%	100,0%
Total	Nº	44	44	13	2	103
	%	42,7%	42,7%	12,6%	1,9%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

## 9. A INTEGRAÇÃO DOS IMIGRANTES

*Com o passar do tempo diminuem as dificuldades sentidas em relação a Portugal*

A avaliação empreendida pelos imigrantes, em relação às dificuldades sentidas aquando da chegada a Portugal e no momento de inquirição, permitem-nos aferir das suas condições de integração ao nível local. Um primeiro balanço passível de ser empreendido, remete para o facto de que à chegada ao nosso país, apenas nove dos inquiridos referiram não sentir quaisquer dificuldades, elevando-se para mais de metade o número daqueles que à data da inquirição sentiam não ter dificuldades a assinalar. Significa dizer que, pelo menos do ponto de vista subjectivo, a permanência no país permite a estas pessoas superarem as dificuldades de integração sentidas à partida.

É o contacto com a língua portuguesa que cria maiores dificuldades à chegada ao país, sendo referenciado por quase dois terços dos inquiridos. Trata-se de uma dificuldade mais referenciada entre os imigrantes da Europa de Leste e da América do Norte.

Segue-se, por ordem de referências, a dificuldade na obtenção de documentos identificada por 30% dos inquiridos. Tal, é mais referenciado entre os imigrantes da Europa Ocidental e os da América do Norte. Aqui, se incluem dificuldades relacionadas com a regularização face a alguns organismos públicos, nomeadamente no que respeita à obtenção do cartão de segurança social ou do cartão de contribuinte. Também são referenciadas dificuldades na legalização das viaturas adquiridas, assim como na obtenção e legalização da carta de condução.

O não conhecimento das pessoas, a par da regularização da permanência são as outras duas opções referenciadas por maior número de imigrantes – por 19,4% e 14,6%, respectivamente.

Em relação às dificuldades sentidas na frequência escolar, procurou-se perceber a sua especificidade. Esta foi uma opção apenas referenciada por cinco inquiridos, tendo apenas dois identificado a demora nas inscrições e a falta de assiduidade.

Nas outras dificuldades, para além das inscritas no questionário, as

opções dos inquiridos são muito dispersas, identificando problemas relacionados com a integração, a oferta de habitação para residir, o sistema de saúde e de transportes.

**Quadro 60 – Imigrantes inquiridos segundo as dificuldades sentidas à chegada a Portugal e a nacionalidade**

Dificuldades sentidas à chegada a Portugal	Nacionalidade por regiões continentais						Total
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Não conhecer ninguém	Nº	9	7	1	2	1	20
	%	16,1%	22,6%	20,0%	22,2%	50,0%	19,4%
Clima	Nº	2	4	1	4	0	11
	%	3,6%	12,9%	20,0%	44,4%	,0%	10,7%
Língua	Nº	35	23	4	3	1	66
	%	62,5%	74,2%	80,0%	33,3%	50,0%	64,1%
Frequência escolar	Nº	3	2	0	0	0	5
	%	5,4%	6,5%	,0%	,0%	,0%	4,9%
Regularização/legalização	Nº	4	6	1	4	0	15
	%	7,1%	19,4%	20,0%	44,4%	,0%	14,6%
Obtenção de documentos	Nº	26	2	2	1	0	31
	%	46,4%	6,5%	40,0%	11,1%	,0%	30,1%
Integração no mercado de trabalho	Nº	1	6	1	1	0	9
	%	1,8%	19,4%	20,0%	11,1%	,0%	8,7%
Habitação	Nº	3	0	0	0	0	3
	%	5,4%	,0%	,0%	,0%	,0%	2,9%
Discriminação/racismo	Nº	1	2	1	4	0	8
	%	1,8%	6,5%	20,0%	44,4%	,0%	7,8%
Outras	Nº	3	0	1	1	0	5
	%	5,4%	,0%	20,0%	11,1%	,0%	4,9%
Nenhuma/nada	Nº	7	1	0	0	1	9
	%	12,5%	3,2%	,0%	,0%	50,0%	8,7%
Total	Nº	56	31	5	9	2	103

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008  
(Nota: Questão de resposta múltipla. As percentagens e os totais são baseados nos respondentes)

Quando questionados acerca das dificuldades sentidas, no momento da inquirição, a maior parte dos inquiridos refere não sentir quaisquer dificuldades. As opções são bem mais dispersas sobre os vários tipos de dificuldades referenciados no questionário. Apesar de, em número muito menos significativo, algumas das dificuldades mais sentidas, aquando da chegada, mantêm-se: a língua (12,7%) e a obtenção de documentos (11,8%). Nesta última, destacam-se as dificuldades ao nível da legalização da situação laboral. Estas dificuldades são apenas referenciadas pelos imigrantes europeus.

Em algumas das opções, solicitava-se que os inquiridos especificassem o tipo de dificuldade em causa. Em relação à frequência escolar, apesar de ser apenas referenciada por um inquirido, a sua opção deve-se ao facto de ter pouco tempo para tal. Ao nível salarial, referido por 8,8% dos respondentes, referem que os rendimentos obtidos são baixos. Deve salientar-se que esta é uma dificuldade exclusivamente assinalada pelos imigrantes da Europa de Leste.

Nas outras opções, que são identificadas em 10,8% dos casos e, maioritariamente por imigrantes da Europa Ocidental, a dificuldade mais referenciada prende-se com o sistema de saúde, seguido do custo de vida elevado. Ainda se identificam os problemas burocráticos, a dificuldade em encontrar trabalho certo, a dificuldade de integração e a falta de convivialidade. Todas estas opções foram referenciadas por um inquirido em cada caso.

Sublinharíamos apenas o facto que, pese embora relativamente residual, apenas entre os imigrantes sul-americanos e africanos se refere o problema de discriminação/racismo como uma das dificuldades sentidas no momento da inquirição.

**Quadro 61 - Imigrantes inquiridos segundo as dificuldades sentidas no momento de inquirição e a nacionalidade**

Dificuldades sentidas no momento da inquirição	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Não conhecer ninguém	N <sup>o</sup>	0	0	1	0	0	1
	%	,0%	,0%	20,0%	,0%	,0%	1,0%
Clima	N <sup>o</sup>	1	1	0	2	0	4
	%	1,8%	3,2%	,0%	22,2%	,0%	0,3%
Língua	N <sup>o</sup>	9	4	0	0	0	13
	%	16,4%	12,9%	,0%	,0%	,0%	12,7%
Frequência escolar	N <sup>o</sup>	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	3,2%	,0%	,0%	,0%	1,0%
Regularização/legalização	N <sup>o</sup>	0	0	1	1	0	2
	%	,0%	,0%	20,0%	11,1%	,0%	2,0%
Obtenção de documentos	N <sup>o</sup>	11	1	0	0	0	12
	%	20,0%	3,2%	,0%	,0%	,0%	11,8%
Salariais/económicas	N <sup>o</sup>	0	9	0	0	0	9
	%	,0%	29,0%	,0%	,0%	,0%	8,8%
Integração no mercado de trabalho	N <sup>o</sup>	2	1	1	3	0	7
	%	3,6%	3,2%	20,0%	33,3%	,0%	6,9%
Habitação	N <sup>o</sup>	1	1	0	0	0	2
	%	1,8%	3,2%	,0%	,0%	,0%	2,0%
Discriminação/racismo	N <sup>o</sup>	0	0	0	2	1	3
	%	,0%	,0%	,0%	22,2%	50,0%	2,9%
Outras	N <sup>o</sup>	8	1	1	1	0	11
	%	14,5%	3,2%	20,0%	11,1%	,0%	10,8%
Actualmente não sente nenhuma dificuldade	N <sup>o</sup>	28	17	3	3	1	52
	%	50,9%	54,8%	60,0%	33,3%	50,0%	51,0%
Total	N <sup>o</sup>	55	31	5	9	2	102

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008  
(Nota: Questão de resposta múltipla. As percentagens e os totais são baseados nos respondentes)

### *A exclusão da participação nos processos eleitorais locais, embora com integração nos organismos consulares dos países de origem*

A forma como os imigrantes se relacionam com as organizações locais, traduz-se num modo indirecto de avaliação do seu grau de integração, assim como permite aferir acerca das necessidades sociais emergentes da condição de imigrante. Um indicador indirecto de integração na comunidade, refere-se ao recenseamento eleitoral.

De acordo com a lei orgânica n.º 1/2001 de 14 de Agosto – lei eleitoral para os órgãos das autarquias locais – no seu Capítulo II, Artigo 2.º, alínea a), refere-se que:

*“Gozam de capacidade eleitoral activa os cidadãos maiores de 18 anos a seguir indicados:*

*a) Os cidadãos portugueses;*

*b) Os cidadãos dos Estados membros da União Europeia, quando de igual direito gozem legalmente os cidadãos portugueses no Estado de origem daqueles;*

*c) Os cidadãos de países de língua oficial portuguesa com residência legal há mais de dois anos, quando de igual direito gozem legalmente os cidadãos portugueses no respectivo Estado de origem;*

*d) Outros cidadãos com residência legal em Portugal há mais de três anos, desde que nacionais de países que, em condições de reciprocidade, atribuam capacidade eleitoral activa aos portugueses neles residentes.”*

Verifica-se, então, que a todos os cidadãos da União Europeia é conferido direito eleitoral nas eleições autárquicas, a par dos oriundos do Brasil e de Cabo Verde. Se é certo que, no caso de outros cidadãos estrangeiros, esse esteja previsto para o caso das eleições locais, após um dado período de permanência no país ou cujo país de origem actue em regime de reciprocidade com Portugal<sup>25</sup>, certo é que a maior parte dos imigrantes, independentemente da nacionalidade, não está inscrita nos cadernos eleitorais (65%). A única excepção, é verificada no caso dos imigrantes cabo-verdianos, ambos recenseados<sup>26</sup>. Conclui-se que, apesar dos direitos existentes, nem toda a população imigrante os reclama.

Registam-se diferenças na situação face ao recenseamento eleitoral, por relação à média de anos de residência em Portugal, concluindo-se que à medida que aumenta o tempo de permanência

25

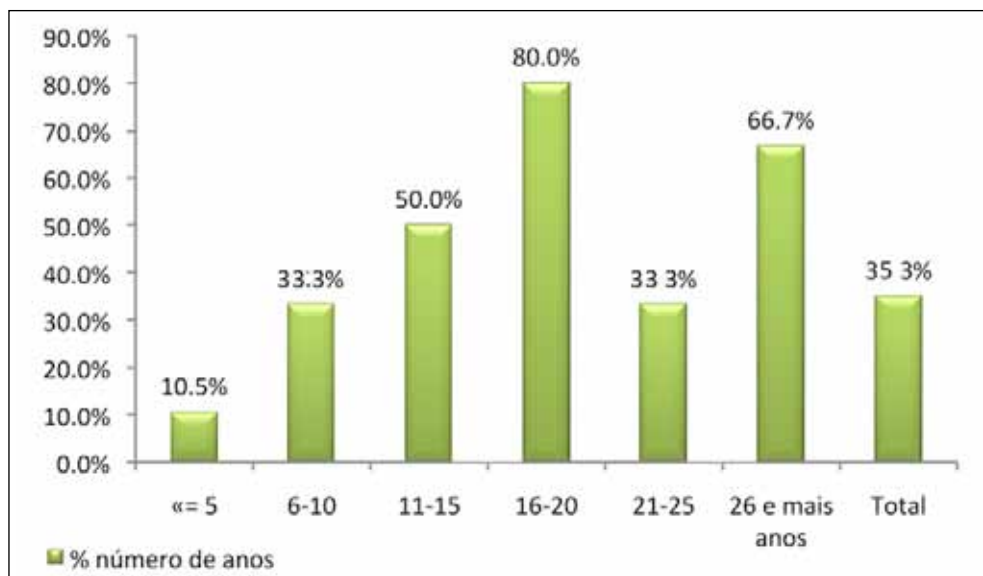
Para análise da especificidade do recenseamento eleitoral para os órgãos autárquicos, vide Mendes e Miguéis (2005).

26

Vide Quadro A17 em Anexo.

no país, aumenta a representação daqueles que estão recenseados. A média de anos de estadia em Portugal para aqueles que estão recenseados, é de 12 anos e meio, ao passo que aqueles que não estão recenseados vivem, em média, há oito anos e meio. Só a partir dos 11 anos de residência no país é que encontramos mais de metade dos imigrantes recenseados.

**Gráfico 7 – Inquiridos recenseados por classes de anos de residência em Portugal  
(% por relação ao número de anos)**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A inscrição nos consulados ou embaixadas do país de origem, não só se traduz num meio de relacionamento com esse, como pode estar indirectamente associado à necessidade de regularizar a situação no nosso país. Tal será particularmente válido nos grupos de imigrantes que vêm para Portugal, com a finalidade central de trabalhar ou que pretendam usufruir de dados direitos do seu país (de que é exemplo o exercício do direito de voto).

Conclui-se por uma dispersão grande nas respostas em função da nacionalidade. Se bem que a maioria se encontra inscrita no consulado ou embaixada do país de origem (57,3%), é no grupo dos imigrantes com origem na Europa Ocidental que se regista uma menor representação daqueles que se encontram nessa situação. Para tal, em muito contribui a população imigrante de

origem inglesa, cuja grande maioria não se encontra inscrita no consulado ou embaixada do país de origem (75% face ao total de imigrantes com origem neste país, representando quase metade dos imigrantes que não se encontram inscritos nestes organismos).

**Quadro 62 – Imigrantes inquiridos segundo a inscrição na embaixada/ consulado do país de origem e nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais		Se está inscrito(a) na embaixada/consulado do seu país de origem		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	23	33	56
	%	41,1%	58,9%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	23	8	31
	%	74,2%	25,8%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	3	2	5
	%	60,0%	40,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	9	0	9
	%	100,0%	,0%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	50,0%	50,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	59	44	103
	%	57,3%	42,7%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Acesso generalizado ao sistema de segurança social independente da nacionalidade*

Os imigrantes foram, igualmente, questionados sobre se tinham cartão de Segurança Social. Obviamente que o ter acesso a este cartão é apenas uma parte do processo de integração institucional e que não permite medir a qualidade que se tem nesse acesso.

Verifica-se que mais de três quartos da população imigrante tem o cartão da segurança social. No entanto, existem diferenças entre a nacionalidade e o acesso ao cartão de segurança social.

Também a este nível, é entre os imigrantes da Europa Ocidental que se verifica uma menor representação daqueles que têm a posse deste cartão, donde a população britânica sobressai pelo menor enquadramento institucional (42,9% não tem cartão de segurança social).

Os imigrantes do Leste europeu e do continente africano, são os que na sua grande maioria têm cartão de segurança social, o que se justifica pela centralidade no acesso ao trabalho nas motivações de vinda para o nosso país.

**Quadro 63 – Imigrantes inquiridos segundo a posse de cartão de segurança social e nacionalidade**

Nacionalidade por regiões continentais		Se tem cartão da Segurança Social		Total
		Sim	Não	
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	36	20	56
	%	64,3%	35,7%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	30	1	31
	%	96,8%	3,2%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	3	2	5
	%	60,0%	40,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	8	1	9
	%	88,9%	11,1%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	100,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	79	24	103
	%	76,7%	23,3%	100,0%

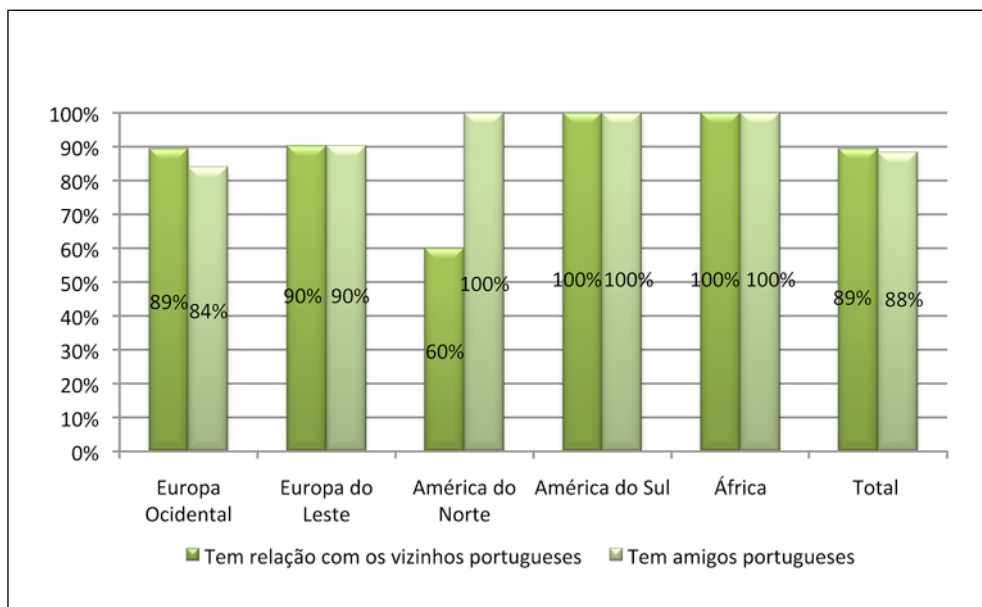
Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *A manutenção de relações sociais locais, valorizando-se as amizades com os portugueses*

Uma outra forma de avaliar o grau de integração social, reporta-se à manutenção de relações sociais locais ou com a comunidade de destino em geral. A maior parte dos inquiridos, afirma que relaciona com vizinhos portugueses ou que tem amigos nacionais. Tal é independente da nacionalidade, se bem que se verifiquem algumas diferenças que devem ser sublinhadas.

Assim, entre todos os imigrantes das comunidades lusófonas, tais relações são mantidas. É nos imigrantes da Europa Ocidental que se verifica uma maior percentagem de inquiridos que refere não ter relação com vizinhos portugueses (11%) e não ter amigos portugueses (16%). Entre os inquiridos da Europa do Leste, constata-se que 90% dos inquiridos tem relação com os seus vizinhos e tem amigos portugueses. Nos inquiridos da América do Norte, 40% não tem relação com os vizinhos, mas todos referem ter amigos portugueses.

**Gráfico 8 - Inquiridos segundo a existência de relação com vizinhos e amigos portugueses, segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A avaliação que é feita dessas relações de vizinhança e de amizade é muito positiva, não existindo variações relevantes em função da nacionalidade. Em nenhum caso se referiu ter uma relação má seja com vizinhos ou com amigos portugueses. No entanto, independentemente da nacionalidade, há uma apreciação mais favorável da relação tida com os amigos do que a que mantêm com vizinhos, o que é um dado relativamente espectacular.

As apreciações mais positivas, são empreendidas pelos imigrantes da América do Norte e de Cabo Verde, verificando-se que, quer nas relações com vizinhos, como nas relações com amigos portugueses, os inquiridos referem manter uma relação boa ou muito boa.

**Gráfico 9 – Inquiridos segundo a avaliação da relação mantida com vizinhos e com amigos portugueses, segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Quando questionados acerca das dificuldades sentidas na relação com a comunidade portuguesa, são as fragilidades comunicacionais decorrentes do não domínio da língua que são referidas por maior número de imigrantes.

As diferenças culturais, são assinaladas de diferentes formas, nalguns casos reflectindo opiniões mais pejorativas sobre a comunidade portuguesa. Sendo referenciadas, em situações pontuais, a análise de conteúdo das suas apreciações permite identificar algumas das fragilidades na inclusão social destes imigrantes. Vejam-se, a título de exemplo, algumas das opiniões referenciadas acerca da comunidade portuguesa:

“A comunidade portuguesa é desconfiada.”

“A comunidade portuguesa é muito individualista.”

“Os homens em Portugal são mais machistas e as famílias mimam muito as crianças.”

“Os portugueses metem-se muito na vida uns dos outros.”

“Os portugueses são mentirosos, «ciganos», é uma cultura fraca.”

“Os portugueses são muito stressados.”

“Os portugueses são muito fechados.”

### *Um desconhecimento e uma frágil utilização do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII), em particular nas comunidades não europeias*

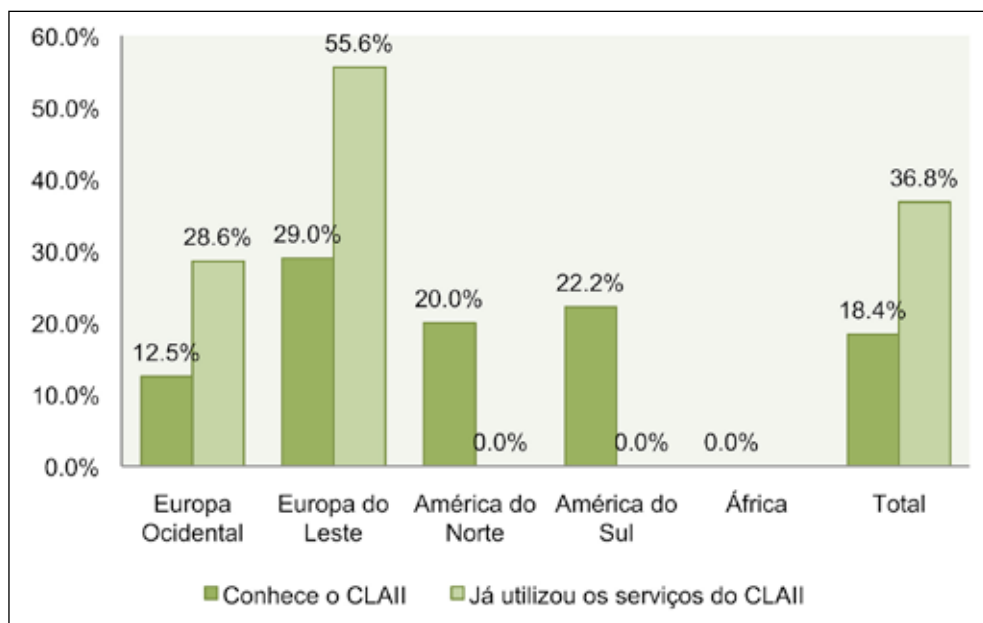
No que se refere ao conhecimento da estrutura local de apoio aos imigrantes, verifica-se que, à data da inquirição, a maior parte dos imigrantes não conhecia o CLAII. Apenas 18,4% da população imigrante conhecia o CLAII.

Este serviço, estava a funcionar há cerca de ano e meio, razão que pode justificar este conhecimento menos generalizado. Verifica-se que mais de um terço dos que conhecem o CLAII, já utilizaram os seus serviços. Nos utilizadores, apenas encontrámos imigrantes europeus, o que não significa que o serviço não seja utilizado por imigrantes de outras nacionalidades.

É entre os imigrantes da Europa do Leste, que se encontra uma maior percentagem de inquiridos que conhecem o CLAII (29%), sendo que mais de metade dos que o conhecem já utilizaram os seus serviços. Apenas 12,5% do total dos imigrantes da Europa Ocidental conhece o CLAII, sendo que cerca de um terço destes já utilizou os serviços aí prestados. Deve, no entanto, referir-se que os utilizadores do CLAII representam 6,8% no total dos imigrantes inquiridos. Apesar de ser um valor relativamente baixo, é de esperar que o recurso ao CLAII seja feito em função de necessidades específicas. Por essa razão, é mais importante o desconhecimento existente do que uma frágil utilização, dado que essa última pode ser um indicador indirecto de integração da comunidade imigrante.

Os dados parecem revelar que o conhecimento da estrutura está, em parte, relacionado com a sua utilização. É de esperar que com o tempo de funcionamento do CLAII se generalize o conhecimento dos seus serviços, daí que estes resultados possam ser tomados como um ponto de partida para no futuro se avaliar o seu impacto na comunidade imigrante.

**Gráfico 10 – Inquiridos segundo o conhecimento e utilização dos serviços do CLAII, em % face à nacionalidade**



**Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008**

As motivações centrais que originam o recurso ao CLAII, traduzem-se no apoio ou esclarecimento de dúvidas relativos ao processo de legalização. Uma outra razão indicada para deslocação ao CLAII, prende-se com a procura de oferta formativa.

Quando questionados acerca do esclarecimento prestado no CLAII, todos os imigrantes que já se socorreram dos seus serviços indicaram ter ficado esclarecidos face ao assunto ou assuntos que aí foram tratar. A avaliação empreendida ao serviço é muito positiva, tendo sido classificado entre muito bom e bom.

Percebendo-se a importância do CLAII na mediação para o processo de integração dos imigrantes, e no apoio dado ao esclarecimento de dúvidas daqueles que procuram os seus serviços, torna-se fundamental que a divulgação da sua existência e das suas acções seja uma constante.

### *Regressos frequentes ao país de origem diminuindo de intensidade com o aumento do tempo de permanência em Portugal*

**U**ma outra dimensão que se procurou aferir, respeita à relação que os imigrantes mantêm com o seu país de origem, seja no retorno frequente ao seu país procurando identificar as razões que subjazem a essas viagens, seja no apoio a familiares que aí se encontram permitindo identificar as remessas enviadas para esses.

Constata-se que praticamente nove em cada 10 imigrantes regressa ao país de origem, durante o período migratório em Portugal. No entanto, tal não é válido de igual forma em função da nacionalidade.

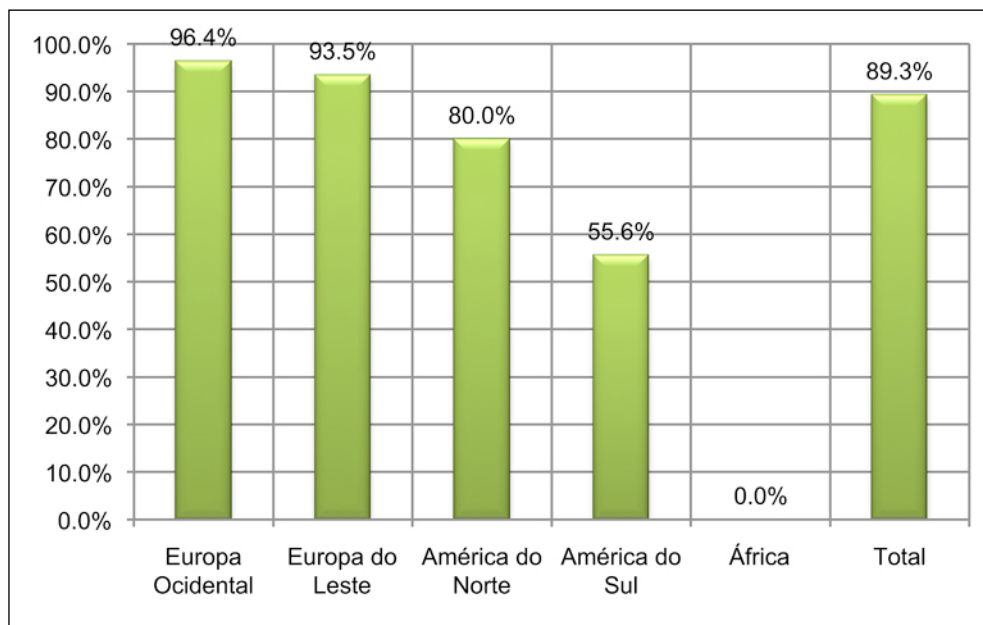
Os imigrantes europeus, são aqueles em que a grande maioria regressa ao país de origem, o que se pode justificar por uma maior proximidade geográfica e, conseqüentemente, pelos menores custos inerentes à deslocação. Entre os imigrantes com origem na América do Norte, conclui-se que quatro em cinco regressaram ao país de origem. As deslocações são menos frequentes entre os imigrantes de países lusófonos. No caso dos imigrantes brasileiros, pouco mais de metade já regressou ao seu país, sendo que, no caso dos imigrantes cabo-verdianos, nenhum regressou ao seu país. Nestes casos, as viagens são mais dispendiosas e o perfil de imigração explicará as razões pelas quais a permanência em Portugal não lhes permitirá o regresso ao seu país.

No entanto, quando questionados acerca das razões pelas quais não se registou, até ao momento, o regresso ao país de origem, são várias as opções assinaladas pelos imigrantes. O único imigrante da Europa Ocidental que assinalou o motivo por que ainda não regressou ao seu país, refere não ter tido ainda necessidade para tal. Quanto aos imigrantes da Europa do Leste, um referiu não querer voltar e outro assinalou não ter visto para efectuar a referida viagem. O mais certo, neste último caso, é que o imigrante não estivesse em situação regularizada que lhe permitisse o retorno a Portugal após a ida para o seu país.

A única opção que foi assinalada por dois imigrantes, reporta-se à falta de condições financeiras para a viagem ao seu país, identificada por um imigrante brasileiro e outro cabo-verdiano.

Nos imigrantes brasileiros, são, ainda, identificadas outras motivações. Num caso, o facto de ter um filho portador de deficiência tem sido impeditivo da viagem, noutra argumenta-se a falta de oportunidade tida até ao momento para regresso ao seu país, e numa outra situação refere-se estar a esperar por mais algum tempo para que esse retorno se possa efectivar. Um outro imigrante africano, refere ainda não ter regressado ao seu país de origem dado que os familiares já vieram a Portugal. Por último, um imigrante com origem na América do Norte justifica-se pelo facto de ter vindo recentemente para Portugal.

**Gráfico 11 – Inquiridos segundo o regresso ao país de origem desde que residem em Portugal, em % segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

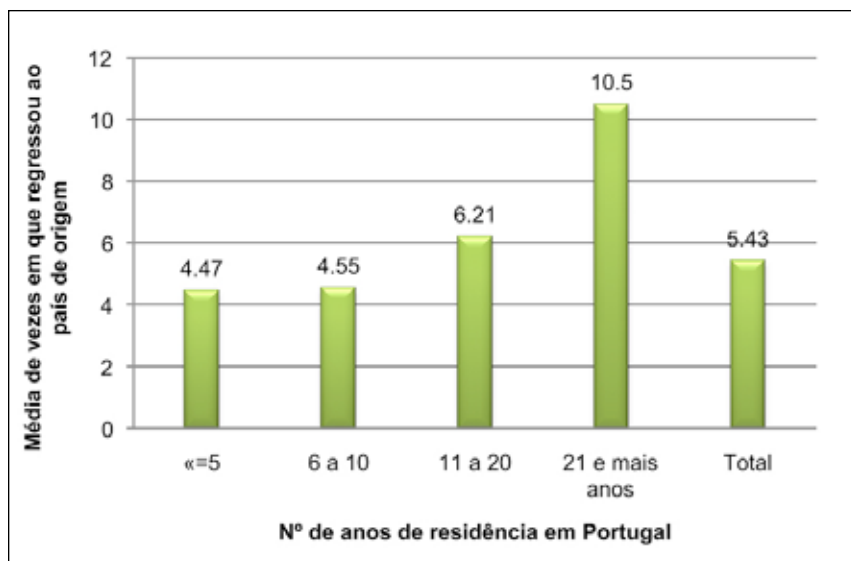
Em média, os imigrantes regressaram cerca de cinco vezes ao seu país, sendo que cerca de 50% já o fez pelo menos três vezes. O valor modal é de duas viagens ao país de origem, tendo sido

realizadas por 22,8% dos imigrantes<sup>27</sup>.

À medida que aumenta o período de residência em Portugal, também aumenta o número de vezes em que os imigrantes se deslocaram aos seus países de origem. Os indivíduos que residem há menos de cinco anos em Portugal, já regressaram ao seu país, em média, cerca de cinco vezes (o que equivale a uma média de uma vez por ano). Por outro lado, os indivíduos que residem há mais de 21 anos, já foram ao seu país em média cerca de 11 vezes (neste caso, equivale a cerca de uma viagem de dois em dois anos ou de três em três anos).

Estes dados, indicam que apesar de aumentar o número de vezes de regresso ao país em função do número de anos de residência no país, a intensidade desse retorno tende a diminuir. Tal pode relacionar-se com a maior sedimentação e integração que se dá com o decurso dos anos de vivência em Portugal, que aos poucos rompe com uma maior relação afectiva com o país de origem, existente nos primeiros anos do percurso migratório no nosso país.

**Gráfico 12 – Média de vezes em que os inquiridos regressaram ao país de origem segundo o número de anos de residência em Portugal**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

27

Vide quadro A18 em Anexo.

### *Um regresso ao país para férias ou para estar com a família*

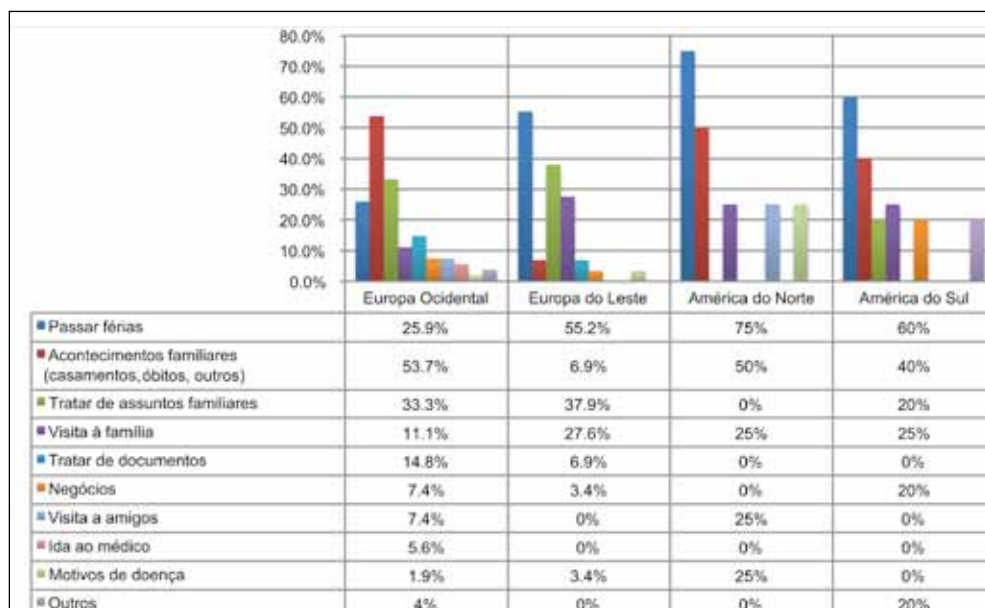
Quando questionados acerca das motivações que estão na origem do regresso ao país de origem, aquelas que são mais assinaladas reproduzem-se nos vários perfis de nacionalidade, pese embora com ordens diferenciadas. Em termos globais, as opções mais assinaladas são a deslocação para férias, seguida dos acontecimentos familiares e o tratar de assuntos familiares.

Entre os imigrantes da Europa Ocidental, o que leva a maioria a regressar ao seu país de origem são os acontecimentos familiares (casamentos, óbitos ou outros), seguido dos assuntos familiares. A par com os imigrantes da América do Norte, é apenas nestes casos que se verifica a deslocação ao país para visita a amigos. É a única nacionalidade em que se registam casos de regresso ao país para idas ao médico.

Perfil relativamente diferente, é registado nos imigrantes da Europa de Leste, que, na sua maioria, regressa ao seu país para passar férias e pouco mais de um terço fá-lo para tratar de assuntos familiares. Mais de um quarto vai ao seu país para visita a familiares, sendo a nacionalidade em que tal opção é assinalada por uma maior percentagem de respondentes.

Nos imigrantes provindos do continente americano, é referenciado, em primeiro lugar, o regresso ao país de origem para passar férias, seguido dos acontecimentos familiares e da visita à família. Nos imigrantes da América do Norte, tem também importância o regresso por motivos de doença e, no caso dos imigrantes brasileiros, ressalta o regresso ao país para tratar de negócios.

**Gráfico 13 – Motivos de regresso ao país de origem, em % dos respondentes por nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008  
(Nota: Questão de resposta múltipla. As percentagens e os totais são baseados nos respondentes)

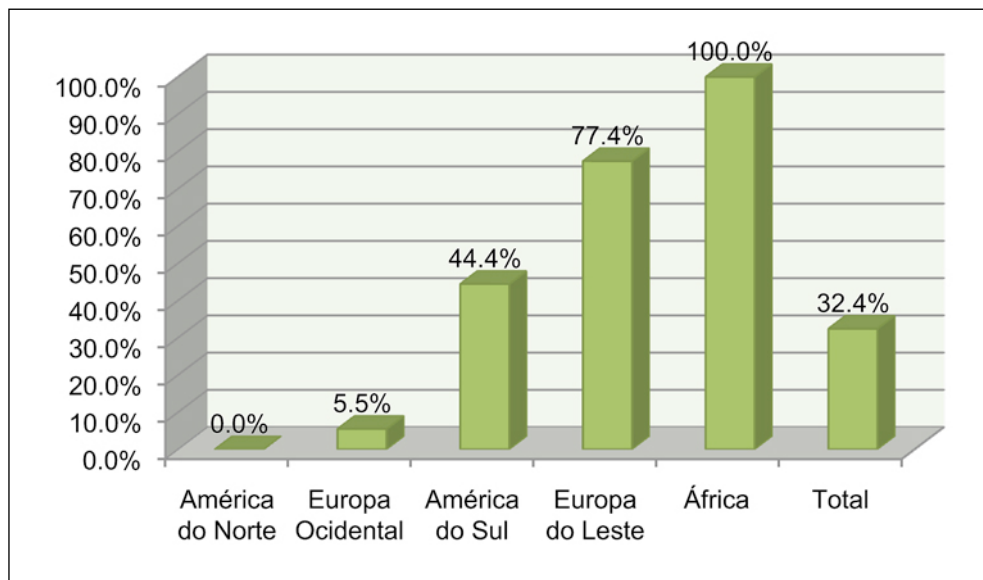
### *Imigração de sobrevivência marcada por dependentes no país de origem e pela vontade em trazer familiares para Portugal*

No total dos inquiridos, apenas um terço tem familiares dependentes no país de origem. Mas a análise da situação, por nacionalidade, deixa evidenciar novamente a existência de dois perfis muito distintos entre os imigrantes.

Naqueles que denominámos de “imigrantes de elite”, poderemos dizer que a vinda para o nosso país se faz sem grandes encargos a montante. Na maior parte dos casos, não têm familiares dependentes no país de origem, o que faz com que a decisão de imigração possa ser emocionalmente menos constrangedora e economicamente mais sedimentada.

O inverso se pode dizer em relação aos imigrantes de sobrevivência. O seu percurso migratório, é marcado pela permanência no país de origem de dependentes familiares. Mais de três quartos dos imigrantes da Europa do Leste e de África tem dependentes no país de origem e, no caso dos imigrantes da América do Sul, quase metade mantém familiares nessa situação.

**Gráfico 14 – Inquiridos segundo a existência de familiares dependentes no país de origem, em % face à nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

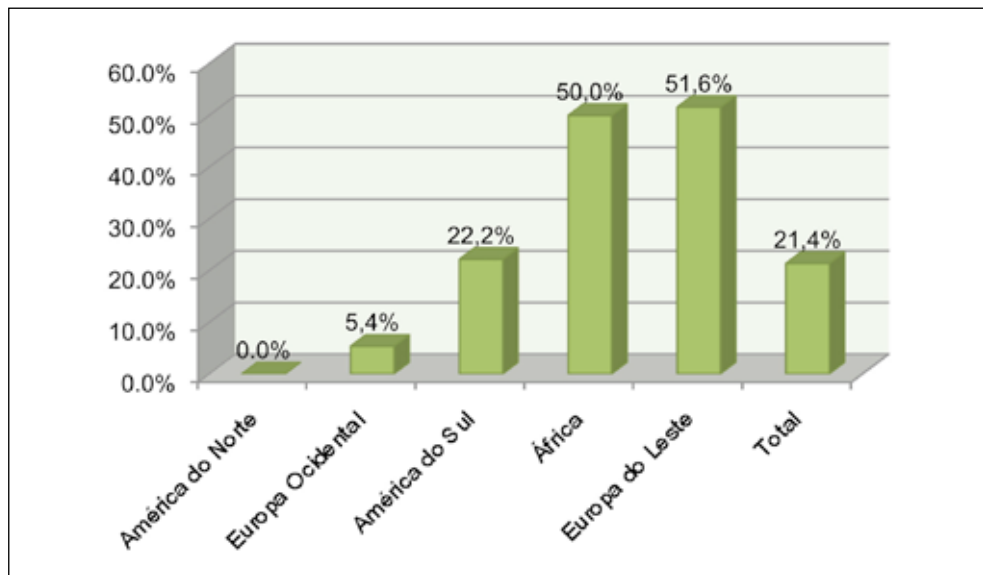
Filhos e pais ou sogros representam a grande parte dos familiares dependentes que se mantêm no país de origem, no caso dos imigrantes da Europa de Leste. Todos os imigrantes da Europa Ocidental, mantêm filhos dependentes no país de origem. O número de filhos dependentes, não ultrapassa em ambas as nacionalidades o número de dois. No caso dos imigrantes da América do Sul, os dependentes que se mantêm no país de origem são os pais ou sogros, irmãos e sobrinhos. Também nos imigrantes da Europa de Leste se encontram estes familiares dependentes. Os imigrantes africanos, têm como familiares dependentes os pais ou sogros e irmãos<sup>28</sup>.

A relação afectiva com o país de origem, mantém-se nos imigrantes de sobrevivência quando se analisa a sua vontade em trazer familiares seus para Portugal. Metade, ou mais de metade, dos imigrantes africanos e da Europa de Leste, afirmam essa vontade, e nos imigrantes da América do Sul, tal pretensão é afirmada por um quinto dos inquiridos. Já nos imigrantes de elite – América do Norte e Europa Ocidental – a afirmação da vontade em trazer familiares para o nosso país é inexistente ou residual.

<sup>28</sup>

Vide Quadro A 19 em Anexoo.

**Gráfico 15 – Inquiridos segundo a pretensão em trazer familiares do país de origem para Portugal, em % face à nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Quando questionados acerca dos familiares que gostariam de trazer para Portugal, a resposta mais assinalada refere-se aos filhos, irmãos e pais. São opções que retratam a vontade de permanência no país, em particular quando se trata da manifestação da intenção em trazer os filhos, ou mesmo os pais. Tal é uma opção assinalada por um maior número de imigrantes da Europa do Leste<sup>29</sup>.

Quanto às razões pelas quais não pretendem trazer familiares para Portugal, cerca de um terço refere não sentir essa necessidade e mais de um quarto afirma que é a própria família que não pretende sair do país de origem. Se, no primeiro caso, essa opção é assinalada por mais de dois quintos dos imigrantes da Europa Ocidental e da América do Norte, no segundo caso é uma resposta maioritária dos imigrantes da Europa do Leste e da América do Sul. De resto, são situações bem diferenciadas: a primeira revela uma opção descomprometida, já a segunda deixa recair sobre os familiares a responsabilidade de não estarem consigo.

Há outros casos em que a resposta parece transparecer uma vontade que não se pode efectivar.

<sup>29</sup>

Vide Quadro A 20 em Anexo.

Esse é o exemplo dos imigrantes que referem que a idade dos parentes não lhes permite virem para o nosso país, o que será particularmente válido nos casos em que se mantêm os pais ou os sogros no país de origem. Esta situação, foi referenciada por aproximadamente 10% dos inquiridos. Outras são as situações em que os imigrantes referem não ter condições financeiras para trazer esses familiares ou a dificuldade em aceder ao mercado de trabalho no nosso país.

Em algumas situações, esta é uma questão que não se coloca: ou porque já não têm familiares – situação que é apenas referenciada por imigrantes da Europa Ocidental (9,1% do total dos imigrantes desta nacionalidade), ou porque já trouxeram a família ou parte dela para Portugal (referenciada apenas pelos imigrantes europeus).

**Quadro 64 – Imigrantes inquiridos segundo os motivos para não trazerem familiares para Portugal e a nacionalidade**

Motivos por que não pretendem trazer os familiares para Portugal	Nacionalidade por regiões continentais					Total
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África	
Essa necessidade não é sentida	18 40,91%	1 6,67%	2 40,00%	2 28,57%	0 0,00%	23 31,94%
A família não pretende sair do seu país	6 13,6%	9 60,0%	3 60,0%	1 14,3%	0 0,0%	19 26,4%
Devido à idade dos familiares	6 13,6%	1 6,7%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	7 9,7%
Falta de condições financeiras para trazer a família	1 2,3%	0 0,0%	0 0,0%	2 28,6%	1 100,0%	4 5,6%
Não tem familiares	4 9,1%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	4 5,6%
Já tem a família ou parte dela consigo	2 4,5%	1 6,7%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	3 4,2%
Pela dificuldade em encontrar trabalho em Portugal	3 6,8%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	3 4,2%
Outras	4 9,1%	3 20,0%	0 0,0%	2 28,6%	0 0,0%	9 12,5%
<b>Total</b>	<b>44</b> <b>100,0%</b>	<b>15</b> <b>100,0%</b>	<b>5</b> <b>100,0%</b>	<b>7</b> <b>100,0%</b>	<b>1</b> <b>100,0%</b>	<b>72</b> <b>100,0%</b>

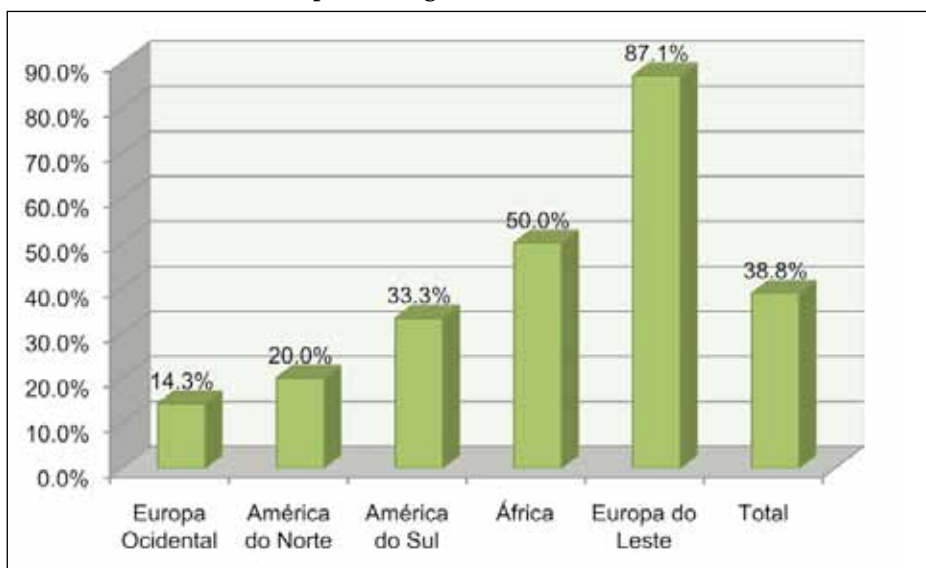
Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *O percurso migratório como suporte à subsistência das famílias de origem – uma característica dos imigrantes de Leste*

Quando questionados acerca do hábito de envio de bens ou dinheiro para a família que permanece no país de origem, os imigrantes apresentam perfis distintos em função da nacionalidade. Verifica-se existirem diferenças quando se compara os comportamentos dos imigrantes da Europa Ocidental e da América, com aqueles registados nos imigrantes da Europa de Leste e de África. Assim, há uma maior propensão destes últimos para envio de bens ou dinheiro para o país de origem.

Na amostra, regista-se que metade dos imigrantes africanos mantém o envio de bens ou dinheiro para a sua família e nos imigrantes da Europa de Leste praticamente nove em cada 10 tem esta prática. Nos restantes imigrantes, menos de um terço mantém o hábito de envio de bens ou dinheiro para a família permanente no país de origem.

**Gráfico 16 – Inquiridos segundo o envio de dinheiro ou bens para a família que permanece no país de origem e a nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

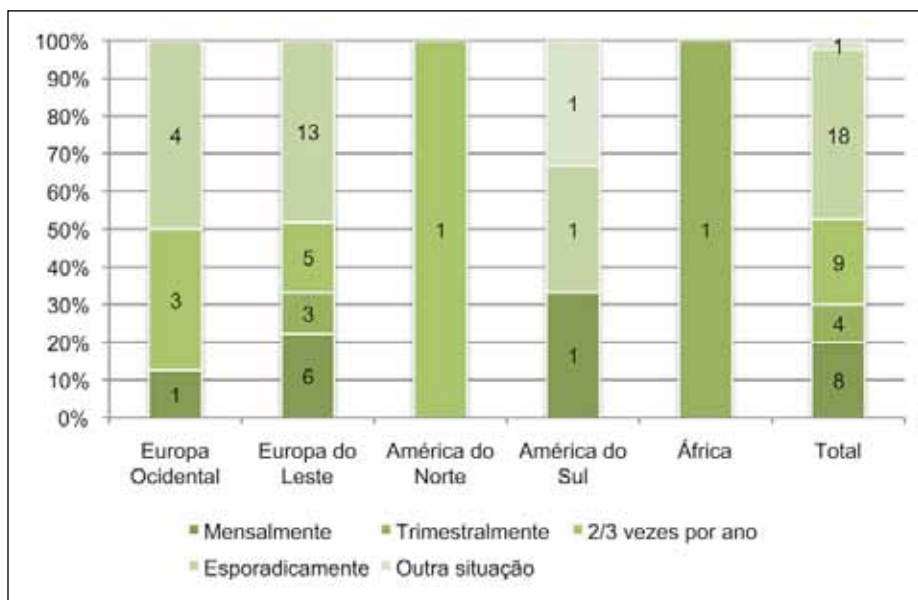
A frequência com que os imigrantes enviam bens ou dinheiro para a sua família, é variável entre os diferentes grupos de nacionalidade, embora o número reduzido de respostas em cada grupo impeça conclusões muito exaustivas a este respeito. Em termos globais, pode concluir-se que o envio de bens

ou dinheiro para o país de origem é feito de modo esporádico por parte importante dos imigrantes (45%), seguindo-se aqueles que o fazem duas a três vezes ao ano (22,5%) ou mensalmente (20%).

Entre os imigrantes da Europa Ocidental, metade envia bens ou dinheiro de forma esporádica, sendo um comportamento igualmente verificável entre os imigrantes da Europa de Leste. No entanto, entre este último grupo, verifica-se uma representação importante daqueles que o fazem mensalmente (22,2%), a par com os imigrantes da América do Sul (um em três).

Um imigrante da América do Norte envia bens ou dinheiro para a família entre dois a três vezes ao ano. Nos imigrantes da América do Sul, um apoia a família esporadicamente e outro refere uma outra situação de apoio. Neste caso, a outra situação refere-se a apoios pontuais sem periodicidade assumida. O único imigrante africano que apoia a família de origem, refere enviar dinheiro ou bens para o seu país com uma periodicidade trimestral.

**Gráfico 17 – Inquiridos segundo a frequência de envio de dinheiro ou bens para a família que permanece no país de origem e a nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Em relação aos motivos pelos quais os imigrantes não enviam dinheiro ou bens para o país de origem, a opção mais assinalada refere-se ao facto da família não ter necessidade (80,4%). Com

carácter mais residual, aparece a opção de não terem familiares e de não terem possibilidades financeiras para tal (6,5% das respostas em cada caso)<sup>30</sup>.

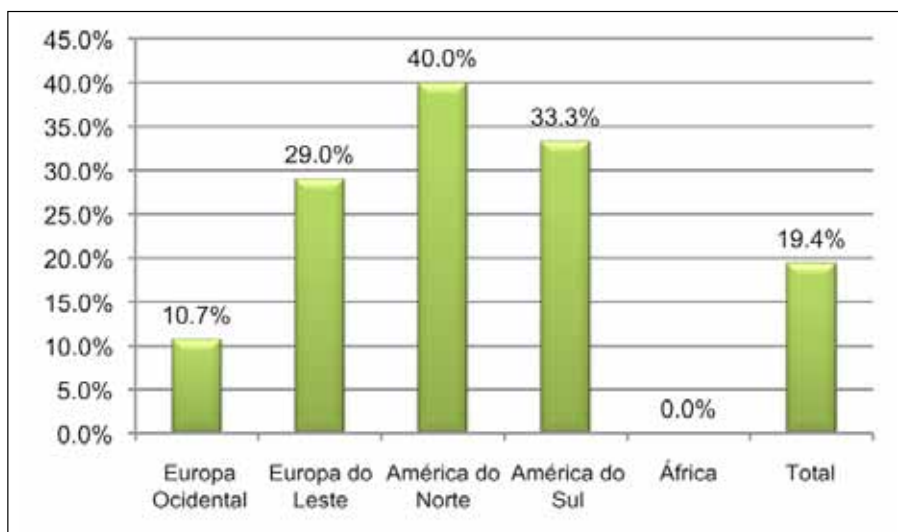
### *Uma tendência para não investimento no país de origem*

A maior parte dos inquiridos, refere não ter vindo a investir no seu país de origem (80,6%). Em termos relativos, aqueles que mais têm investido são os imigrantes com origem no continente americano.

No entanto, em termos absolutos, a opção de investimento mais referenciada é a de aquisição de habitação, assinalada na sua maioria por imigrantes com origem na Europa de Leste (sete em 10 inquiridos que indicaram esta opção). Significa que, no conjunto dos inquiridos que compõem a amostra, aproximadamente 10% investe em habitação no país de origem o que pode apontar para um percurso migratório de carácter não permanente.

As únicas três opções referentes ao investimento noutros domínios, reportam-se ao mercado bolsista, apenas indicada pelos imigrantes da Europa Ocidental e da América do Norte<sup>31</sup>.

**Gráfico 18 - Inquiridos que têm investido no país de origem segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

30

Vide Quadro A21 em Anexo.

31

Vide Quadro A 22 em Anexo.

# 11. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CÍVICA DOS IMIGRANTES

*Níveis de participação eleitoral não distintos da população em geral mas com variações entre grupos de nacionalidade*

A participação política e cívica dos imigrantes, representa um elemento caracterizador do nível de integração na sociedade de acolhimento. No entanto, segundo Marques (2005), os imigrantes consideram que a sua participação tem pouca expressão e, por isso, deve ser estimulada, não só no domínio político, como cívico, mas também o seu envolvimento activo nas instituições do Estado, principalmente naquelas que desenvolvem políticas de imigração.

No âmbito deste estudo, procuraram-se avaliar os níveis de participação política e cívica através da análise da sua participação nos actos eleitorais como na sua integração em associações.

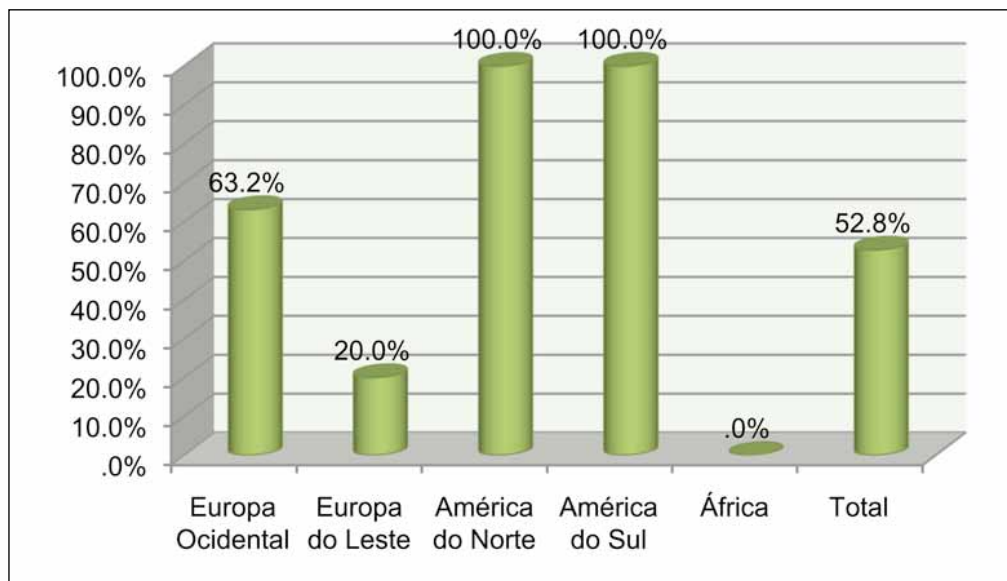
Já se referiu anteriormente que há uma representação significativa dos imigrantes não recenseados nos cadernos eleitorais da Junta de Freguesia, inversamente aos inscritos na embaixada ou consulado do país de origem, que compõem mais de metade da amostra<sup>32</sup>. No entanto, se essas dimensões permitem identificar alguns factores de integração, não são suficientemente esclarecedores sobre o tipo de participação destes grupos da população. Daí se ter questionado acerca do exercício de direito de voto seja para as eleições locais, seja nas eleições do seu país de origem.

Entre os imigrantes recenseados, verifica-se que 52,8% refere exercer o seu direito nas eleições portuguesas. Se utilizarmos como referência comparativa o último acto eleitoral autárquico, conclui-se que a diferença de participação não é significativa. Entre o total da população inscrita, registou-se, em 2009, uma taxa de participação de 55,1%. Diríamos que o problema central, não estará entre aqueles que estão recenseados, dado que as suas taxas de participação eleitoral não distam das registadas no conjunto da população, mas sim na parte importante de imigrantes que não estará a gozar do seu direito de acesso aos actos eleitorais locais.

.....  
32 Vide a este respeito o Capítulo 9.

Há diferenças na prática eleitoral por grupos de nacionalidade dos imigrantes. Conclui-se que, entre o grupo de imigrantes recenseados com origem no continente americano e da Europa Ocidental, há uma maior propensão para votarem do que entre os restantes imigrantes. De resto, as taxas de afirmação da participação nesse primeiro grupo de imigrantes, são superiores às registadas para o conjunto da população. Todos os inquiridos do continente americano afirmaram exercer o seu direito de voto nas eleições portuguesas e seis em cada 10 imigrantes da Europa Ocidental afirmaram o mesmo. Já entre os imigrantes da Europa de Leste, apenas um em cada cinco exerce o seu direito de voto, ao passo que não se regista nenhum imigrante africano a fazê-lo.

**Gráfico 19 - Inquiridos recenseados que exercem o seu direito de voto nas eleições portuguesas segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Existem, igualmente, diferenças entre o número de anos de residência em Portugal e o exercício de voto nas eleições do país. Em média, aqueles que votam residem em Portugal há cerca de 13 anos e os que não votam, vivem há nove anos. Verifica-se uma tendência para uma maior participação nos actos eleitorais, à medida que aumenta o tempo de permanência no país.

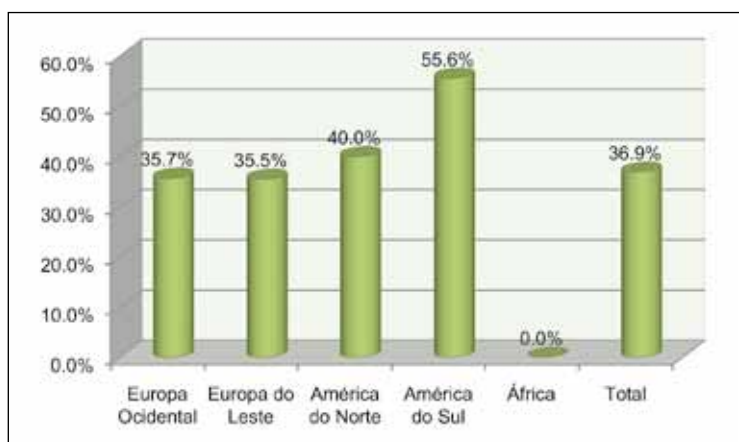
### *Frágeis níveis de participação eleitoral nas eleições dos países de origem*

Se ao nível da participação nas eleições nacionais se destaca uma frágil inserção no sistema eleitoral, mas com uma afirmação de participação equivalente à nacional, é no domínio nos actos eleitorais dos países de origem que se regista um maior alheamento participativo. Em média, apenas dois em cada cinco imigrantes participa nestes actos eleitorais, e não há diferenças importantes no seu comportamento em função da nacionalidade. Aqueles que mais votam, são os imigrantes da América do Sul, com mais de metade a fazê-lo. Nos outros grupos de imigrantes, a afirmação da participação nos actos eleitorais do país de origem é inferior ou igual a 40%. Mais uma vez, não há qualquer imigrante africano a afirmar votar.

A título conclusivo, diremos que se, em termos globais, temos uma maior percentagem de imigrantes a votar nas eleições dos seus países de origem do que ao nível nacional (no global, apenas afirmam votar em Portugal 18,4% do total dos inquiridos, quando 36,9% afirma votar no seu país de origem), os dados permitem-nos aferir de há um maior distanciamento dos imigrantes face às instâncias políticas e um frágil exercício desse direito central de cidadania que é o voto.

Não se registam diferenças entre o exercício de voto nos países de origem e o número de anos de residência no nosso país. Na amostra, verifica-se que aqueles que vivem há mais tempo em Portugal votam menos do que os restantes. Em média, os que não votam nas eleições do seu país vivem em Portugal há cerca de 11 anos, e os que votam vivem há cerca de oito anos.

**Gráfico 20 – Inquiridos que exercem o seu direito de voto nas eleições dos países de origem segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

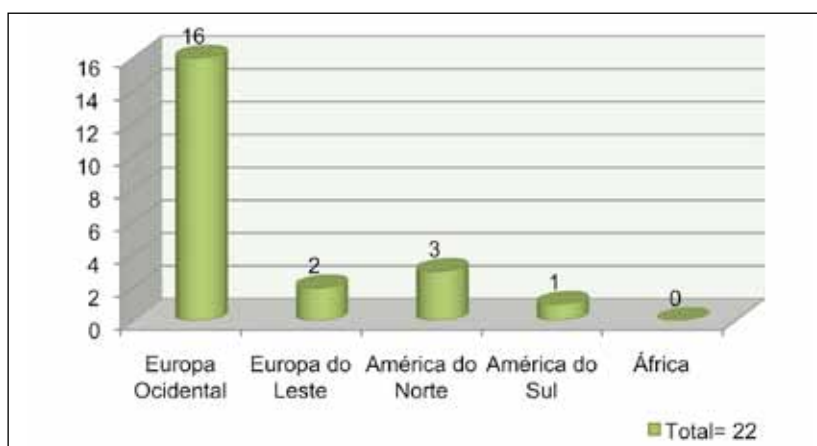
### *Frágeis níveis de participação associativa embora a dominante seja de nível local*

A participação dos imigrantes no domínio cívico, quer em “movimentos associativos, quer no domínio do trabalho (sindicatos...), quer no lazer e tempos livres (clubes desportivos...) quer, sobretudo, em Associações de Imigrantes que podem cumprir um importante papel político na defesa dos direitos e no apoio ao cumprimento dos deveres dos seus associados perante a sociedade de acolhimento” (Marques, 2005:101), pode revelar-se como um importante indicador da sua integração na sociedade de acolhimento.

No entanto, também ao nível da participação associativa, o envolvimento dos imigrantes é reduzido, se bem que tal será extensível à população em geral. Apenas 21,4% dos imigrantes afirma pertencer a uma qualquer associação. A pertença associativa, é variável entre os grupos de nacionalidade, sendo mais acentuada entre os imigrantes da América do Norte - três em cada cinco pertence a uma associação. Seguem-se os imigrantes da Europa Ocidental, onde a pertença associativa é de cerca de 29%. Nos restantes grupos de imigrantes, a participação associativa é residual. Nenhum imigrante africano pertence a qualquer associação.

Podem identificar-se diferenças entre o número de anos de residência no país e a pertença a alguma associação. Aqueles que fazem parte de associações residem, em média, há mais anos do que aqueles que não fazem parte de associações. No primeiro caso, a média de anos de residência em Portugal é de cerca de 14 anos e no segundo de nove. Tal vem corroborar a noção de que um dos indicadores de medida da integração dos imigrantes na comunidade é a participação associativa.

**Gráfico 21 – Inquiridos que pertencem a alguma associação segundo a nacionalidade**



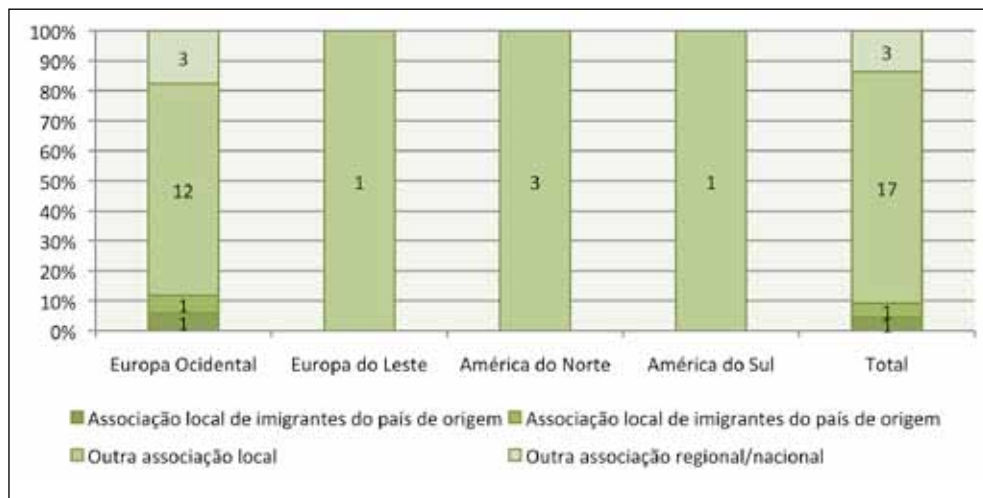
Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

As associações a que a maior parte dos imigrantes pertence, são de carácter local. O peso da participação em associações de imigrantes é residual, o que se pode justificar pelo facto dessas não existirem no concelho.

Quando questionados acerca do tipo de associação local da qual fazem parte, a opção mais assinalada refere-se à Associação Amigos do Museu. Esta associação, apesar de não ser de imigrantes, tem sido dinamizada por estrangeiros, razão que pode justificar uma maior adesão. Praticamente um em cada três imigrantes que pertencem a associações é sócio da Associação Amigos do Museu.

Em relação às referências a outras associações de carácter regional ou nacional, identifica-se um imigrante que pertence, simultaneamente, à Associação de Artesãos do Algarve e ao Clube Nacional de Artes Plásticas e um outro à Associação Mariposa.

**Gráfico 22 – Inquiridos segundo o tipo de associação a que pertencem e a nacionalidade**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro 65 - Inquiridos segundo o tipo de associação local da qual fazem parte**

<b>Qual o tipo de associação da qual faz parte</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Amigos do Museu	6	27,2%
Associação de Pais	2	9,1%
Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários	2	9,1%
Associação de Golfe da Quinta da Ria	1	4,5%
Associação de Yoga	1	4,5%
Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, Amigos do museu	1	4,5%
Associação Serranos, Loulé	1	4,5%
Clube de Caça e Pesca, União Desportiva e Recreativa Sambrasense, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários	1	4,5%
Desporto	1	4,5%
Sociedade Recreativa do Alportel, Amigos de S. Brás	1	4,5%
Terramada	1	4,5%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IN LOCO - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008  
Questão de resposta múltipla

## 12. ACESSO A BENS E SERVIÇOS

Interessou, também, perceber quais as especificidades dos consumos passíveis de identificar na população imigrante. Tal permite aferir das suas necessidades quotidianas, a par das suas mobilidades para acesso a bens e serviços específicos.

Questionou-se acerca do perfil dos locais, onde se deslocam para a realização das suas compras. Verifica-se que a maior parte dos imigrantes opta por lojas em que se fala predominantemente o português, independentemente da nacionalidade. A outra opção, relaciona-se com a escolha de lojas em que se fala o português e a língua de origem. Esse, é um elemento referenciado por uma maior percentagem de imigrantes da Europa de Leste. Embora comecem a surgir lojas especificamente direccionadas para imigrantes, ainda se traduz numa realidade de muito reduzida dimensão.

**Quadro 66 - Inquiridos segundo o tipo de local onde realiza as suas compras**

Nacionalidade por regiões continentais	Onde realiza habitualmente as suas compras		Total	
	Só em lojas onde se fala o português	Em ambas		
Europa Ocidental	N <sup>o</sup>	44	12	56
	%	78,6%	21,4%	100,0%
Europa do Leste	N <sup>o</sup>	21	10	31
	%	67,7%	32,3%	100,0%
América do Norte	N <sup>o</sup>	4	1	5
	%	80,0%	20,0%	100,0%
América do Sul	N <sup>o</sup>	8	1	9
	%	88,9%	11,1%	100,0%
África	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	100,0%	,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	79	24	103
	%	76,7%	23,3%	100,0%

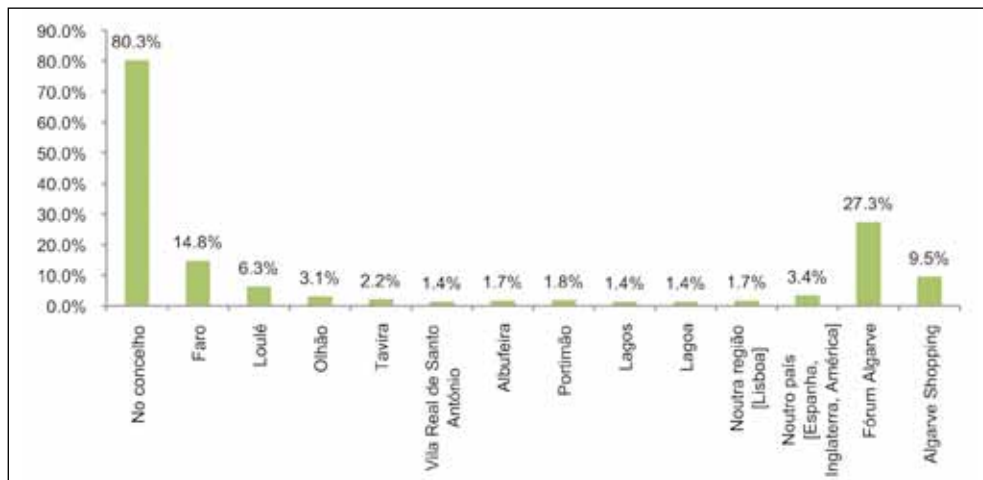
Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

De forma a sistematizar os resultados relativos aos consumos, criou-se uma tipologia que agrega o consumo de bens e acesso a serviços, os

perfis funcionais<sup>33</sup> e o padrão de mobilidade para aquisição ou acesso a bens e serviços, assim como a frequência do consumo.

Regra geral, é possível afirmar que há um centramento dos consumos no concelho, com ligeiras variações em função do perfil de bem ou serviço a que nos estejamos a reportar. As deslocações para fora do concelho, são essencialmente empreendidas para os concelhos limítrofes e para dois centros comerciais específicos: o Fórum Algarve (localizado em Faro) e o Algarve Shopping (Guia – Albufeira)<sup>34</sup>.

**Gráfico 23 - Inquiridos segundo os locais de consumo  
(em % média do conjunto de bens e serviços)**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

No primeiro tipo de consumos, englobam-se os bens de primeira necessidade, como os vegetais frescos, a carne e o pão, cujo acesso abarca praticamente a totalidade da população imigrante, e o seu consumo é feito com bastante frequência. O acesso a estes bens, faz-se maioritariamente no concelho ou nos concelhos limítrofes de Loulé, Faro, Olhão e Tavira. Nalguns casos, o acesso a estes bens faz-se nos centros comerciais referenciados.

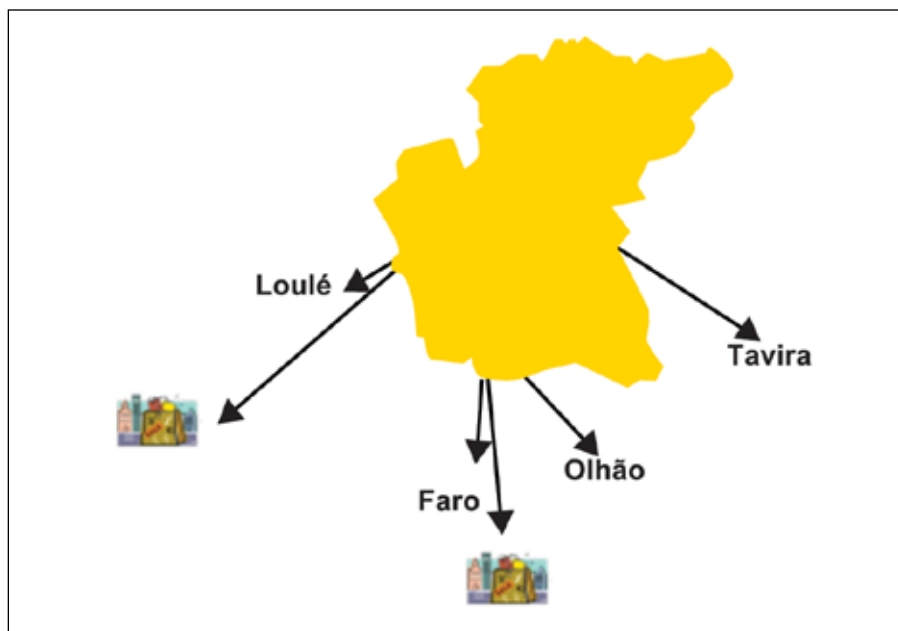
33

Baseados no estudo do INE: Sistema Urbano – Áreas de Influência e Marginalidade Funcional (Região Algarve) de 2004.

34

A apresentação detalhada referente à frequência dos consumos e às mobilidades, pode ser consultada nos anexos A 23 e A24.

**Mapa 2 - Fluxos e intensidade do acesso a bens de primeira necessidade  
(vegetais frescos, carne e pão)**



**Legenda:**

Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	Centro Comercial

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

O segundo grupo, engloba um conjunto de serviços de frágil especialização. Tratam-se dos serviços de supermercado, restauração, papelaria e médias superfícies. A grande maioria dos imigrantes, acede a estes serviços e fá-lo entre uma vez por semana a uma a duas vezes por mês e utiliza o concelho como território de consumo.

As deslocações para fora, são feitas para os concelhos limítrofes de Faro, Loulé e Olhão, acrescentando

deslocações pontuais a Albufeira. Embora com representação pouco importante, também surgem alguns fluxos para o Fórum Algarve.

**Mapa 3 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços de frágil especialização de consumo frequente (supermercado, restaurante, papelaria e médias superfícies)**



**Legenda:**

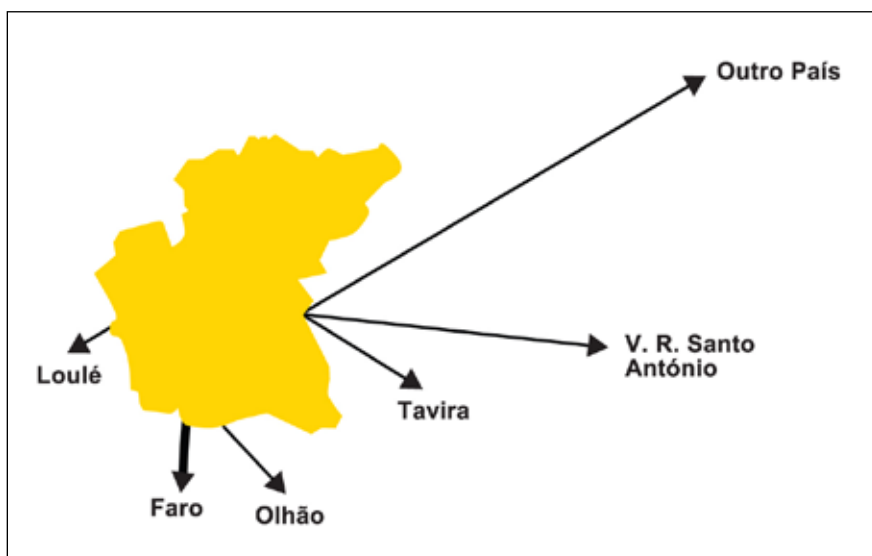
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	Centro Comercial

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008


Num terceiro grupo de serviços, enquadram-se a reparação automóvel e cabeleireiro. São serviços não especializados, que são acedidos por um menor número de imigrantes do que nos casos anteriores. A frequência com que acedem a estes serviços, é mais esporádica, sendo que mais de 90% utiliza em média menos de uma vez por mês.

O acesso a estes serviços, é feito maioritariamente no concelho, embora se registem alguns fluxos para os concelhos de Loulé, Olhão e Tavira, e, em maior número, para Faro. Também se registam mobilidades para o concelho de Vila Real de Santo António e para Espanha, o que é particularmente válido para a reparação automóvel.

**Mapa 4 - Fluxos e intensidade do acesso a serviços não especializados de consumo esporádico (reparação automóvel e cabeleireiro)**



**Legenda:**

Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	 Centro Comercial

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

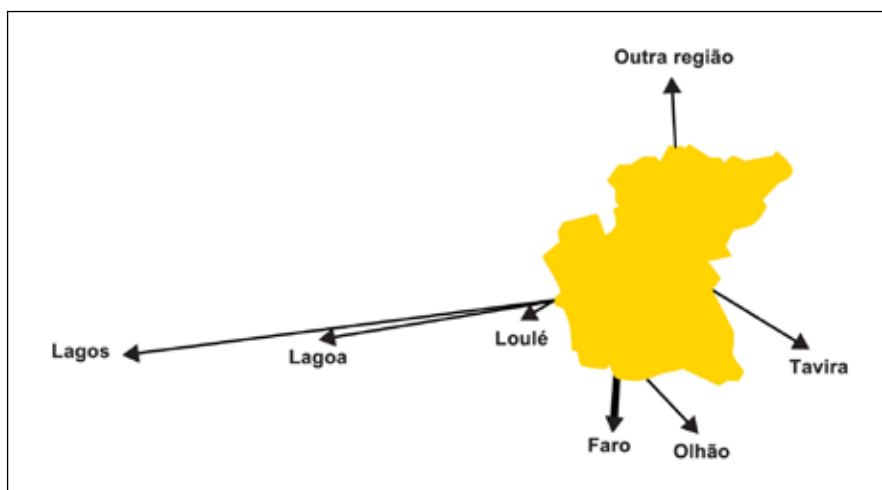
Uma outra tipologia, refere-se aos serviços pouco especializados que têm uma variação no acesso

por parte dos imigrantes. No caso da praça de táxis, advogado e teatro, fruto da sua especificidade, tem como utilizadores menos de metade dos inquiridos. A farmácia, médico e as análises clínicas são serviços aos quais a maioria dos imigrantes recorre. No entanto, em ambos os casos, o acesso é feito de forma esporádica dependendo das necessidades.


Tratam-se de serviços aos quais o acesso concelhio é menor, comparativamente com os restantes casos analisados, embora a maioria ainda o faça neste território (uma média de acesso de 77%).

As mobilidades para acesso a estes serviços, são mais acentuadas do que nas outras situações. Mantêm-se as deslocações aos concelhos limítrofes, com uma maior representação da ida a Faro, no entanto, há quem se desloque para Lagoa, Lagos ou outra região para estes consumos. Tal é particularmente válido na ida ao médico, advogado ou ao teatro.

**Mapa 5 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços pouco especializados de consumo esporádico (praça de táxis, farmácia, médico, análises clínicas, advogado e teatro)**



**Legenda:**

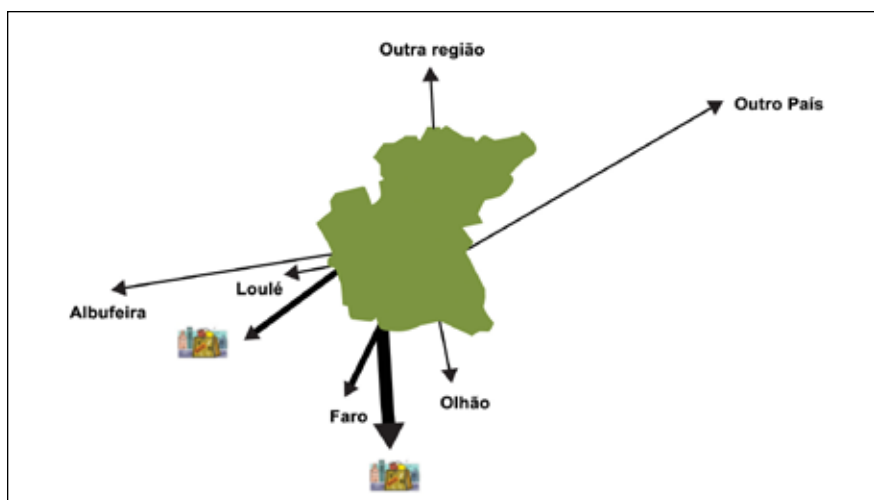
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	 Centro Comercial

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Encontram-se similaridades no comportamento dos consumos, referentes aos electrodomésticos, vestuário e desporto. Com excepção dos artigos de desporto, a maioria dos imigrantes consome estes bens. Sendo correspondentes a serviços de frágil especialização, passíveis de acesso no próprio concelho, a verdade é que menos de metade dos imigrantes compra esses bens no território.

O acesso a estes bens é feito, complementarmente, nos concelhos de Faro, Loulé, Olhão e Albufeira, se bem que sejam mais acentuados nos centros comerciais. Para o Fórum Algarve, deslocam-se 45% dos imigrantes, e para o Algarve Shopping cerca de 15%. Ainda se registam aquisições fora da região e do país.

**Mapa 6 – Fluxos e intensidade do acesso a bens correspondentes a serviços de frágil especialização de consumo esporádico e com importância no recurso aos centros comerciais (electrodomésticos, vestuário e desporto)**



**Legenda:**

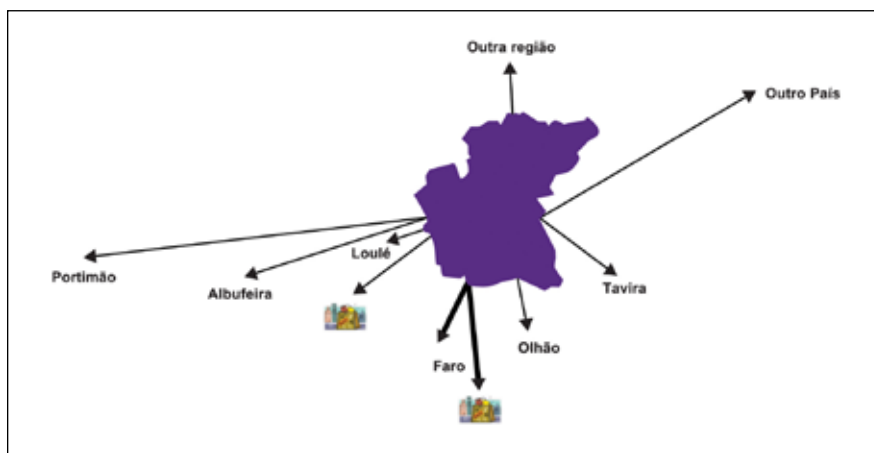
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	Centro Comercial

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Um outro conjunto, agregado de bens e serviços, reporta-se a funções pouco especializadas, que embora, na sua maioria, sejam acedidas pelos imigrantes, são de consumo esporádico. Englobam os bens e serviços de livraria, mobiliário e decoração, fotografias, agência de viagens e artigos informáticos. Mais de metade dos imigrantes refere aceder a estes, em média, menos de uma vez por mês e pouco mais de metade fá-lo no próprio concelho.

As mobilidades para efectivação destes consumos, são muito variáveis. Mantendo-se a deslocação para os concelhos que fazem fronteira com São Brás de Alportel, verifica-se, igualmente, a procura nos concelhos de Portimão, Albufeira, outra região e outro país, a que acrescem os centros comerciais. Só nos casos de Faro e do Fórum Algarve, esses consumos são efectuados por mais de 10% dos imigrantes.

**Mapa 7 – Fluxos e intensidade do acesso a bens e serviços pouco especializados de consumo esporádico com algum recurso aos centros comerciais (livraria, mobiliário e decoração, fotografias, agência de viagens e artigos informáticos)**



**Legenda:**

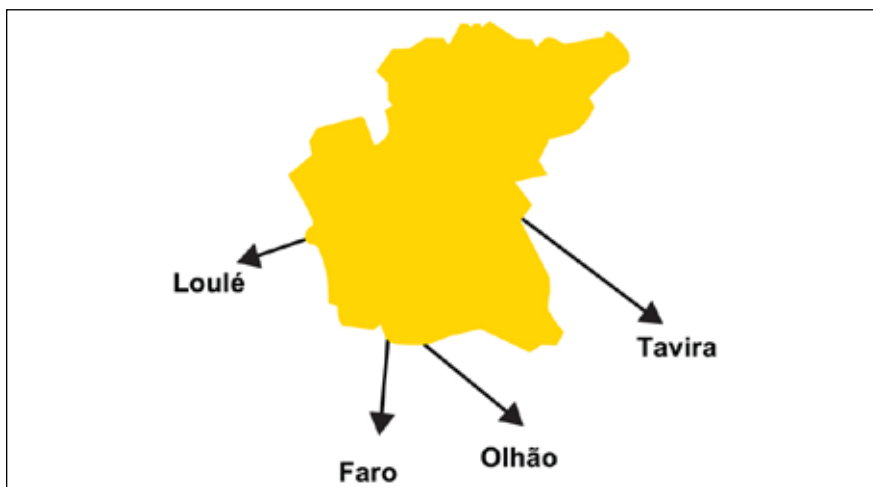
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	Centro Comercial


Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

O acesso a postos de correio e a agências bancárias, englobam-se numa outra tipologia de serviços com funções pouco especializadas. Os consumos, têm como características o facto de serem acedidos pela maioria e de forma regular. A grande maioria recorre a estes serviços pelo menos entre uma a duas vezes por mês.

Para estes consumos, o acesso é basicamente local ou então é feito nos concelhos que fazem fronteira com São Brás de Alportel.

**Mapa 8 - Fluxos e intensidade do acesso a bens e serviços pouco especializados de acesso generalizado e consumo regular (posto de correio e agência bancária)**



Legenda:	
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	 Centro Comercial

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008


Cerca de um um terço dos imigrantes acede, ou já acedeu, a algum posto policial ou ao hospital. São serviços com funções especializadas, que pelas necessidades de recurso que lhes estão associadas o acesso é feito de forma esporádica.

Menos de 40% recorre a estes serviços no concelho, embora para cada caso a situação seja diferente. No caso do hospital, o recurso é feito fora do concelho, pela inexistência desta infraestrutura ao nível local. Embora mais de metade se desloque a Faro, ainda se registam algumas mobilidades para Portimão, outra região ou outro país. Em relação ao acesso ao posto policial, a grande maioria fá-lo no concelho ou então em Faro.

**Mapa 9 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços especializados de acesso restrito e consumo esporádico (posto policial e hospital)**



**Legenda:**

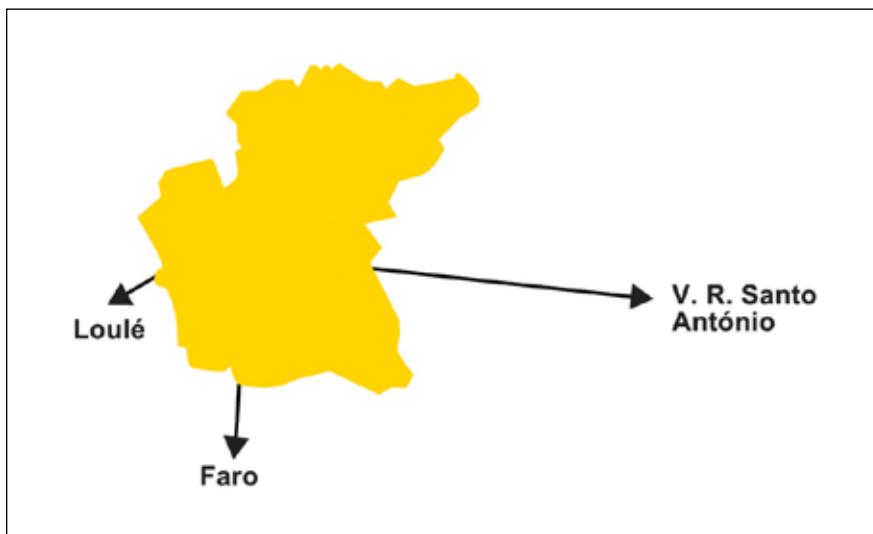
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	Centro Comercial 

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008


Registam-se, igualmente, similaridades de comportamento no acesso a escolas e à prática desportiva. Tratam-se de serviços pouco especializados, aos quais recorre metade (escolas), ou menos de metade (prática de desporto) dos imigrantes. Apesar desse facto, aqueles que têm necessidade de se deslocar a estes serviços, fazem-no de forma regular - no mínimo, pelo menos uma vez por semana.

São procuras que são efectuadas essencialmente no concelho – nove em cada 10 imigrantes recorre às escolas e pratica desporto em São Brás de Alportel. No entanto, ainda se registam algumas mobilidades para Loulé, Faro e Vila Real de Santo António.

**Mapa 10 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços pouco especializados de acesso restrito e consumo regular (escolas e prática de desporto)**



**Legenda:**

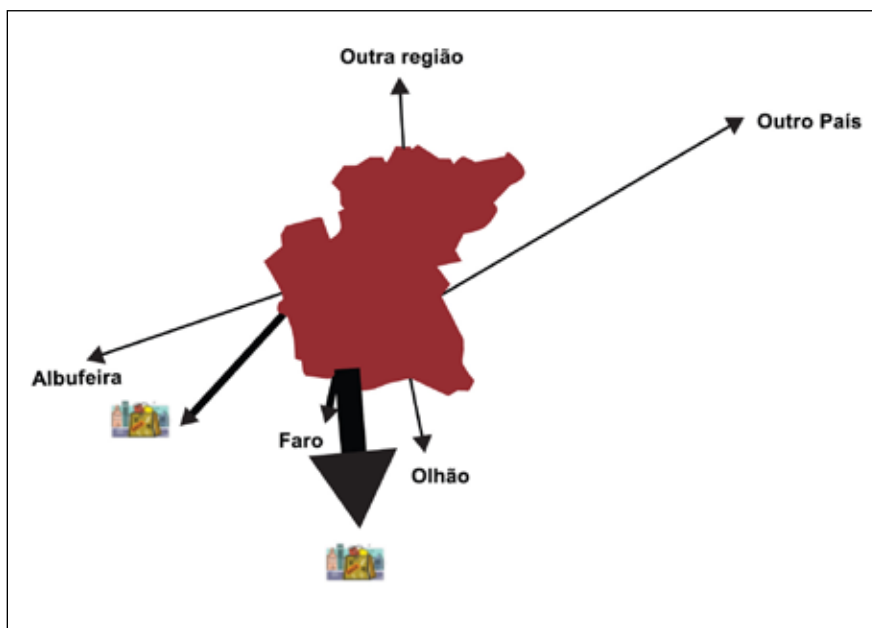
Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	 Centro Comercial

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008


A última tipologia, engloba o acesso a serviços especializados, cujo consumo é centrado nos centros comerciais. Refere-se especificamente à ida aos hipermercados e ao cinema. Ainda se encontram alguns consumos locais relativos à ida ao cinema, mas o acesso aos hipermercados só pode ser feito fora do concelho.

A maioria dos imigrantes acede a estes serviços e mais de 70% desloca-se ao Fórum Algarve. Outras mobilidades são, ainda, registadas para os concelhos de Albufeira, a que acrescem as deslocações para o Algarve Shopping, para Faro, Olhão, para outra região e outro país.

**Mapa 11 – Fluxos e intensidade do acesso a serviços pouco especializados de acesso restrito e consumo regular (hipermercados e cinema)**



**Legenda:**

Intensidade % média	Consumos no concelho % média
1-10	Menos de 40
11-25	40-50
26-50	51-75
51-75	76-100
76-100	 Centro Comercial

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

## 13. CONHECIMENTO E USOS DO TERRITÓRIO: RECURSOS, ORGANIZAÇÕES E ACTIVIDADES

### *A importância das actividades culturais para integração e mediação junto da comunidade imigrante*

A última componente da inquirição, visava explorar o conhecimento e a frequência de acesso tidos pelos imigrantes acerca dos recursos, organizações e actividades existentes no concelho. Trata-se de uma forma de avaliação indirecta do processo de integração deste grupo na comunidade. Por outro lado, visa dar informações para intervenção futura neste domínio.

Num primeiro momento, os imigrantes foram questionados acerca do conhecimento de um conjunto de recursos patrimoniais e museológicos locais. O Museu do Trajo do Algarve é o mais conhecido, o que se revela expectável por se saber que é aqui que funciona a Associação Amigos do Museu, aquela que tem maior apropriação por parte desta comunidade. Trata-se de um espaço que é conhecido e frequentado pela maioria dos imigrantes independentemente da nacionalidade.

O Parque da Fonte Férrea, a Igreja Matriz, a Galeria Municipal de São Brás de Alportel e a Calçadinha, são os outros recursos conhecidos por mais de 50% dos imigrantes. Nos dois primeiros casos, o conhecimento e a frequência são identificados na maioria dos imigrantes, independentemente da nacionalidade. A Galeria e a Calçadinha são conhecidos pela maioria dos imigrantes, com excepção daqueles com nacionalidade brasileira. A Galeria Municipal é menos frequentada por imigrantes de Leste por comparação com os restantes grupos. Geralmente associa-se um maior conhecimento a uma maior frequência do espaço em causa.

No entanto, inversamente destacam-se recursos com menor taxa de utilização e cujo conhecimento é reduzido. Disso são exemplo a Capela de São José, Igreja de São Romão e Palácio Episcopal, que são conhecidos por menos de um terço dos imigrantes e foram frequentados por menos de 70% daqueles que conhecem estes espaços. O Centro Explicativo e de Acolhimento da Calçadinha, é aquele que é conhecido e frequentado por uma menor percentagem de imigrantes (conhecido por 12% dos imigrantes e apropriado por 25% desses).

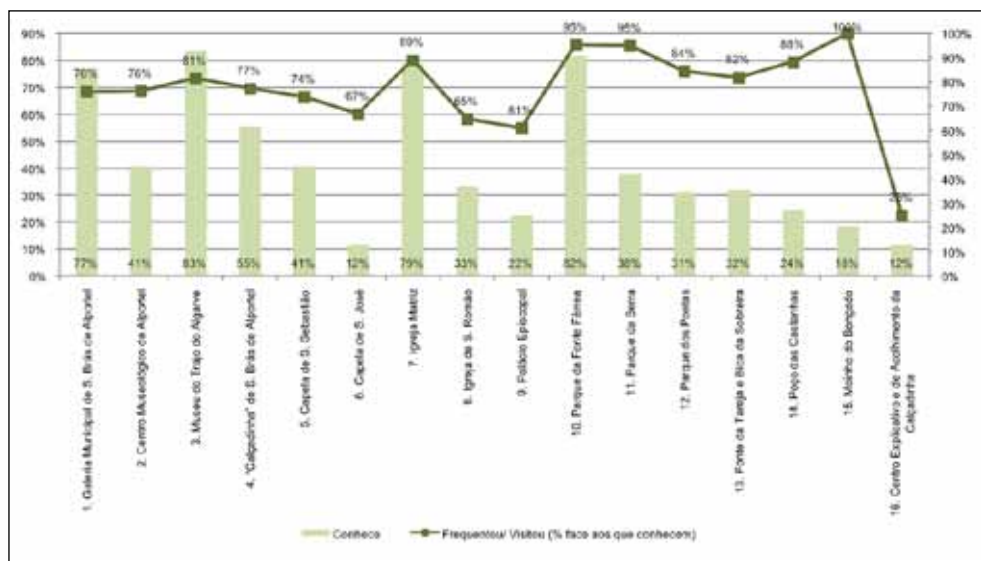
Em relação à frequência de acesso a estes espaços, conclui-se que dois dos recursos mais conhecidos, são igualmente mais apropriados

pelos imigrantes. No caso do Museu do Trajo do Algarve e do Parque da Fonte Férrea, mais de dois quintos dos imigrantes visita-os frequentemente ou regularmente. Seguem-se o Centro Museológico de Alportel, o Parque da Serra e o Parque dos Poetas, cuja frequência de acesso é mais regular. Tais dados parecem apontar para a preferência dos imigrantes sobre espaços museológicos e de lazer.

Destacam-se, ainda, recursos em que praticamente metade dos imigrantes lhes acede de forma regular. Tais são os casos da Galeria Municipal de São Brás de Alportel, Capela de São José, Fonte da Tareja e Bica da Sobreira, e o Poço das Castanhas.

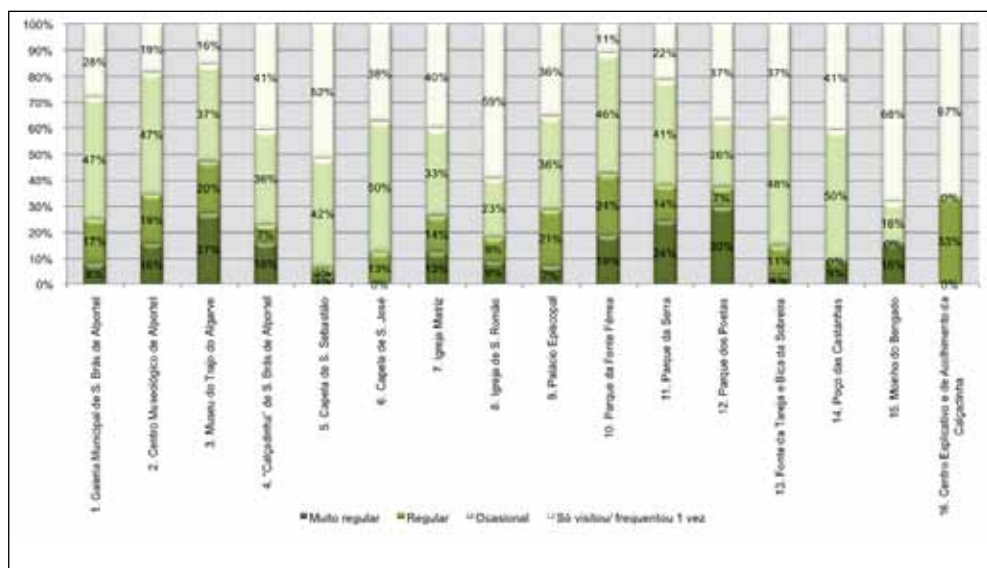
O Moinho do Bengado e o Centro Explicativo e de Acolhimento da Calçadinha, são os recursos cuja frequência de acesso é mais residual - mais de dois terços dos imigrantes só os visitou uma vez.

**Gráfico 24 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência/visita ao conjunto dos recursos naturais, museológicos e patrimoniais do concelho**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Gráfico 25 - Inquiridos segundo a frequência de acesso ao conjunto dos recursos naturais, museológicos e patrimoniais do concelho**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

O conhecimento dos imigrantes em relação aos grupos musicais locais, é bem mais reduzido do que aquele verificado em relação aos recursos patrimoniais e museológicos. O grupo mais conhecido é o Rancho Típico Sambrasense (identificado por 31% dos imigrantes). A maior parte daqueles que conhecem o Rancho já o viram actuar.

Segue-se, por ordem de importância, o Grupo de Acordeonistas de São Brás de Alportel da Associação Cultural Sambrasense, o grupo de Fanfara dos Bombeiros e Veredas da Memória, conhecidos por aproximadamente um quinto dos imigrantes. Em todos estes casos, a maior parte dos inquiridos que conhece os grupos já viu a sua actuação.

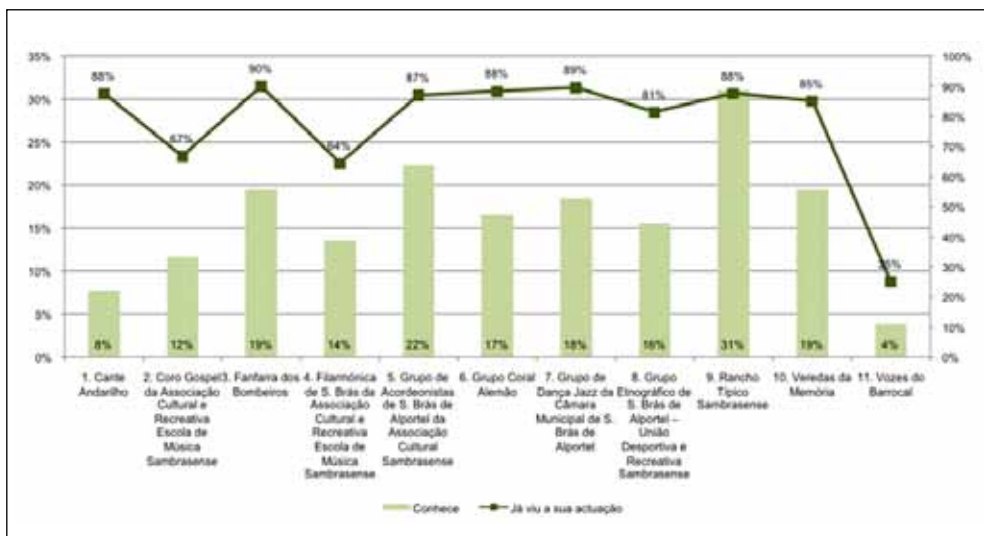
O grupo Vozes do Barrocal, é aquele que é conhecido por um menor número de imigrantes e cuja actuação foi vista por apenas um imigrante.

Quanto à frequência com que os imigrantes já viram estes grupos actuar, conclui-se ser no Grupo Coral Alemão que a visualização é mais frequente. Aproximadamente metade dos inquiridos que viram este grupo, dizem assistir às suas actuações de forma muito regular ou regular. No conjunto daqueles que são vistos com alguma regularidade pelos inquiridos, destacaríamos, ainda, o caso do grupo Cante Andarilho e do Ranho Típico Sambrasense (em que 14% dos inquiridos referem

assistir de forma muito regular às suas actuações), mas também o do grupo Veredas da Memória (registando-se 18% de assistentes muito regulares às suas actuações e 6% regulares).

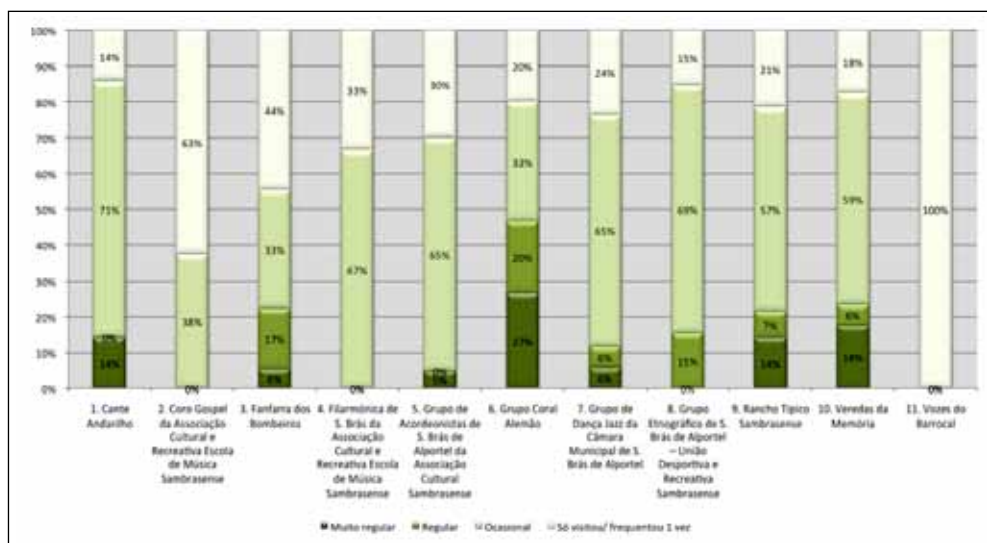
Sublinham-se, ainda, dois grupos em que a maioria dos que os conhece só assistiram a uma actuação sua. É o caso do Coro Gospel da Associação Cultural e Recreativa da Escola de Música Sambrasense e o grupo Vozes do Barrocal.

**Gráfico 26 - Inquiridos segundo o conhecimento e a assistência à actuação dos grupos musicais locais**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Gráfico 27 – Inquiridos segundo a frequência de assistência às actuações dos grupos musicais locais**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Em relação aos restaurantes, bares e discotecas do concelho, verificamos um conhecimento e apropriação muito diversificados.

Há um restaurante que se destaca pelo conhecimento generalizado entre os imigrantes e pela frequência maioritária. É o caso da Churrasqueira Paraíso Luís dos Frangos – conhecida e frequentada por nove em cada 10 imigrantes. Pode dizer-se que o resultado não surpreende na exacta medida em que se sabe que este é um restaurante relativamente afamado na região. Segue-se o Restaurante Avenida, conhecido por 81% dos imigrantes e frequentado por 93% desses.

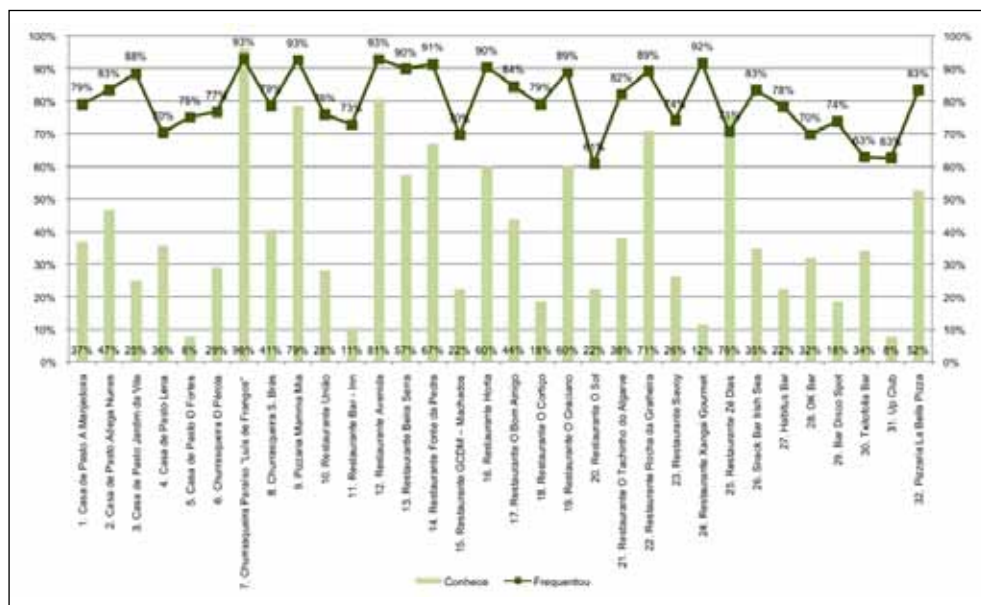
De cariz gastronómico completamente distinto, sublinha-se ainda a popularidade da Pizzaria Mamma Mía entre a população imigrante – conhecida por 79% dos imigrantes e frequentada por 93% daqueles que a conhecem.

Os restaurantes e os bares menos conhecidos e menos frequentados pelos imigrantes, são a Casa de Pasto O Fortes, o Up Club e o Restaurante Bar-Inn – havendo uma média de um em cada 10 imigrantes que conhece estes espaços. No entanto, deve ressaltar-se que, neste último caso, mais de um terço o frequenta de forma assídua.

É no restaurante O Tachinho do Algarve que se regista uma presença mais frequente dos imigrantes – daqueles que o conhecem, mais de 40% frequenta-o de modo muito regular ou regular. Seguem-se a Casa de Pasto o Fortes, Pizzaria Mamma Mia, Restaurante Avenida, Restaurante Beira Serra, Restaurante GCDM dos Machados e o Bar Up-Club. Nestes casos, perto de um terço dos imigrantes que os conhecem, frequentam-nos de modo muito regular ou regular.

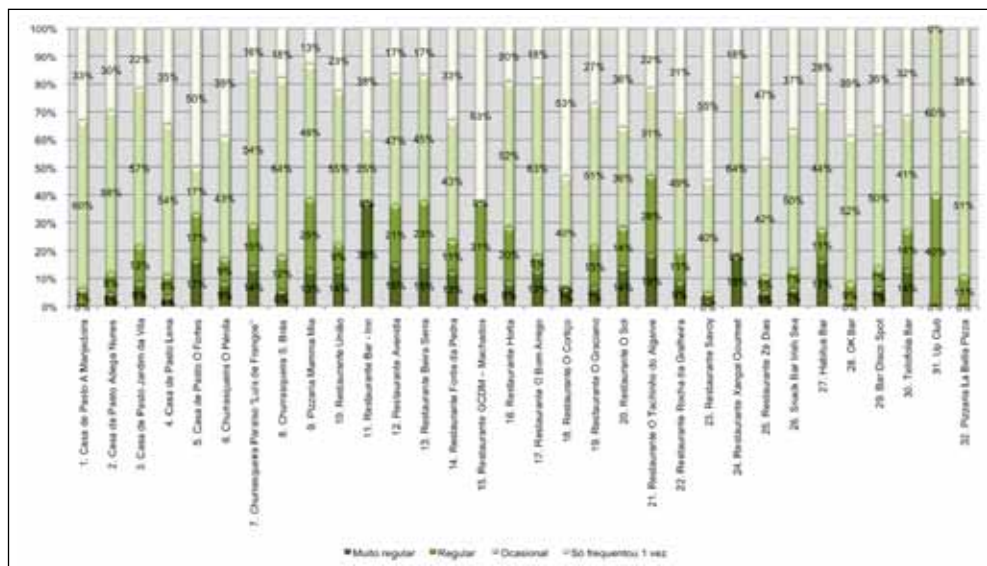
Ressalve-se, ainda, que a maior parte dos imigrantes que conhece o Restaurante GCDM dos Machados, a Casa de Pasto o Fortes e o Restaurante Savoy, apenas os frequentou uma vez.

**Gráfico 28 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência dos restaurantes e bares do concelho**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Gráfico 29 – Inquiridos segundo a frequência de acesso aos restaurantes e bares do concelho**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Ao nível do conhecimento e frequência das instituições do concelho, verificam-se situações muito diversas.

Em primeiro lugar, destacam-se aquelas que são conhecidas e frequentadas pela maioria dos imigrantes. Situam-se, neste grupo, três instituições públicas de destaque, a saber: Biblioteca Municipal, Câmara Municipal e Junta de Freguesia – conhecidas por cerca de 70% dos imigrantes e frequentadas por mais de 70% desses. Em relação à frequência de acesso, é na Biblioteca que se verifica uma maior regularidade de visita por parte dos imigrantes. Cerca de 30% dos imigrantes visita muito regularmente ou regularmente esta organização. Esse indicador é de 24% para a Câmara Municipal e de 16% para a Junta de Freguesia.

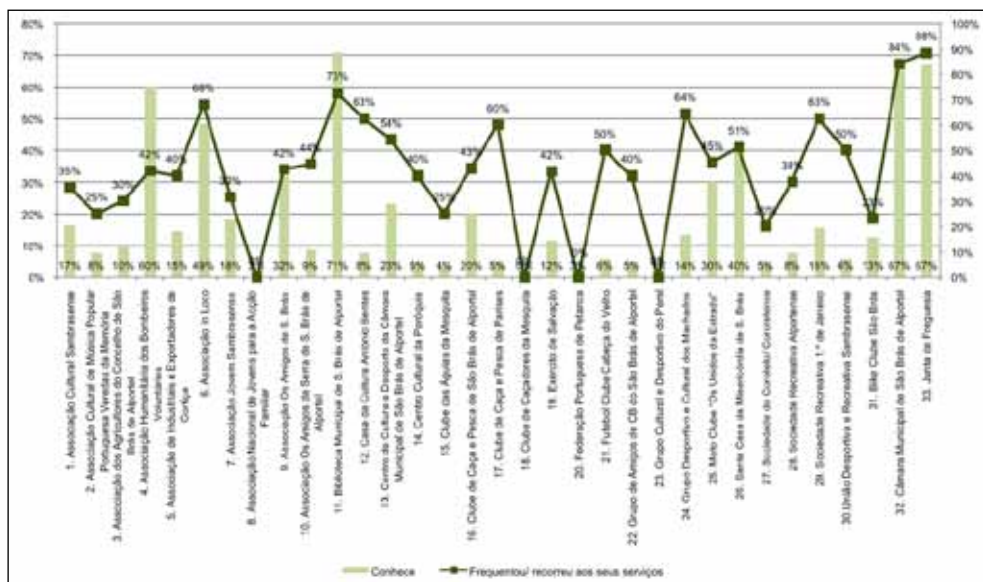
Sublinham-se, ainda, aquelas instituições que são conhecidas e frequentadas por uma parte igualmente relevante dos imigrantes. É o caso da Associação In Loco e da Santa Casa da Misericórdia, ambas com estatuto de utilidade pública. Ambas são conhecidas por dois quintos ou mais de imigrantes, e são frequentadas por mais de metade desses. Nas duas instituições, um terço dos imigrantes só as frequentou uma vez, embora mais de 20% as visite de forma regular ou muito regular.

Os Bombeiros Municipais, isolam-se em termos tipológicos, pelo facto de serem conhecidos pela maioria dos imigrantes (60%), mas utilizada apenas por dois quintos daqueles que os conhecem. Tal é de esperar dada a especificidade dos serviços que prestam à comunidade. Cerca de dois quintos apenas frequentou os bombeiros uma vez, embora 27% faça visitas/contactos regulares ou muito regulares à organização.

A Associação Amigos de S. Brás e o Motoclub “Unidos da Estrada” incluem-se, ainda, no grupo das instituições mais conhecidas pelos imigrantes – cerca de um terço conhece e dois quintos já frequentou. Neste conjunto de instituições, é na Associação Amigos de S. Brás que se verifica uma visita mais assídua por parte dos imigrantes – metade frequenta-a de forma muito regular e 7% de modo regular. O Motoclub é visitado regular ou muito regularmente por 21% dos imigrantes.

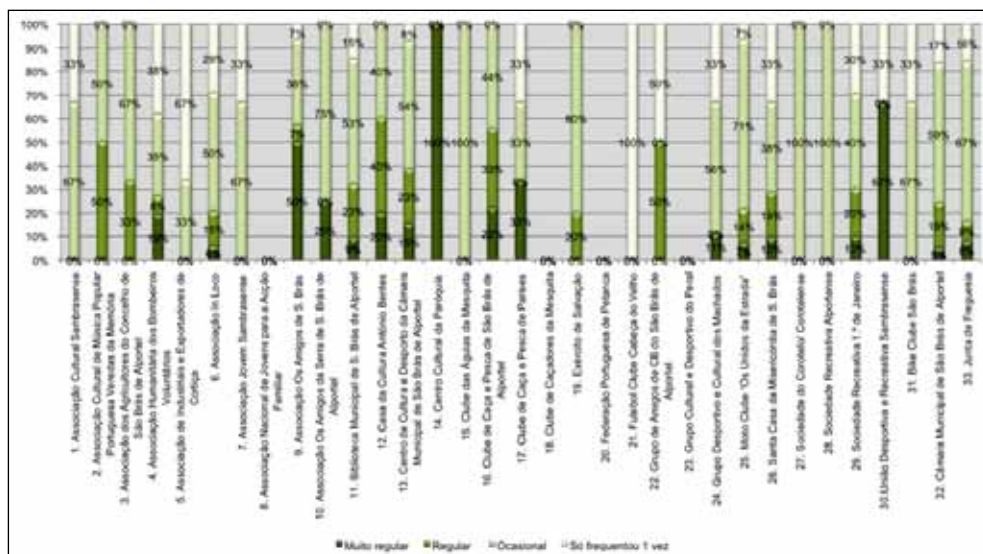
Com conhecimento e acesso praticamente nulo no conjunto dos imigrantes, destacam-se as seguintes instituições: Associação Nacional de Jovens para a Acção Familiar, Clube de Caçadores da Mesquita, Federação Nacional de Petanca e o Grupo Cultural e Desportivo do Peral.

**Gráfico 30 – Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência das instituições do concelho**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Gráfico 31 – Inquiridos segundo a frequência de acesso às instituições do concelho**



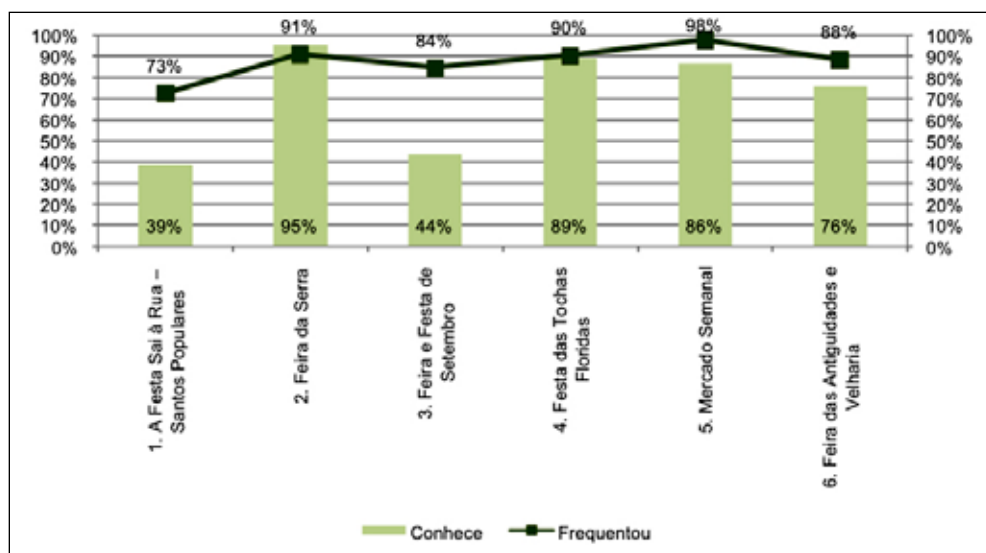
Fonte: Própria - Questionário à população migrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

As festas e feiras do concelho, destacam-se por serem, na maior parte das situações, de conhecimento e acesso generalizado por parte dos imigrantes. Tal é independente da nacionalidade.

Constituem excepções, os casos da “Festa sai à Rua – Santos Populares” e a “Feira e Festa de Setembro”. Em ambos os casos, aproximadamente 40% dos imigrantes conhece embora a maioria já tenha frequentado.

O evento com conhecimento mais generalizado, é a “Feira da Serra”, o que seria expectável face à sua importância no contexto regional – 95% dos imigrantes conhece o evento e 91% desses já o frequentou. Segue-se a “Festa das Tochas Floridas”, uma iniciativa com relevo igualmente assinalável no quadro regional das festividades da Páscoa, sendo conhecida por 89% dos imigrantes e frequentada por nove em cada 10.

**Gráfico 32 - Inquiridos segundo o conhecimento e a frequência das festas e feiras do concelho**

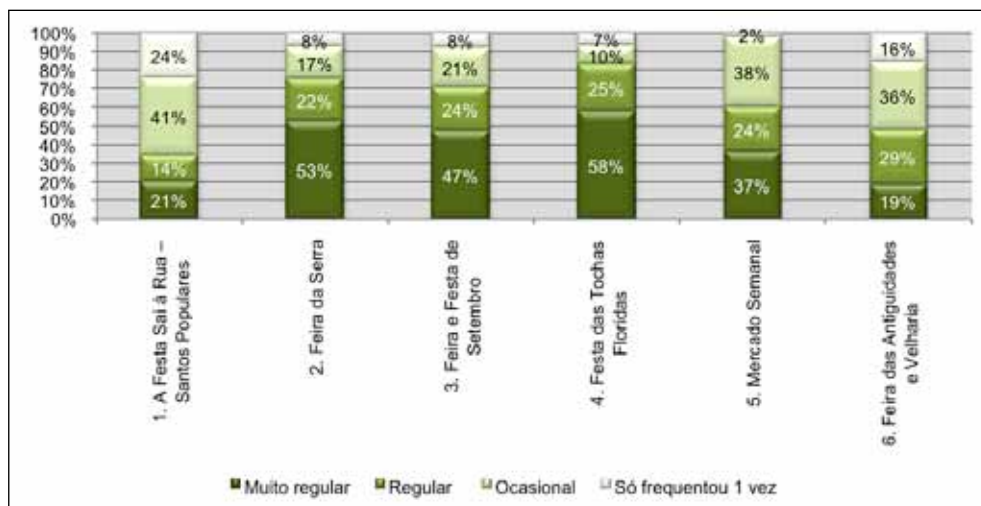


Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Mais de metade dos inquiridos revelou ir muito regularmente à “Feira da Serra” e à “Festa das Tochas Floridas”. Segue-se, em termos de frequência de acesso, a “Feira e Festa de Setembro”. Apesar de não ser conhecida pela generalidade dos imigrantes, ganha um público relativamente assíduo – mais de 70% refere aceder a esta iniciativa de forma regular ou muito regular.

A “Festa Sai à Rua – Santos Populares” é a que contempla um público “menos fiel”: 24% afirma apenas ter ido uma vez e 41% fá-lo ocasionalmente.

**Gráfico 33 – Inquiridos segundo a frequência de acesso às festas e feiras do concelho**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A informação relativa ao conhecimento dos meios de comunicação social local, permite, por um lado, perceber quais são as fontes privilegiadas de informação local junto dos imigrantes, mas, por outro, também permite identificar quais aqueles que podem ser usados para divulgação de iniciativas que respeitem aos próprios imigrantes.

Verifica-se existir uma associação entre o conhecimento do meio de comunicação social e o acesso a esse – independentemente da representação dos imigrantes que conhece cada um, a maioria acede ao meio de comunicação social que conhece.

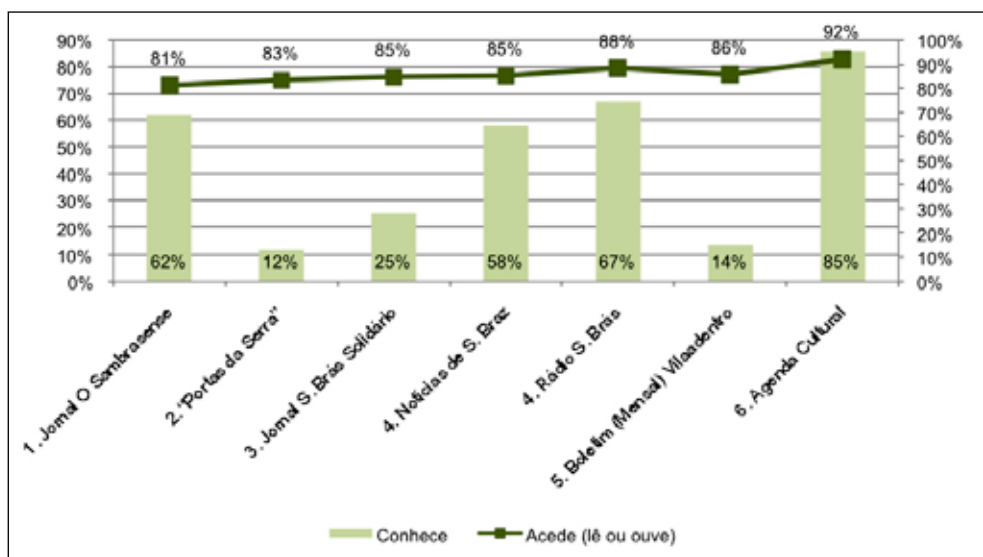
A agenda cultural, desenhada e promovida pela Câmara Municipal, é o meio de comunicação conhecido pela grande maioria dos imigrantes, independentemente da nacionalidade. A sua leitura também é frequente entre aqueles que conhecem a agenda – 85% conhece a agenda e, destes, 92% a lê.

Segue-se, por representação de imigrantes que conhecem o meio de comunicação social, o Rádio S. Brás (67%), o Jornal o Sambrasense (62%) e o Notícias de S. Braz (58%). Tratam-se de acessos que são feitos independentemente da nacionalidade dos imigrantes.

Não deixa de ser curioso verificar que o Jornal S. Brás Solidário, resultante de um projecto em parceria, coordenado pela Associação In Loco, e com uma temporalidade muito restrita, tenha

sido do conhecimento de um quarto dos imigrantes. Deve, no entanto, fazer-se a ressalva que só acederam a este jornal imigrantes europeus.

**Gráfico 34 – Inquiridos segundo o conhecimento e o acesso aos meios de comunicação social do concelho**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

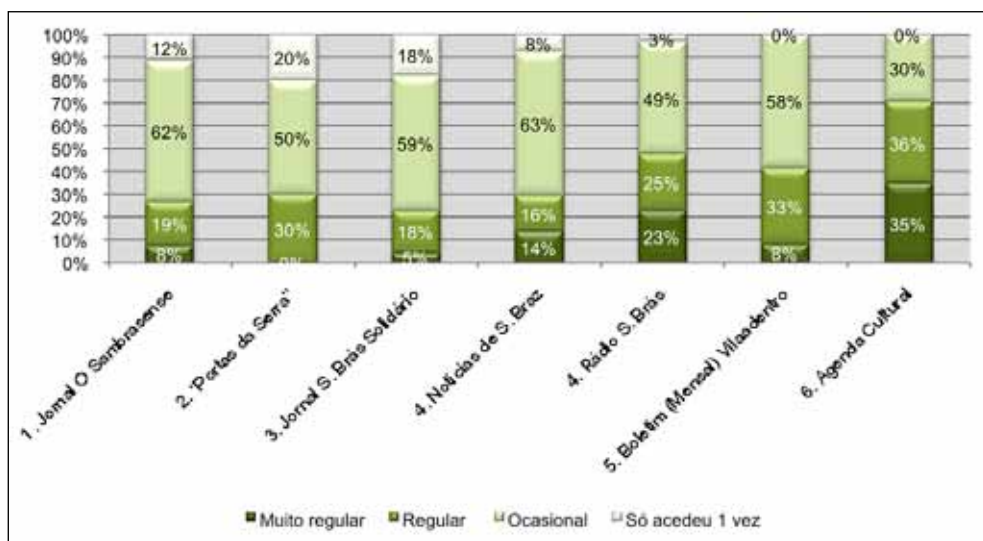
No que respeita à frequência com que os imigrantes acedem aos meios de comunicação social locais, conclui-se ser a agenda cultural aquela que é acedida com maior frequência – mais de 70% dos inquiridos refere ler a agenda de forma regular ou muito regular.

Segue-se a auscultação da Rádio S. Brás, que é feita de modo muito regular por 23% dos imigrantes e de forma regular por 25%. Com uma frequência de leitura igualmente relevante, sublinha-se o caso do Boletim Vila Adentro que, apesar de ser conhecido por um número relativamente reduzido de imigrantes, é lido de modo muito regular ou regular por 41% daqueles que acedem a este meio de comunicação.

O acesso pontual é mais assinalado no Portas da Serra, um boletim produzido pela Associação In Loco que, entretanto, deixou de ser publicado aquando do lançamento do Jornal S. Brás Solidário. Neste caso, 20% dos imigrantes que já acederam à publicação só o fizeram uma vez. Situação

relativamente similar é a registada no Jornal S. Brás Solidário. Apesar de ter sido de publicação mensal, 18% afirma ter acedido a essa apenas uma vez.

**Gráfico 35 – Inquiridos segundo a frequência de acesso aos meios de comunicação social do concelho**



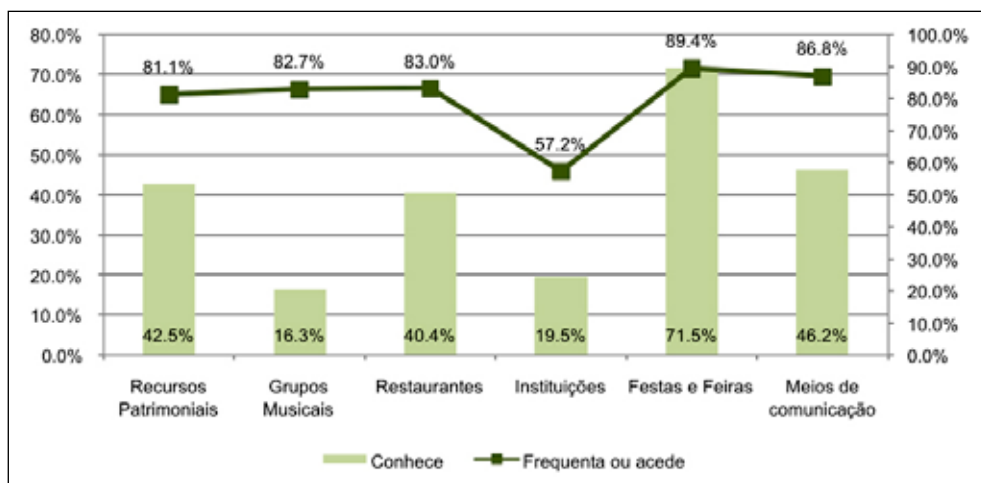
Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

A título de síntese, pode dizer-se que as festas e as feiras são, no conjunto dos vários recursos, organizações e actividades analisados, as iniciativas de conhecimento e acesso mais generalizado no conjunto da comunidade imigrante. Diríamos que essa será uma boa via para dinamização de acções dirigidas a este público.

Os recursos patrimoniais, os restaurantes e os meios de comunicação, ocupam um lugar mediano no conhecimento que os imigrantes têm acerca do território.

É nas instituições que se revelam mais debilidades: a menor percentagem de imigrantes que, em média, as conhece (19,5%) e a menor percentagem média de acesso a essas (57,2%). Podendo ser as instituições locais veículos privilegiados para a integração dos imigrantes, parece-nos que este dado deve fazer reflectir aqueles que actuam ao nível local, em particular se se pretende agir sobre esta comunidade.

**Gráfico 36 – Inquiridos segundo o conhecimento e o acesso aos recursos, organizações e actividades do concelho (% média)**



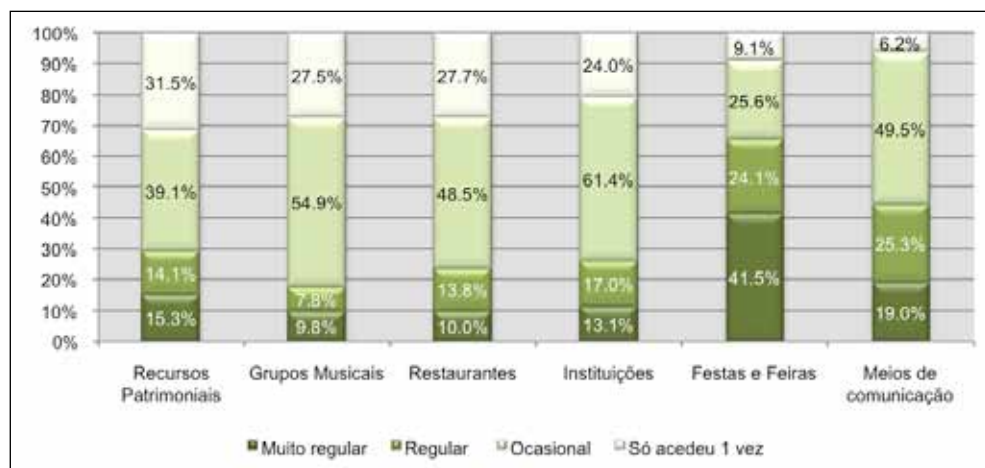
Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Na análise da frequência média de acesso, conclui-se que é, também, nas feiras e festas que é mais assídua. No conjunto destes eventos, mais de 65% dos inquiridos afirma aceder a esses de forma muito regular ou regular.

A menor frequência de acesso, é registada em relação aos grupos musicais locais. Em média, mais de um quarto apenas assistiu a uma actuação e cerca de 17% fê-lo de forma muito regular ou regular.

É nos recursos patrimoniais que se regista uma maior percentagem média de imigrantes que apenas os visitou por uma vez (31,5%). Tal pode justificar-se pela especificidade dos recursos existentes, pese embora também revele a dificuldade de manutenção dos públicos nalguns desses espaços.

**Gráfico 37 - Inquiridos segundo a frequência de acesso aos recursos, organizações e actividades do concelho (% média)**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

### *Uma avaliação positiva da agenda cultural e da programação cultural local*

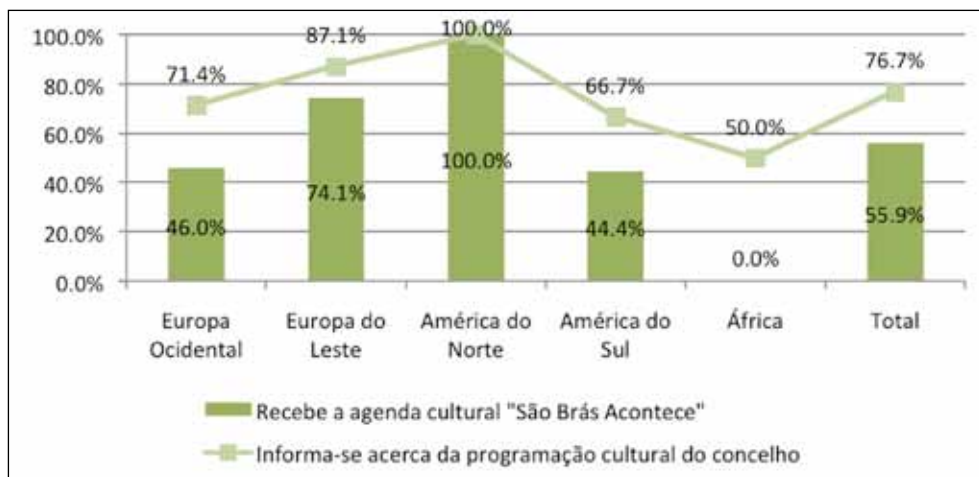
Procurou-se saber, igualmente, qual a capacidade de abrangência da agenda cultural e a avaliação do seu conteúdo. Para além disso, procurou-se aferir da avaliação empreendida pela comunidade imigrante acerca da programação cultural do concelho e propostas para o futuro neste domínio.

Em primeiro lugar, deve dizer-se que a agenda cultural chega aos imigrantes de forma diferenciada em função da nacionalidade. Todos os imigrantes inquiridos da América do Norte afirmam receber a agenda, seguindo-se os imigrantes da Europa do Leste (74,1%). Nenhum dos cabo-verdianos inquiridos referiu receber a agenda. Não conhecendo a forma como esta é distribuída, é difícil tirar ilações a este respeito. No entanto, podemos apontar como hipótese, que esse acesso pode ser diferenciado em função do local de residência no concelho.

A procura de informação acerca da programação cultural, é superior ao acesso à agenda cultural, pese embora siga um perfil similar. Embora sejam variáveis cujo comportamento não tem de depender entre si, é certo que aqueles que recebem e lêem a agenda estarão em melhores condições para se informarem sobre a programação cultural do concelho.

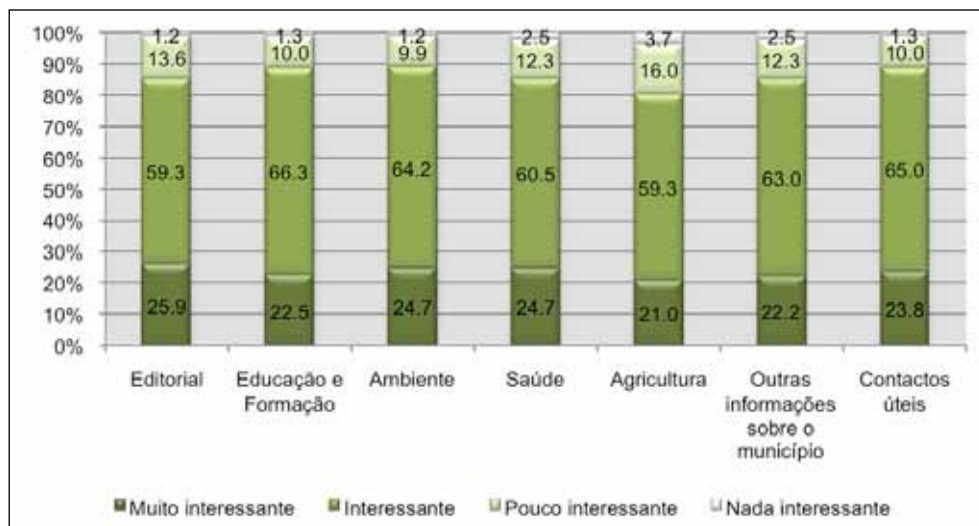
Independentemente da nacionalidade, a maioria dos inquiridos procura saber acerca das actividades e eventos que estão pensados para o território. Verifica-se que todos os imigrantes da América do Norte e nove em cada 10 imigrantes da Europa do Leste afirmam procurar informação acerca da programação cultural do concelho.

**Gráfico 38 - Inquiridos que recebem a agenda cultural “São Brás Acontece” e que se informam acerca da programação cultural do concelho, segundo a nacionalidade**



Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Gráfico 39 - Inquiridos segundo a avaliação aos vários elementos da agenda cultural “São Brás Acontece”**

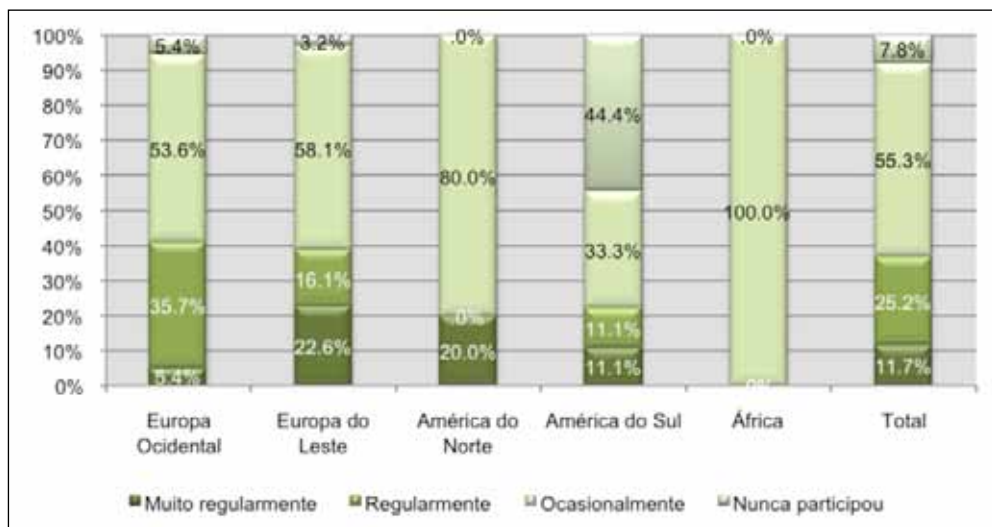


Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Quando questionados acerca da frequência com que participam nas actividades culturais do concelho, verifica-se existirem algumas diferenças por nacionalidade. É entre os imigrantes europeus que se verifica uma maior regularidade na participação nessas actividades – cerca de 40% afirma participar muito regularmente ou regularmente nas actividades culturais locais.

A participação ocasional é dominante entre os imigrantes africanos e da América do Norte. A não participação é mais assinalável entre os imigrantes brasileiros – mais de dois quintos afirma nunca ter participado nas actividades culturais promovidas no concelho.

**Gráfico 40 – Inquiridos segundo a frequência com que participam nas actividades culturais do concelho**

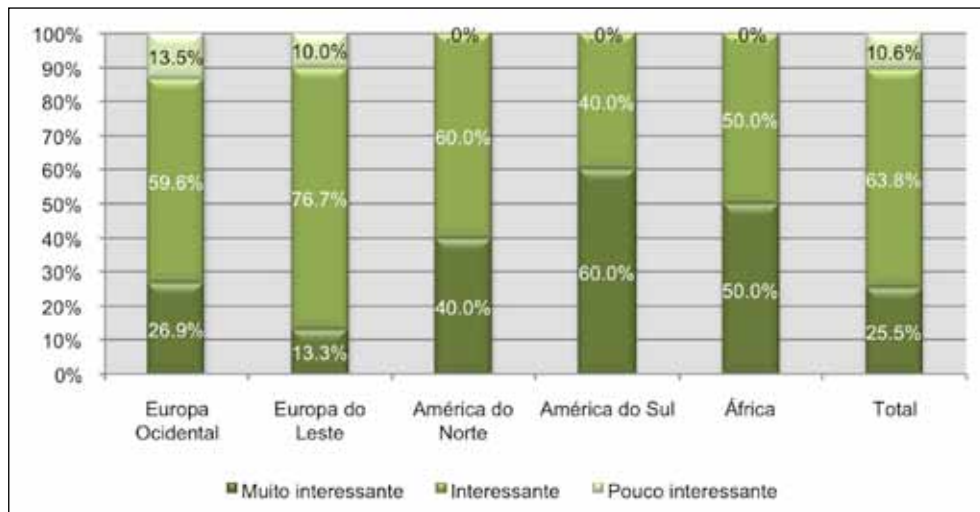


Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Entre os que participam nas actividades culturais locais, a avaliação mais positiva pode ser encontrada entre os imigrantes brasileiros e cabo-verdianos, onde pelo menos metade considera muito interessante a programação existente.

Apesar de, globalmente, a apreciação ser favorável, é entre os imigrantes europeus que se encontram algumas opiniões menos positivas. Cerca de um em cada 10 considera que a programação cultural existente é pouco interessante.

**Gráfico 41 - Inquiridos segundo a avaliação da programação cultural do concelho**

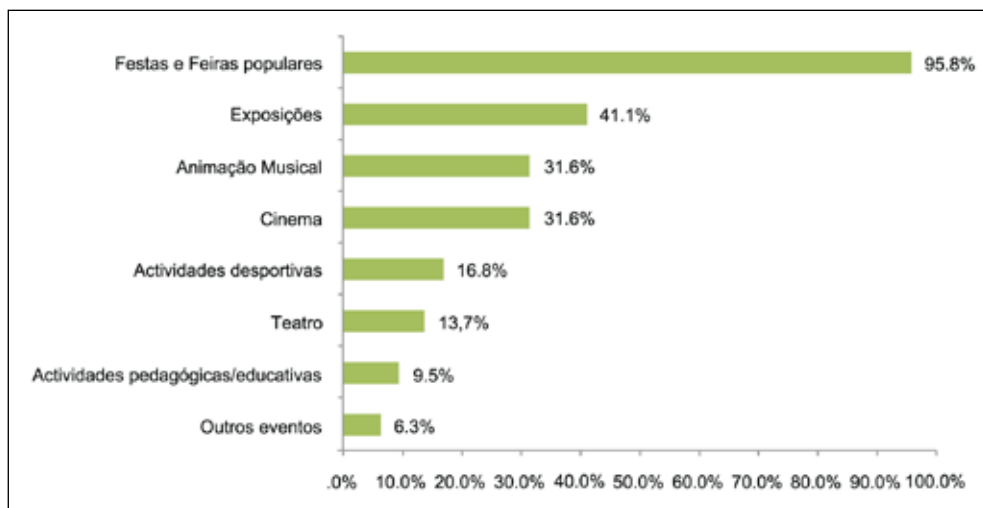


Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

Em relação às actividades culturais em que os inquiridos têm participado, apresenta-se, com maior relevo, a presença em festas e feiras populares – com uma participação de cerca de 95% dos imigrantes. Segue-se, por ordem de importância das respostas, a participação em exposições (41,1%), a animação musical e a ida ao cinema (31,6% em cada caso).

Quanto à participação em outros eventos refere-se a participação em concentrações de motos, em actividades ligadas à igreja e a ida a concertos (opções referenciadas em casos pontuais).

**Gráfico 42 – Inquiridos segundo o tipo de actividades culturais em que têm participado**



Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008.  
Nota: questão de resposta múltipla.

Foram, ainda, pedidas sugestões sobre actividades que podem ser desenvolvidas para o concelho. Embora o número de respostas não seja muito significativo, a diversidade de opções assinaladas é bastante interessante.

A referência mais assinalada, reporta-se à dinamização de actividades de ocupação dos tempos livres e férias para crianças e jovens, referenciada por cinco imigrantes. Apesar desta oferta existir, o sentir da necessidade pode revelar uma dimensão a aprofundar para o futuro.

Questiona-se sobre o horário de funcionamento do cinema, sem se ser muito explícito, sugerindo-se igualmente o aumento do número de sessões por parte de quatro imigrantes. Um igual número sugeriu a oferta de outro tipo de concertos para além dos que são promovidos. Ainda sobre o cinema, dois imigrantes referiram a necessidade de se promover a oferta de sessões de cinema europeu ou que se direccionassem para o público imigrante.

Não deixa de ser interessante o facto de outros quatro imigrantes terem sugerido a implementação de espaços de informação geral aos residentes, que pudesse contemplar apoio à resolução de assuntos burocráticos ou contactos de emergência, mas que também servisse para informar sobre o contexto histórico e político local e regional. Apesar de já existir o Centro de Apoio à Comunidade, cujos objectivos se podem articular com as intencionalidades aqui descritas, estas

propostas podem ser um contributo para a diversificação das actividades que aí tomam forma.

A proposta de uma feira ou evento intercultural, merece atenção especial. Apesar de ter sido apenas referenciado por dois imigrantes, num contexto territorial onde se verificam algumas fragilidades na promoção do diálogo e da socialização intercultural, esta pode ser uma proposta muito adequada.

As restantes opções, ficam retratadas no quadro seguinte, que pela sua diversidade em termos de opiniões, não justifica uma apresentação detalhada, sem menosprezo da sua importância.

#### **Quadro 67 – Imigrantes inquiridos segundo as propostas de outras actividades a desenvolver no concelho**

<b>Actividade</b>	<b>Nº</b>
Actividades de ocupação dos tempos livres e férias para crianças e jovens (ex. peças de teatro infantis, festas natalícias)	5
Diversificar o horário de funcionamento do cinema e aumentar o número de sessões	4
Diversificação dos concertos (música africana, música moderna, música tradicional, fado)	4
Centro ou quiosques de informação para apoio aos residentes (informação histórica sobre o concelho e região contactos de emergência, apoio à resolução de assuntos burocráticos)	4
Feira Intercultural ou outro tipo de evento, com stands de cada país, para integração e divulgação de culturas	3
Promoção de atletismo/mini-maratona	2
Cinema europeu/dirigido a imigrantes	2
Festa dirigida à população idosa isolada	1
Mais espectáculos de dança	1
Mais exposições sobre a história de Portugal	1
Ateliers de artes	1
Implementar uma secção de livros estrangeiros na Biblioteca	1
Desenvolvimento de produções teatrais envolvendo os imigrantes	1
Promover encontros de motos e de carros antigos	1
Actividades com cavalos	1
Realização de bailes para promoção da socialização	1
Dinamizar música ao vivo nos bares	1
Mais actividades de ocupação dos tempos livres	1
Dinamização de programas na rádio nas várias línguas	1
Aumentar a publicidade sobre as actividades	1

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008.

# CONCLUSÃO

Este é um estudo introdutório face à abrangência da reflexão que pode ser levada a cabo no trabalho com e sobre os imigrantes do concelho. Trata-se de uma abordagem exclusivamente centrada na aplicação de um instrumento, um questionário dirigido aos imigrantes, pelo que se exigem formas mais vastas de triangulação metodológica e de actores, de modo a conseguir uma abordagem integradora na leitura sobre esta comunidade, assim como sobre a forma de intervir de modo a contribuir para a sua melhor integração no território. É um olhar a partir da leitura que os imigrantes fazem da sua própria vivência quotidiana. Para se conseguir um diagnóstico exaustivo da situação, é fundamental cruzarem-se os dados aqui inscritos com os recursos existentes localmente, para dar resposta às necessidades e aos problemas sentidos pelos imigrantes.

Parte-se de uma amostra de 103 imigrantes, que procura explorar diferentes dimensões relacionadas com o seu percurso migratório, assim como se analisam as estruturas e as características das suas famílias. Procurou-se a representação das diferentes nacionalidades em presença no território, através de uma amostra por quotas, conseguida através do método de bola de neve e do contacto com diferentes instituições locais. Os resultados, clarificam algumas hipóteses que haviam sido deixadas em aberto aquando da realização do diagnóstico e do plano de desenvolvimento social. Alargam o horizonte de conhecimento sobre esta comunidade e apoiam na estruturação de uma intervenção futura. Aqui, apenas são dados alguns dos indicadores passíveis de mobilizar os actores para uma acção que se quer concertada e estruturante sobre esta comunidade.

Ao nível da caracterização dos agregados, conclui-se pelo contributo da imigração para o rejuvenescimento do concelho. Um contributo que é dado, não apenas pelos imigrantes que decidem vir para Portugal e que estão em idade activa, mas pelo facto de terem filhos que trazem do país de origem ou que nascem no nosso país. Esta, é uma característica muito própria dos percursos migratórios: a maior parte dos indivíduos é casada e há um suporte familiar, verificado pela presença maioritária de famílias nucleares e famílias nucleares com filhos. Por um lado, verificou-se que o concelho apresenta um índice de envelhecimento de 161 quando na população imigrante é de 43 idosos por cada 100 jovens.

Por outro lado, o índice de dependência de jovens é superior entre a comunidade imigrantes: 32 quando no concelho, é de 22 jovens por cada 100 adultos entre os 15 e 65 anos de idade.

Verifica-se a existência de perfis etários distintos em função da nacionalidade, que se relacionam, igualmente, com o tempo de residência em Portugal. Os mais jovens, têm origem na Europa do Leste e Brasil, comunidades que retratam os percursos migratórios mais recentes. Tal é válido tanto nos inquiridos como no conjunto dos elementos que constituem os seus agregados.

A maior parte dos elementos que compõem as famílias destes imigrantes, é natural de outro país, essencialmente o de origem do próprio imigrante inquirido.

Existe uma ocupação espacial e habitacional diferenciada entre os vários grupos de imigrantes. Os imigrantes da Europa de Leste, optam preferencialmente pela sede de concelho, e os da Europa Ocidental, optam maioritariamente por residir nos locais dispersos do concelho.

Em relação aos percursos migratórios, conclui-se que a sua maioria registou-se nos últimos anos. No entanto, são identificadas diferenças nos tempos de migração por nacionalidade, sendo os percursos migratórios mais recentes caracterizados pela vinda de imigrantes da Europa de Leste e do Brasil. Tratam-se de percursos que, na sua maioria, foram directamente direccionados para o concelho de São Brás, o que faz antever um conhecimento prévio da realidade local para aí se fixarem. A passagem prévia por outros países é mais visível entre os imigrantes da Europa Ocidental e a América do Norte. A haver percursos migratórios prévios para outros países, são feitos, na sua maioria, para sub-regiões continentais cultural e geograficamente mais próximas dos países de origem dos imigrantes.

Se é certo que a maioria vive com a sua família e veio para Portugal acompanhado da família, são visíveis processos de reagrupamento durante a estadia no país. O número de imigrantes a viver sozinho, à data da inquirição, é menor do que o número daqueles que viviam sozinhos à data da chegada a Portugal. De resto, e como nos refere Fonseca et al. (2005: 19), “há (...) situações em que, embora o motivo invocado para a migração seja de natureza económica (quando os dois cônjuges vêm para trabalhar), a decisão de migrar baseia-se também numa lógica familiar”.

É na análise das motivações para os percursos migratórios, que se começam a desenhar especificidades dos perfis de imigração. Em termos globais, as motivações económicas, a procura de melhor qualidade de vida e o reagrupamento familiar, são as razões mais apontadas para justificar o percurso migratório. No entanto, existem diferenças em função da nacionalidade. Motivações económicas estão mais presentes entre imigrantes da Europa de Leste, brasileiros e cabo-verdianos. Motivações de bem-estar são verificáveis entre imigrantes da Europa Ocidental (qualidade de vida e clima) e América do Norte (reagrupamento familiar). A delimitação hipotética destes dois perfis, começa

a verificar-se logo nas próprias motivações corroborando a existência dos grupos de imigração de sobrevivência e de elite como identificados em sede de diagnóstico social do concelho.

Também nas motivações que estão na origem da vinda para Portugal se reproduzem esses perfis. Na imigração de elite, destacam-se ligações afectivas ao país e uma percepção positiva sobre a qualidade de vida, quando na imigração de sobrevivência se optou pelo país pela facilidade de entrada e pelas oportunidades de emprego existentes.

Os motivos de escolha de São Brás de Alportel para viver mais assinalados, foram: a localização (o facto de ser um bom espaço para viver), as características do território (por ser um espaço pequeno e acolhedor) e a proximidade face ao local de emprego. Os primeiros dois motivos são, claramente, caracterizadores do perfil migratório dos residentes com origem na Europa Ocidental, quando o último é característico do perfil dos imigrantes da Europa de Leste e da América do Sul.

Os percursos migratórios, são feitos, essencialmente, com recurso a poupanças próprias, adquirindo também relevo o apoio familiar (em particular nos imigrantes da Europa de Leste, América do Norte e África). O pagamento de serviços de apoio à regularização, especificamente para ajuda com os documentos necessários, não é uma prática comum, pese embora, presente em mais de um quinto dos casos. A obtenção de nacionalidade portuguesa também não se constitui como prioridade, se bem que 6,8% já a tem e 22,3% manifesta essa vontade.

Quanto à relação com o sistema de ensino, conclui-se que mais de um quinto dos elementos dos agregados se mantém a estudar. Por outro lado, tratam-se de indivíduos com níveis habilitacionais mais elevados do que os registados para o concelho. Praticamente um em cada cada elementos das famílias dos imigrantes tem uma licenciatura quando na população esse rácio não chega a um por cada 25 habitantes. As escolaridades são mais elevadas entre europeus e indivíduos da América do Norte.

Quando questionados acerca do domínio de outras línguas, verifica-se que é entre os elementos dos agregados da Europa de Leste que tal é mais acentuado. No entanto, deve salientar-se que entre os elementos dos agregados da Europa Ocidental, 40% não domina outras línguas. Mais de dois quintos dos elementos das famílias dos imigrantes não domina o português, se bem que aumenta o domínio da língua com o aumento de tempo de permanência no país. Nos inquiridos com origem no Reino Unido, mais de metade afirma não dominar o português. O investimento formativo a este nível, revela-se como uma prioridade. De resto, verifica-se que a grande maioria dos imigrantes aprende o português por socialização com nacionais e o recurso à educação formal apenas se verifica em metade dos elementos destas famílias. Cerca de metade afirmou sentir necessidade de formação complementar em língua portuguesa.

Fruto das motivações que balizam o percurso migratório dos oriundos da Europa de Leste, a aprendizagem do português torna-se uma exigência e uma necessidade face ao contacto com

nacionais nos contextos de trabalho. Se a maioria chega a Portugal sem dominar a língua do país, procuram aprendê-la como meio de comunicação e de mediação junto da comunidade portuguesa com quem lidam diariamente.

Mais de três quintos dos inquiridos europeus, utiliza a sua língua natal para comunicar em casa. Com a presença de filhos jovens, aumenta a tendência para comunicação em português e na língua natal, em simultâneo. Conclui-se, igualmente, por um domínio razoável da língua portuguesa na oralidade, leitura e escrita, embora as maiores fragilidades se registem entre os elementos das famílias dos imigrantes da Europa Ocidental.

As necessidades formativas sentidas pelos imigrantes, centram-se nas áreas de informática na óptica do utilizador, línguas e engenharias. Estas necessidades são particularmente sentidas entre grupos de imigrantes da Europa de Leste.

Quanto ao conhecimento das instituições de ensino e de formação, conclui-se pela existência de diferenças entre os vários grupos de nacionalidade dos imigrantes, sendo os de origem na Europa de Leste e de África aqueles que mais estão familiarizados com as organizações existentes no concelho. Trata-se de um conhecimento que decorre da procura destas organizações, facto que é independente da nacionalidade. Os imigrantes referem, na sua maioria, que a oferta formativa existente corresponde às suas necessidades. Nesta dimensão, deve merecer especial destaque o facto de uma parte importante dos imigrantes não conhecer a oferta formativa existente (cerca de 45%) o que apela à ampliação de estratégias divulgação do que é feito por estas instituições dadas as reconhecidas necessidades formativas identificadas pelos próprios imigrantes.

Fruto dos perfis distintos de imigração, identificam-se relações diferenciadas com o mercado de trabalho em função da nacionalidade. É entre os indivíduos da Europa do Leste e da América do Sul que se registam taxas de actividade mais elevadas. Os imigrantes da Europa Ocidental, apresentam as taxas de actividade mais baixas o que vem no sentido das motivações preferenciais que estão na origem dos percursos migratórios. A estadia em Portugal na fase da reforma, é superior neste grupo face aos restantes – cerca de um em cada três imigrantes deste grupo vive da reforma. Estas variações na condição face ao trabalho, tem reflexo na origem dos rendimentos dos agregados. Ao passo que entre os imigrantes da Europa do Leste e América do Sul adquirem especial relevo os rendimentos resultantes do trabalho, no caso dos imigrantes da Europa Ocidental e da América do Norte, o valor modal recai sobre os rendimentos de reforma.

As profissões de carácter mais desqualificado são, tendencialmente, ocupadas por imigrantes da Europa de Leste e de África. A maior variação nos grupos profissionais, pode ser verificada entre os imigrantes da Europa Ocidental.

A maior parte dos imigrantes trabalha por conta de outrem, sendo mais visível entre os imigrantes

da Europa de Leste, em que nove em cada 10 se encontra nesta situação. Já o trabalho por conta própria é mais relevante entre os imigrantes da Europa Ocidental e América do Norte.

A inserção no mercado de trabalho, é feita basicamente pelo regime de contrato de trabalho – sendo de destacar a contratação com termo em 64,3% dos imigrantes da Europa de Leste e sem termo em 75% dos cabo-verdianos.

Contrariamente ao que, do ponto de vista do senso comum, seria expectável, a maior parte dos imigrantes tinha emprego no país de origem antes de vir para Portugal. Verifica-se uma tendência de estabilização no emprego, visível pela tendência de aumento do tempo de trabalho actual em função do número de anos de residência no país. Também não se verificam percursos de mobilidade profissional assinaláveis. A maioria dos imigrantes teve entre dois a quatro empregos desde que está em Portugal – uma rotatividade que é mais visível entre os imigrantes brasileiros e russos – embora cerca de um terço tenha tido apenas um emprego – situação presente na maioria dos imigrantes de origem alemã e britânica.

Quanto às mobilidades geográficas, conclui-se que, em média, quatro em cada cinco imigrantes trabalha ou estuda no concelho de São Brás de Alportel. Tratam-se de mobilidades menos acentuadas do que as registadas na população e, em particular, na população residente nas novas habitações do concelho. As deslocações para fora do território são mais acentuadas entre os imigrantes de elite do que nos de sobrevivência. O trabalho ou estudo fora do concelho, é feito para os concelhos limítrofes de Faro, Loulé ou Tavira.

Face ao perfil das mobilidades, o tempo gasto em média nas deslocações pendulares é inferior entre os imigrantes do que na população do concelho, sendo que a maioria dos primeiros não despence mais de 15 minutos para ir trabalhar ou estudar. As formas preferenciais para efectuar essas mobilidades passam pela utilização de veículo próprio como condutor ou a ida a pé. Por comparação com a população do concelho e das novas habitações, verifica-se uma menor propensão para o uso do automóvel. Também se verifica que é entre os imigrantes de elite que o uso do automóvel ligeiro, na qualidade de condutor, é mais frequente. A deslocação a pé é mais visível entre os imigrantes da Europa do Leste. O uso dos transportes colectivos é uma prática comum entre os imigrantes cabo-verdianos.

Conclui-se pela existência de diferenças significativas entre o tipo de alojamento e os perfis de imigração. Entre os imigrantes de elite, verifica-se uma tendência para residirem em moradias, quando, nos da Europa de Leste, a maior parte reside em apartamentos. O número de indivíduos a residirem nos alojamentos difere, verificando-se uma média de elementos superior nos apartamentos do que nas moradias, o que se relaciona com os perfis de imigração em avaliação. Nos imigrantes de elite, a média de elementos por agregado é inferior do que nos restantes casos. No regime de propriedade aos imigrantes de elite, associam-se os imigrantes brasileiros, com uma

maior tendência para serem proprietários dos alojamentos em que residem, ao passo que nos restantes grupos a tendência é a de arrendamento.

As condições básicas habitacionais, estão garantidas na grande maioria das situações. Em relação à avaliação empreendida face à qualidade habitacional, verifica-se haver uma percepção mais positiva por parte dos imigrantes de elite, o que poderá eventualmente também ser explicado pelo tipo de alojamento em que residem e pela composição dos agregados familiares.

A estadia em Portugal vai permitindo aos imigrantes ultrapassarem as dificuldades sentidas inicialmente. Se aquando da chegada ao país a maioria sentia dificuldades variadas, no momento da inquirição mais de metade não sentia quaisquer dificuldades. A língua e a obtenção dos documentos necessários à regularização da situação são os obstáculos mais sentidos à chegada. Se no momento da inquirição se mantêm estes dois elementos como os mais referenciados, certo é que diminui substancialmente o número daqueles que sente essas dificuldades.

A integração nos processos eleitorais, é uma das maiores fragilidades passíveis de encontrar na comunidade imigrante local. Aproximadamente dois terços não está recenseado. A inscrição nos cadernos eleitorais aumenta com o tempo de estadia no concelho, o que significa dizer que aqueles que vão chegando, mesmo tendo o direito de votar nas eleições locais, não o farão. Obviamente que, sentindo o não domínio da língua portuguesa à chegada pode dificultar esse acesso, mas esta é uma dimensão que pode ser explorada pelos órgãos eleitos locais, procurando formas de comunicar com estas comunidades e mostrando a importância da sua participação política na vida da comunidade.

Apesar desse alheamento político local, a maior parte dos imigrantes encontra-se inscrito nos organismos consulares dos seus países de origem, pese embora tal seja menos presente entre os imigrantes da Europa Ocidental. Também a maioria tem acesso ao cartão da Segurança Social, se bem que é entre os imigrantes de elite que a posse desse seja menos frequente. Tal parece evidenciar uma menor necessidade de acesso aos sistemas de serviços públicos nacionais.

Quanto às redes sociais, verifica-se que a maioria dos imigrantes refere ter relações com vizinhos e ter amigos portugueses. É nos pormenores que se verificam pequenas diferenças de comportamento em função da nacionalidade. Nos imigrantes da Europa, regista-se a maior percentagem daqueles que não mantêm quaisquer relações com vizinhos portugueses (11%) e não têm amigos portugueses (16%). A avaliação que é feita dessas relações e amizades é muito positiva, independentemente da nacionalidade. Se a comunicação é uma dificuldade que se verifica no relacionamento com a comunidade portuguesa, alguns imigrantes também ressaltam as diferenças de índole cultural.

Quando questionados acerca do conhecimento do CLAI, verifica-se que a maioria não só não conhece, como não utiliza os seus serviços. Parte importante daqueles que conhecem os seus

serviços, é porque já se socorreram desses. Aqueles que o utilizaram, avaliam de forma muito positiva o seu funcionamento. Este é um dado que carece de uma análise mais aprofundada, dado que na altura da inquirição o CLAI estava há pouco tempo em funcionamento.

Quanto à relação estabelecida com o país de origem, verifica-se que a maioria dos imigrantes regressa aos mesmos durante o seu percurso migratório em Portugal, sendo mais frequente entre os europeus e não verificável entre os imigrantes cabo-verdianos. O número de vezes em que se dá o retorno ao país de origem aumenta com o tempo de permanência em Portugal, mas diminui de intensidade ao longo dos anos, o que pode relacionar-se com um percurso de integração mais estabilizado que se vai construindo ao longo do período em que estão no nosso país. As deslocações para férias, a ida a acontecimentos familiares ou o tratar de assuntos familiares, são as motivações de regresso ao país mais assinaladas.

Embora apenas um terço dos imigrantes tenha familiares dependentes no país de origem, a situação difere em função da nacionalidade. A maior parte dos imigrantes de elite não tem familiares dependentes no seu país, sendo o inverso identificável entre os imigrantes de sobrevivência. Estas diferenças, fazem com que a permanência em Portugal seja emocionalmente vivenciada de forma diferente entre estes grupos. Os dependentes são, na sua maioria filhos e pais ou sogros dos inquiridos. A vontade em trazer esses familiares para Portugal é, igualmente, superior entre os imigrantes de sobrevivência. Naqueles que não pretendem trazer os familiares, tal deve-se essencialmente ao não sentir essa necessidade ou ao facto dos próprios familiares não quererem.

É nos imigrantes da Europa de Leste e africanos que se verifica uma maior propensão para envio de bens ou dinheiro para os familiares que se mantêm no país de origem, o que retrata as dificuldades que aí se manterão e a importância dos percursos migratórios na melhoria da qualidade de vida das famílias: tanto nas que estão em Portugal, como naquelas que se deixaram para trás. Tratam-se de percursos de vida fracturados, em que se experiencia a procura de uma vida melhor, a par com rupturas familiares e sociais, que são minimizadas com retornos aos países de origem ou com o apoio económico aos familiares. No entanto, no que se refere ao investimento no país de origem, essa é uma opção pouco frequente. Tal pode significar a vontade em permanecer no nosso país. A haver investimento, esse é basicamente efectuado em habitação, o que retrata a vontade de regresso.

Da mesma forma que há um distanciamento face às estruturas políticas locais, também se regista um alheamento face aos actos eleitorais em si. Cerca de metade dos recenseados votou nas últimas eleições autárquicas, não se distanciando das taxas de participação globais do concelho. Há uma maior propensão para o voto entre os imigrantes de elite. À medida que aumenta o tempo de permanência em Portugal, elevam-se igualmente as taxas de participação nas eleições locais, verificando-se o inverso nas eleições dos países de origem. Mas no global, quer a participação nas

eleições nacionais, como nas dos países de origem são baixas, o que evidencia dificuldades no relacionamento com as instituições políticas.

Ao nível da participação associativa, os resultados também não são animadores. Apenas um em cada cinco imigrantes pertence a associações, na sua maior parte de carácter concelhio. Entre os imigrantes de elite, há uma taxa de participação associativa ligeiramente superior aos restantes casos. Adquire relevância o facto da participação associativa estar directamente relacionada com o tempo de permanência em Portugal.

Estes dados levam à necessidade de se equacionarem novas formas de participação e envolvimento dos imigrantes na vida política e associativa local, o que deve ser estruturado pelas organizações directamente visadas por estas dimensões.

Em relação à procura de bens e serviços, há um conjunto de elementos a destacar. Os imigrantes deslocam-se, essencialmente, a lojas onde se fala o português. O acesso a bens e serviços é realizado basicamente no concelho, pese embora existam ligeiras variações em função do tipo de consumo que estejamos a tratar. O acesso a algumas funções de carácter mais especializado, como o hipermercado ou o cinema, e a algumas pouco especializadas, mas com generalização da oferta (vestuário, electrodomésticos ou artigos de desporto), faz relevar a importância dos centros comerciais como espaços privilegiados de consumo. As deslocações são feitas, nestes casos, para o Fórum Algarve e o Algarve Shopping.

Quando se trata de aceder a outros bens e serviços fora do concelho, a escolha preferencial recai sobre os territórios que fazem fronteira com São Brás de Alportel, como Faro, Loulé, Olhão e Tavira. Estes dados, vêm confirmar o perfil de mobilidades dos imigrantes que já havia sido retratado no campo dos movimentos pendulares. Mais uma vez se conclui para uma tendência de frágil mobilidade entre os imigrantes, que vai desde as suas deslocações para trabalho ou escola aos consumos que são realizados.

Pode, ainda, concluir-se que há graus de conhecimento, apropriação ou de utilização diferenciados dos recursos, organizações e actividades culturais existentes no concelho. Regra geral, há uma associação entre o conhecimento e a utilização ou acesso, ou seja, na maioria dos casos em que se conhece algum dos recursos, é porque foram previamente acedidos pelos imigrantes. É na frequência de utilização ou de acesso que se pode analisar com melhor precisão o grau de apropriação dos recursos existentes.

O maior conhecimento e frequência de acesso, recai sobre as festas e feiras promovidas no concelho, seguido dos recursos patrimoniais, restaurantes e meios de comunicação social. As maiores fragilidades, constata-se em relação ao conhecimento e acesso às instituições do concelho, onde menos de um quinto (em média) conhece as instituições, e menos de três quintos

(igualmente valor médio) lhes acedeu. A frequência média de acesso é menos regular no que respeita à visualização dos grupos musicais locais, e o acesso a festas e feiras é aquele que é feito de modo mais regular pela comunidade imigrante.

Embora a maioria dos imigrantes receba a agenda cultural, o acesso a essa é diferenciado em função da nacionalidade – é entre os imigrantes da Europa de Leste e da América do Norte que se verifica um acesso maioritário a este recurso local. No entanto, no respeitante à procura de informação sobre as actividades culturais promovidas no concelho, verifica-se que a maioria dos imigrantes se informa acerca da programação local, o que é independente da nacionalidade. Aqueles que acedem à agenda, avaliam-na de forma muito positiva nos vários itens aí constantes.

É relativamente diminuta a representação dos imigrantes que nunca participaram em quaisquer actividades culturais promovidas no concelho, apesar da maioria as frequentar de forma ocasional. Os mais assíduos às actividades locais, são os europeus, o que se poderá explicar, hipoteticamente, pela maior proximidade cultural. A avaliação empreendida em relação à programação dessas actividades, é igualmente muito positiva. Quanto ao tipo de actividades frequentadas pelos imigrantes, evidencia-se a importância da participação em festas e feiras populares, seguida da participação em exposições.

Por fim, em relação às sugestões de melhoria da programação cultural, destacam-se as propostas relacionadas com o aumento das actividades de ocupação dos tempos livres das crianças e jovens, a diversificação da oferta do cinema local, a criação de espaços de informação local e, finalmente, a criação de uma feira intercultural.

Por tudo isto, exige-se passar do discurso da multiculturalidade à prática da interculturalidade.

“A diversidade cultural que perpassa o Estado-nação não se impõe forçosamente como uma ameaça à especificidade cultural de um dado grupo dominante, embora muitas vezes seja percebida como tal, quer pela opinião pública, quer pelas elites políticas. A demarcação das fronteiras entre diferentes grupos étnicos nas modernas sociedades «multiculturais» não pode, pois, funcionar como uma barreira simbólica destinada à exclusão de outras culturas, designadamente as minoritárias, sob pena de estimular a xenofobia e a discriminação étnica e racial. Posto isso, e embora não caiba ao cientista social imiscuir-se na orientação do chamado «diálogo entre culturas», não queremos deixar de avançar a ideia de que a convivência plural entre comunidades portadoras de diferentes valências culturais num mesmo espaço social, é perfeitamente possível, desde que as fronteiras que separam os diferentes grupos funcionem como portas abertas ao diálogo e à cooperação” (Rovisco, 2000: 73).

Todos estes dados fazem relevar a visão dos imigrantes acerca do território, assim como permitem situar as suas especificidades, enquanto comunidade sobre a qual deve recair uma intervenção específica. No entanto, não podemos deixar de chamar a atenção para o facto de aqui ficar inscrito apenas um dos “olhares” possíveis sobre esta comunidade. Como estudo de caracterização, não esgota a necessidade de concertação entre actores de forma a retratar outras visões e dar resposta a algumas das fragilidades de integração identificadas. Se se trata de uma investigação que carecia de ser realizada, cabe agora, às instituições locais, discutirem sobre os seus recursos e as suas fragilidades na intervenção sobre esta comunidade, de modo a ampliar um efectivo diagnóstico territorial sobre os imigrantes. A intervenção será uma consequência inevitável dessa discussão, que urge realizar, a bem da promoção de uma maior coesão social local e da integração efectiva deste grupo específico da população.

O estudo vem confirmar alguns dados caracterizadores dos perfis migratórios que se registam ao nível nacional e que têm vindo a ser aprofundados em várias investigações sobre este domínio. No entanto, aprofunda dimensões que não têm vindo a ser tão exploradas, como as mobilidades quotidianas, os consumos ou os níveis de apropriação do território. A esse nível, carecíamos de outros trabalhos que nos permitissem uma comparabilidade passível de estruturar a leitura das especificidades das migrações locais.

BAGANHA, MARIA IOANNIS, JOSÉ CARLOS MARQUES E PEDRO GÓIS (2004), *Novas migrações, novos desafios: A imigração do Leste Europeu*, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 69, Outubro, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, pp. 95-115.

FONSECA, MARIA LUCINDA, MEGHANN ORMOND, JORGE MALHEIROS, MIGUEL PATRÍCIO E FILIPA MARTINS (2005), *Reunificação familiar e imigração em Portugal*, Lisboa, ACIME.

GARCIA, JOSÉ LUÍS (2000), “Epílogo” in *Portugal Migrante – Emigrantes e Imigrados*, Dois Estudos Introdutórios, Oeiras, Celta.

GÓIS, PEDRO E JOSÉ CARLOS MARQUES (2007), *Estudo Prospectivo sobre Imigrantes Qualificados em Portugal*, Lisboa, ACIDI, I.P.

LAGES, MÁRIO, VERÓNICA POLICARPO, JOSÉ CARLOS MARQUES, PAULO LOPES MATOS, JOÃO ANTÓNIO (2006), *Os imigrantes e a população portuguesa: imagens recíprocas*, Lisboa, ACIME.

MARQUES, RUI (2005), *Uma mesa com lugar para todos*, Lisboa, Instituto Padre António Vieira.

MENDES, MARIA DE FÁTIMA E JORGE MIGUÉIS (2005), *Lei eleitoral dos órgãos das autarquias locais*, Torres Novas, Gráfica Almondina.

NEVES, JOÃO CÉSAR (2003), “Imigração e Desenvolvimento” in *Actas do I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade – Cidadania – Integração*, Porto, ACIME.

PESTANA, MARIA HELENA (2005), *A análise de Dados para Ciências Sociais – A complementaridade do SPSS*, 4ª Edição, Lisboa, Edições Sílabo.

ROCHA-TRINDADE, MARIA BEATRIZ (1995), *Sociologia das Migrações*, Lisboa, Universidade Aberta.

ROCHA-TRINDADE, MARIA BEATRIZ (2003), “A realidade da imigração em Portugal” in *Actas do I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade – Cidadania – Integração*, Porto, ACIME.

ROSA, MARIA JOÃO VALENTE, HUGO DE SEABRA E TIAGO SANTOS

(2003), Contributos dos «imigrantes» na demografia portuguesa – o papel das populações de nacionalidade estrangeira, Lisboa, ACIME.

ROVISCO, MARIA LUÍS (2000), “Onde começa a diferença” in Portugal Migrante – Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios, Oeiras, Celta.

# ANEXOS

**Quadro A 1 - Tipologia do agregado, segundo a nacionalidade**

Tipologia do agregado	Nacionalidade														Total		
	Bélgica	Brasil	Canadá	Cabo Verde	Espanha	EUA	França	Holanda	Alemanha	Roménia	Reino Unido	Suíça	República Moldávia	Rússia		Ucrânia	
Elementos isolados	N.º	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	5	0	0	1	6	17
	% Nacionalidade	50,0%	11,1%	50,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	16,7%	7,7%	,0%	17,9%	,0%	,0%	20,0%	27,3%	16,5%
Família nuclear	N.º	0	1	0	0	0	3	1	3	4	1	15	1	0	0	7	36
	% Nacionalidade	,0%	11,1%	,0%	,0%	,0%	100,0%	25,0%	50,0%	30,8%	100,0%	53,6%	50,0%	,0%	,0%	31,8%	35,0%
Família nuclear com filhos	N.º	1	7	0	2	1	0	3	2	7	0	5	1	3	3	7	42
	% Nacionalidade	50,0%	77,8%	,0%	100,0%	100,0%	,0%	75,0%	33,3%	53,8%	,0%	17,9%	50,0%	100,0%	60,0%	31,8%	40,8%
Família monoparental	N.º	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	0	0	5
	% Nacionalidade	,0%	,0%	50,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	7,7%	,0%	10,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	4,9%
Família alargada	N.º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	20,0%	9,1%	2,9%	
Total	N.º	2	9	2	2	1	3	4	6	13	1	28	2	3	5	22	103
	% Nacionalidade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 2 - Elementos dos agregados familiares, segundo a nacionalidade do inquirido e a naturalidade dos elementos**

Nacionalidade do inquirido	Composição do agregado familiar	Naturalidade			Total	
		Concelho onde reside actualmente	Noutro concelho	Noutro país		
Europa Ocidental	Inquirido	N <sup>o</sup>	0	1	55	56
		%	-	0,7	39,9	40,6
	Cônjuge/Companheiro(a)	N <sup>o</sup>	4	2	35	41
		%	2,9	1,4	25,4	29,7
	Filho(a)	N <sup>o</sup>	13	4	22	39
		%	9,4	2,9	15,9	28,3
	Enteado(a)	N <sup>o</sup>	0	1	0	1
		%	-	0,7	-	0,7
	Outro	N <sup>o</sup>	0	1	0	1
		%	-	0,7	-	0,7
Total	N <sup>o</sup>	17	9	112	138	
	%	12,3	6,5	81,2	100,0	
Europa do Leste	Inquirido	N <sup>o</sup>	0	0	31	31
		%	-	-	37,3	37,3
	Cônjuge/Companheiro(a)	N <sup>o</sup>	3	1	20	24
		%	3,6	1,2	24,1	28,9
	Filho(a)	N <sup>o</sup>	5	0	16	21
		%	6,0	-	19,3	25,3
	Enteado(a)	N <sup>o</sup>	0	0	2	2
		%	-	-	2,4	2,4
	Pai ou mãe	N <sup>o</sup>	0	0	2	2
		%	-	-	2,4	2,4
Irmã(o)	N <sup>o</sup>	0	0	2	2	
	%	-	-	2,4	2,4	
Cunhado(a)	N <sup>o</sup>	0	0	1	1	
	%	-	-	1,2	1,2	
Total	N <sup>o</sup>	8	1	74	83	
	%	9,6	1,2	89,2	100,0	
América do Norte	Inquirido	N <sup>o</sup>	0	0	5	5
		%	-	-	55,6	55,6
	Cônjuge/Companheiro(a)	N <sup>o</sup>	1	0	2	3
		%	11,1	-	22,2	33,3
	Filho(a)	N <sup>o</sup>	1	-	0	1
		%	11,1	-	-	11,1
Total	N <sup>o</sup>	2	0	7	9	
	%	22,2	-	77,8	100,0	

(continuação)

Nacionalidade do inquirido	Composição do agregado familiar	Naturalidade			Total	
		Concelho onde reside actualmente	Noutro concelho	Noutro país		
América do Sul	Inquirido	Nº	0	0	9	9
		%	-	-	31,0	31,0
	Cônjuge/Companheiro(a)	Nº	5	1	2	8
		%	17,2	3,4	6,9	27,6
	Filho(a)	Nº	6	0	6	12
		%	20,7	-	20,7	41,4
Total	Nº	11	1	17	29	
%	37,9	3,4	58,6	100,0		
África	Inquirido	Nº	0	0	2	2
		%	-	-	16,7	16,7
	Cônjuge/Companheiro(a)	Nº	0	0	2	2
		%	-	-	16,7	16,7
	Filho(a)	Nº	3	3	1	7
		%	25,0	25,0	8,3	58,3
Enteado(a)	Nº	1	0	0	1	
	%	8,3	-	-	8,3	
Total	Nº	4	3	5	12	
%	33,3	25,0	41,7	100,0		
Total	Inquirido	Nº	0	1	102	103
		%	-	0,4	37,6	38,0
	Cônjuge/Companheiro(a)	Nº	13	4	61	78
		%	4,8	1,5	22,5	28,8
	Filho(a)	Nº	28	7	45	80
		%	10,3	2,6	16,6	29,5
	Enteado(a)	Nº	1	1	2	4
		%	0,4	0,4	0,7	1,5
	Pai ou mãe	Nº	0	0	2	2
		%	-	-	0,7	0,7
	Irmã(o)	Nº	0	0	2	2
		%	-	-	0,7	0,7
	Cunhado(a)	Nº	0	0	1	1
		%	-	-	0,4	0,4
Outro	Nº	0	1	0	1	
	%	-	0,4	-	0,4	
Total	Nº	42	14	215	271	
%	15,5	5,2	79,3	100,0		

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 3 – Inquiridos e restantes elementos do agregado familiar segundo outros países de naturalidade**

Naturalidade - Noutro país	Distinção elementos agregado			
		Inquirido	Restantes elementos	Total
Alemanha	N <sup>o</sup>	13	12	25
	%	12,6%	7,1%	9,2%
Bélgica	N <sup>o</sup>	2	2	4
	%	1,9%	1,2%	1,5%
Bielo-Rússia	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	1,0%	,6%	,7%
Brasil	N <sup>o</sup>	9	10	19
	%	8,7%	6,0%	7,0%
Cabo Verde	N <sup>o</sup>	2	2	4
	%	1,9%	1,2%	1,5%
Canadá	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	1,9%	,0%	,7%
EUA	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	1,9%	,0%	,7%
Espanha	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	1,9%	,0%	,7%
França	N <sup>o</sup>	4	2	6
	%	3,9%	1,2%	2,2%
Holanda	N <sup>o</sup>	6	5	11
	%	5,8%	3,0%	4,1%
Moçambique	N <sup>o</sup>	0	1	1
	%	,0%	,6%	,4%
Moldávia	N <sup>o</sup>	3	8	11
	%	2,9%	4,8%	4,1%
Namíbia	N <sup>o</sup>	1	2	3
	%	1,0%	1,2%	1,1%
Polónia	N <sup>o</sup>	0	1	1
	%	,0%	,6%	,4%
Rússia	N <sup>o</sup>	5	8	13
	%	4,9%	4,8%	4,8%
Reino Unido	N <sup>o</sup>	28	27	55
	%	27,2%	16,1%	20,3%
Roménia	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	1,0%	,0%	,4%
São Tomé e Príncipe	N <sup>o</sup>	0	1	1
	%	,0%	,6%	,4%
Suíça	N <sup>o</sup>	1	4	5
	%	1,0%	2,4%	1,8%
Ucrânia	N <sup>o</sup>	21	26	47
	%	20,4%	15,5%	17,3%
Venezuela	N <sup>o</sup>	0	2	2
	%	,0%	1,2%	,7%
Total	N <sup>o</sup>	103	114	217
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 4 - Inquiridos e restantes elementos do agregado familiar segundo outro concelho de naturalidade**

Distinção elementos agregado		Naturalidade - Noutro concelho, qual				
		Açores	Faro	Porto	Tavira	Total
Inquirido	N <sup>o</sup>	0	0	0	0	0
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
Restantes elementos	N <sup>o</sup>	1	10	1	1	13
	%	8,0%	76,0%	8,0%	8,0%	100,0%
Total	N <sup>o</sup>	1	10	1	1	13
	%	8,0%	76,0%	8,0%	8,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 5 - Inquiridos e restantes elementos do agregado familiar segundo as motivações para residência no concelho de São Brás de Alportel e nacionalidade do inquirido**

Motivações para opção por residência no concelho de São Brás de Alportel		Nacionalidade por regiões continentais					Total
		Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África	
Localização - proximidade dos grandes centros urbanos	N <sup>o</sup>	1	1	0	0	0	2
	%	1,8%	3,2%	,0%	,0%	,0%	1,9%
Localização - espaço com qualidade para viver	N <sup>o</sup>	18	2	1	1	0	22
	%	32,1%	6,5%	20,0%	11,1%	,0%	21,4%
Proximidade face ao local de emprego	N <sup>o</sup>	1	15	0	5	0	21
	%	1,8%	48,4%	,0%	55,6%	,0%	20,4%
Proximidade face a familiares ou amigos	N <sup>o</sup>	3	8	2	2	1	16
	%	5,4%	25,8%	40,0%	22,2%	50,0%	15,5%
Preços mais baixos na habitação	N <sup>o</sup>	9	1	0	0	0	10
	%	16,1%	3,2%	,0%	,0%	,0%	9,7%
Qualidade mais elevada nas habitações existentes	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	1,8%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,0%
Pelas suas características - por ser um espaço pequeno e acolhedor	N <sup>o</sup>	8	3	0	0	0	11
	%	14,3%	9,7%	,0%	,0%	,0%	10,7%
Pelos bens e serviços que oferece	N <sup>o</sup>	1	0	0	0	0	1
	%	1,8%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,0%
Existência de propriedade(s) familiar(es) no concelho	N <sup>o</sup>	4	0	2	0	0	6
	%	7,1%	,0%	40,0%	,0%	,0%	5,8%
Outro motivo	N <sup>o</sup>	10	1	0	1	1	13
	%	17,9%	3,2%	,0%	11,1%	50,0%	12,6%
Total	N <sup>o</sup>	56	31	5	9	2	103
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

(continuação)

Motivos que estão na origem na opção por residência no concelho de SBA - 2.º motivo	Localização - proximidade dos grandes centros urbanos	Nº	4	0	1	0	0	5
		%	10,8%	,0%	33,3%	,0%	,0%	7,9%
	Localização - espaço com qualidade para viver	Nº	11	6	0	1	0	18
		%	29,7%	35,3%	,0%	20,0%	,0%	28,6%
	Proximidade face ao local de emprego	Nº	1	4	0	1	0	6
		%	2,7%	23,5%	,0%	20,0%	,0%	9,5%
	Proximidade face a familiares ou amigos	Nº	1	4	1	1	0	7
		%	2,7%	23,5%	33,3%	20,0%	,0%	11,1%
	Preços mais baixos na habitação	Nº	4	1	0	0	0	5
		%	10,8%	5,9%	,0%	,0%	,0%	7,9%
	Qualidade mais elevada nas habitações existentes	Nº	1	0	1	0	0	2
		%	2,7%	,0%	33,3%	,0%	,0%	3,2%
	Pelas suas características - por ser um espaço pequeno e acolhedor	Nº	11	2	0	2	1	16
		%	29,7%	11,8%	,0%	40,0%	100,0%	25,4%
Pelos bens e serviços que oferece	Nº	2	0	0	0	0	2	
	%	5,4%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,2%	
Existência de propriedade(s) familiar(es) no concelho	Nº	1	0	0	0	0	1	
	%	2,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,6%	
Outro motivo	Nº	1	0	0	0	0	1	
	%	2,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,6%	
Total	Nº	37	17	3	5	1	63	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
Motivos que estão na origem na opção por residência no concelho de SBA - 3.º motivo	Localização - proximidade dos grandes centros urbanos	Nº	4	0	0	0	0	4
		%	14,3%	,0%	,0%	,0%	,0%	9,5%
	Localização - espaço com qualidade para viver	Nº	4	1	0	0	0	5
		%	14,3%	12,5%	,0%	,0%	,0%	11,9%
	Bons acessos viários	Nº	1	2	0	0	0	3
		%	3,6%	25,0%	,0%	,0%	,0%	7,1%
	Proximidade face ao local de emprego	Nº	1	3	0	0	0	4
		%	3,6%	37,5%	,0%	,0%	,0%	9,5%
	Proximidade face a familiares ou amigos	Nº	5	0	0	1	0	6
		%	17,9%	,0%	,0%	33,3%	,0%	14,3%
	Preços mais baixos na habitação	Nº	0	1	0	0	0	1
		%	,0%	12,5%	,0%	,0%	,0%	2,4%
	Qualidade mais elevada nas habitações existentes	Nº	2	0	0	0	0	2
		%	7,1%	,0%	,0%	,0%	,0%	4,8%
Pelas suas características - por ser um espaço pequeno e acolhedor	Nº	4	1	2	0	0	7	
	%	14,3%	12,5%	100,0%	,0%	,0%	16,7%	
Pelos bens e serviços que oferece	Nº	4	0	0	0	1	5	
	%	14,3%	,0%	,0%	,0%	100,0%	11,9%	
Existência de propriedade(s) familiar(es) no concelho	Nº	0	0	0	2	0	2	
	%	,0%	,0%	,0%	66,7%	,0%	4,8%	
Outro motivo	Nº	3	0	0	0	0	3	
	%	10,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	7,1%	
Total	Nº	28	8	2	3	1	42	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 6 – Inquiridos segundo a opção de ter pago a alguém para o(a) ajudar com os documentos e o domínio da língua portuguesa actualmente**

Se teve de pagar a alguém para o(a) ajudar com os documentos		Domínio da língua portuguesa actualmente		Total
		Sim	Não	
Sim	N.º	16	9	25
	% Domínio da língua portuguesa actualmente	23,2%	26,5%	24,3%
Não	N.º	53	25	78
	% Domínio da língua portuguesa actualmente	76,8%	73,5%	75,7%
Total	N.º	69	34	103
	% Domínio da língua portuguesa actualmente	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 7 – Inquiridos segundo as razões para a obtenção da nacionalidade portuguesa e a nacionalidade**

Razões para obter nacionalidade portuguesa		Nacionalidade										Total
		Brasil	Cabo Verde	Holanda	Alemanha	Roménia	Reino Unido	Suiça	República Moldávia	Rússia	Ucrânia	
Sente-se português(esa)	N.º	2	1	1	0	1	0	1	0	0	2	8
	%	40,0%	50,0%	100,0%	,0%	100,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	40,0%	29,6%
Para estar mais integrado(a)	N.º	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	5
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%	,0%	33,3%	100,0%	20,0%	18,5%
Facilitar a emigração	N.º	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	5
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	33,3%	50,0%	60,0%	18,5%
Motivos profissionais	N.º	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	4
	%	40,0%	50,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	50,0%	,0%	14,9%
Outra razão	N.º	1	1	0	1	0	0	0	1	0	1	5
	%	20,0%	50,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	,0%	33,3%	,0%	20,0%	18,5%
Total (respondentes)	N.º	5	2	1	1	1	1	1	3	2	5	22

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 8 - Inquiridos segundo a justificação para a não pretensão em obter a nacionalidade portuguesa e a nacionalidade**

Não pretende obter a nacionalidade portuguesa - porquê	Nacionalidade											Total	
	Bélgica	Brasil	Espanha	EUA	França	Holanda	Alemanha	Reino Unido	Suíça	Rússia	Ucrânia		
Devido à idade, não sente essa necessidade	Nº	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0	0	4
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	7,7%	10,7%	,0%	,0%	,0%	5,7%
É um processo complicado	Nº	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	20,0%	,0%	1,4%
Em termos fiscais/legais não é possível porque foram funcionários do Estado	Nº	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,6%	,0%	,0%	,0%	1,4%
Não conhece os procedimentos legais	Nº	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,6%	,0%	,0%	,0%	1,4%
Não consegue aprender a língua	Nº	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,6%	,0%	,0%	,0%	1,4%
Não sente necessidade	Nº	0	1	1	1	0	1	9	16	0	1	6	36
	%	,0%	11,1%	100,0%	33,3%	,0%	16,7%	69,2%	57,1%	,0%	20,0%	27,3%	51,4%
Não vê benefícios e equaciona regressar ao país de origem	Nº	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	33,3%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,4%
Nunca pensou nisso	Nº	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	2
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	16,7%	,0%	3,6%	,0%	,0%	,0%	2,9%
O país de origem não permite ter duas nacionalidades	Nº	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	10	13
	%	50,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	16,7%	,0%	,0%	,0%	20,0%	45,5%	18,8%
Pensa voltar ao país de origem	Nº	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	15,4%	,0%	,0%	,0%	,0%	2,9%

Quer manter a sua nacionalidade	Nº	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	3
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	25,0%	,0%	,0%	3,6%	,0%	,0%	4,5%	4,2%
Sendo europeu, não existe necessidade de alterar a nacionalidade	Nº	1	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	4
	%	50,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	7,1%	50,0%	,0%	,0%	5,7%
Trabalhou na Holanda e não quer perder os benefícios que tem	Nº	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	16,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,4%
Total (respondentes)	Nº	2	1	1	2	1	4	12	26	1	3	17	70

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 9 – Elementos dos agregados familiares segundo a nacionalidade e área de formação superior**

Classificação das áreas de formação	Nacionalidade por regiões continentais				Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul		
Educação	N <sup>e</sup>	6	1	0	1	8
	%	15,4%	7,1%	,0%	33,3%	13,8%
Artes e humanidades	N <sup>e</sup>	5	0	1	0	6
	%	12,8%	,0%	50,0%	,0%	10,3%
Ciências sociais, comércio e direito	N <sup>e</sup>	9	2	0	1	12
	%	23,1%	14,3%	,0%	33,3%	20,7%
Ciências, matemática e informática	N <sup>e</sup>	2	2	1	0	5
	%	5,1%	14,3%	50,0%	,0%	8,6%
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	N <sup>e</sup>	8	7	0	1	16
	%	20,5%	50,0%	,0%	33,3%	27,6%
Saúde e protecção social	N <sup>e</sup>	5	1	0	0	6
	%	12,8%	7,1%	,0%	,0%	10,3%
Serviços	N <sup>e</sup>	4	0	0	0	4
	%	10,3%	,0%	,0%	,0%	6,9%
Desconhecido ou não especificado	N <sup>e</sup>	0	1	0	0	1
	%	,0%	7,1%	,0%	,0%	1,7%
Total	N <sup>e</sup>	39	14	2	3	58
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 10 – Inquiridos e Elementos dos agregados segundo a outra forma de aprendizagem da língua portuguesa**

Como aprendeu a língua portuguesa - Outra, qual	Distinção elementos agregado			
		Inquirido	Restantes elementos	Total
Computador	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	4,0%	,0%	2,7%
Dicionário	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	4,0%	8,3%	5,4%
Em casa	N <sup>o</sup>	1	1	2
	%	4,0%	8,3%	5,4%
Escola Portuguesa	N <sup>o</sup>	4	8	12
	%	16,0%	66,6%	32,4%
Família	N <sup>o</sup>	2	1	3
	%	8,0%	8,3%	8,1%
Livros	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	8,0%	,0%	5,4%
Livros Portugueses	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	4,0%	,0%	2,7%
Museu	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	4,0%	,0%	2,7%
No trabalho	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	4,0%	,0%	2,7%
Sozinho	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	4,0%	,0%	2,7%
Televisão	N <sup>o</sup>	2	0	2
	%	8,0%	,0%	5,4%
Televisão, Leituras	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	4,0%	,0%	2,7%
Teve aulas privadas de português	N <sup>o</sup>	7	1	8
	%	28,0%	8,3%	21,6%
Total	N <sup>o</sup>	25	12	37
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 11 – Elementos desempregados dos agregados segundo o tempo de desemprego**

Até 6 meses	N <sup>o</sup>	5
	%	83,3%
Há mais de 1 ano	N <sup>o</sup>	1
	%	16,7%
Total	N <sup>o</sup>	6
	%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 12 – Inquiridos e restantes elementos do agregado segundo o regime de trabalho**

Regime de trabalho	Distinção elementos agregado			
	Inquirido	Restantes elementos	Total	
Permanente/regular	N.º	77	64	141
	%	90,6%	98,5%	94,0%
Ocasional	N.º	7	0	7
	%	8,2%	,0%	4,7%
Sazonal	N.º	1	1	2
	%	1,2%	1,5%	1,3%
Total	N.º	85	65	150
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 13 – Inquiridos segundo a detenção de um emprego no país de origem e a nacionalidade**

Emprego no país de origem	Nacionalidade														Total		
	Bélgica	Brasil	Canadá	Cabo Verde	Espanha	EUA	França	Holanda	Alemanha	Roménia	Reino Unido	Suiça	República Moldávia	Rússia		Ucrânia	
	N.º	2	7	0	0	1	2	2	4	11	1	25	2	3	3	12	75
Sim	% Nacionalidade	100,0%	77,8%	,0%	,0%	100,0%	66,7%	50,0%	66,7%	84,6%	100,0%	89,3%	100,0%	100,0%	60,0%	54,5%	73,5%
	N.º	0	2	1	2	0	1	2	2	2	0	3	0	0	2	10	27
Não	% Nacionalidade	,0%	22,2%	100,0%	100,0%	,0%	33,3%	50,0%	33,3%	15,4%	,0%	10,7%	,0%	,0%	40,0%	45,5%	26,5%
Total	N.º	2	9	1	2	1	3	4	6	13	1	28	2	3	5	22	102
	% Nacionalidade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 14 - Inquiridos e elementos dos agregados segundo o tempo do emprego actual**

Tempo do emprego actual	Distinção elementos agregado			
		Inquirido	Restantes elementos	Total
Até um ano	N <sup>o</sup>	15	13	28
	%	24,6%	25,0%	24,8%
2 a 5 anos	N <sup>o</sup>	23	16	39
	%	37,7%	30,8%	34,5%
6 a 10 anos	N <sup>o</sup>	16	13	29
	%	26,2%	25,0%	25,7%
11 a 15 anos	N <sup>o</sup>	2	3	5
	%	3,3%	5,8%	4,4%
16 a 20 anos	N <sup>o</sup>	2	3	5
	%	3,3%	5,8%	4,4%
21 a 25 anos	N <sup>o</sup>	1	0	1
	%	1,6%	,0%	,9%
Mais de 25 anos	N <sup>o</sup>	2	4	6
	%	3,3%	7,7%	5,3%
Total	N <sup>o</sup>	61	52	113
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 15 – Inquiridos segundo o grupo de profissões actuais e a nacionalidade**

Grupos de Profissões	Nacionalidade do inquirido													Total		
	Bélgica	Brasil	Canadá	Cabo Verde	Espanha	EUA	França	Holanda	Alemanha	Roménia	Reino Unido	Suiça	República Moldávia		Rússia	Ucrânia
Quadros Superiores da Administração Pública	N.º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	1,0%
Quadros Superiores de Empresas e Dirigentes	N.º	0	1	0	0	0	2	0	0	0	4	0	0	0	0	7
	% Nacionalidade	,0%	12,5%	,0%	,0%	,0%	66,7%	,0%	,0%	,0%	14,8%	,0%	,0%	,0%	,0%	7,3%
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	N.º	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	0	0	4
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	9,1%	,0%	11,1%	,0%	,0%	,0%	,0%	4,2%
Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário	N.º	0	0	0	0	0	1	0	3	2	0	5	1	0	0	12
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	33,3%	,0%	50,0%	18,2%	,0%	18,5%	50,0%	,0%	,0%	12,5%
Pessoal Administrativo e Similares	N.º	0	3	1	0	0	0	1	1	1	0	2	1	0	1	11
	% Nacionalidade	,0%	37,5%	100,0%	,0%	,0%	,0%	25,0%	16,7%	9,1%	,0%	7,4%	50,0%	,0%	20,0%	,0%

Pessoal dos Serviços e Vendedores	N.º	2	2	0	1	0	0	3	2	5	1	8	0	2	2	7	35
	% Nacionalidade	100,0%	25,0%	,0%	50,0%	,0%	,0%	75,0%	33,3%	45,5%	100,0%	29,6%	,0%	66,7%	40,0%	35,0%	36,5%
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	N.º	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	3
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,7%	,0%	,0%	,0%	5,0%	3,1%
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	N.º	0	2	0	1	0	0	0	0	2	0	2	0	1	2	7	17
	% Nacionalidade	,0%	25,0%	,0%	50,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	18,2%	,0%	7,4%	,0%	33,3%	40,0%	35,0%	17,7%
Operadores de Instalação e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	N.º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	3
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,7%	,0%	,0%	,0%	10,0%	3,1%
Trabalhadores não Qualificados	N.º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3
	% Nacionalidade	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	15,0%	3,1%
Total	N.º	2	8	1	2	1	3	4	6	11	1	27	2	3	5	20	96
	% Nacionalidade	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 16 – Inquiridos e elementos dos agregados segundo o local de trabalho ou estudo  
- noutro concelho**

Local de trabalho ou estudo - noutro concelho		Distinção elementos agregado		
		Inquirido	Restantes elementos	Total
Faro	Nº	2	4	6
	% Distinção elementos agregado	25,0%	30,8%	28,6%
Lagos	Nº	0	1	1
	% Distinção elementos agregado	,0%	7,7%	4,8%
Loulé	Nº	5	8	13
	% Distinção elementos agregado	62,5%	61,5%	61,9
Tavira	Nº	1	0	1
	% Distinção elementos agregado	12,5%	,0%	4,8%
Total	Nº	8	13	21
	% Distinção elementos agregado	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 17 – Inquiridos segundo a inscrição nos cadernos eleitorais**

Nacionalidade por regiões continentais	Se está recenseado(a) nos cadernos eleitorais da Junta de Freguesia		Total
	Sim	Não	
Europa Ocidental	Nº	19	37
	%	33,9%	66,1%
Europa do Leste	Nº	10	21
	%	32,3%	67,7%
América do Norte	Nº	2	3
	%	40,0%	60,0%
América do Sul	Nº	3	6
	%	33,3%	66,7%
África	Nº	2	0
	%	100,0%	,0%
Total	Nº	36	67
	%	35,0%	65,0%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 18 - Inquiridos segundo o número de vezes em que regressaram ao país de origem**

Nº de vezes em que regressou ao país de origem	Nº de inquiridos	%	% acumulada
1	12	13	13
2	21	22,8	35,9
3	11	12	47,8
4	14	15,2	63
5	8	8,7	71,7
6	7	7,6	79,3
7	5	5,4	84,8
8	1	1,1	85,9
10	5	5,4	91,3
15	2	2,2	93,5
16	1	1,1	94,6
20	1	1,1	95,7
21	1	1,1	96,7
25	1	1,1	97,8
30	1	1,1	98,9
40	1	1,1	100
Total	92	100	
Média	5,4		

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 19 – Inquiridos segundo os dependentes nos países de origem, em tipo e número e a nacionalidade**

Tipo de Familiares dependentes no país de origem	Nacionalidade por regiões continentais					Total	
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África		
Filhos	1	2	4	-	-	-	6
	2	1	8	-	-	-	9
Total	3	12	-	-	-	15	
País ou sogros	1	4		2	1	7	
	2	8		1	0	9	
	4	1		0	0	1	
Total		13		3	1	17	
Irmãos ou sobrinhos	1	2		2	1	5	

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 20 – Inquiridos segundo os familiares que se pretendem trazer do país de origem para Portugal e a nacionalidade**

Familiares que se pretendem trazer do país de origem	Nacionalidade por regiões continentais					Total
	Europa Ocidental	Europa do Leste	América do Norte	América do Sul	África	
Esposa	0	1	0	0	0	1
Filho(os)	1	6	0	0	0	7
Irmão(os)	1	1	0	1	1	4
País	0	3	0	0	0	3
País, Irmão(os)	0	2	0	1	0	3
Sobrinho(os)	0	1	0	0	0	1
Sobrinho(os), Filho(os)	1	0	0	0	0	1
Sogro(s)	0	1	0	0	0	1
Total	3	15	0	2	1	21

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 21 - Imigrantes inquiridos segundo os motivos pelos quais não enviam bens ou dinheiro para a família que permanece no país de origem e a nacionalidade**

<b>Razão pela qual não são enviados bens ou dinheiro para a família que permanece no país de origem</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
A família não tem necessidade	37	80,4%
Não tem familiares	3	6,5%
Não tem possibilidades financeiras	3	6,5%
Os familiares é que mandam dinheiro	1	2,2%
Porque eles não são dependentes	2	4,3%
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>100%</b>

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 22 - Imigrantes inquiridos segundo o tipo de investimento realizado no país de origem e a nacionalidade**

<b>Nacionalidade por regiões continentais</b>	<b>Tipo de investimento no país de origem</b>			
	Terrenos	Habitação	Depósitos bancários	Noutros domínios
Europa Ocidental	0	3	2	1
Europa do Leste	0	7	2	0
América do Norte	0	0	0	2
América do Sul	2	0	1	0
África	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>3</b>

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008

**Quadro A 23 – Imigrantes inquiridos segundo o acesso e mobilidades a bens e serviços vários**

<b>Tipo de bem ou serviço</b>	<b>No concelho</b>	<b>Faro</b>	<b>Loulé</b>	<b>Olhão</b>	<b>Tavira</b>	<b>Vila Real de Santo António</b>	<b>Albufeira</b>	<b>Portimão</b>	<b>Lagos</b>	<b>Lagoa</b>	<b>Noutra região [Lisboa]</b>	<b>Noutro país [Espanha Inglaterra America]</b>	<b>Fórum Algarve</b>	<b>Algarve Shopping</b>	<b>n</b>
Vegetais frescos	98,0%	2,9%	2,9%	2,9%									8,8%	2,0%	102
Carne	96,9%	3,1%	2,1%	1,0%									5,2%	0,0%	97
Padaria	98,0%		3,0%	2,0%											100
Supermercado	100,0%	2,0%	10,8%	1,0%											102
Reparação auto	72,7%	19,3%	4,5%	2,3%	1,1%	1,1%									88
Restaurante	92,5%	3,2%	4,3%	2,2%			1,1%						1,1%		93
Praça de Taxis	100,0%														24
Farmácia	100,0%		1,0%												97
Posto de correios	97,9%	3,1%	2,1%	1,0%											97
Papelaria	100,0%														98
Livraria	78,5%		9,2%	1,5%									13,8%	3,1%	65
Electrodomésticos	63,0%	13,6%	1,2%	2,5%			1,2%					1,2%	30,9%	13,6%	81
Vestuário	41,2%	12,4%	8,2%	2,1%						2,1%		8,2%	55,7%	16,5%	97
Cabeleireiro	84,9%	8,1%	3,5%	1,2%	1,2%							1,2%			86
Mobiliário/Decoração	50,0%	12,1%	6,9%	25,9%			3,4%	3,4%			1,7%	5,2%	17,2%	10,3%	58
Médico	78,0%	15,4%	9,9%	1,1%					1,1%		2,2%				91
Agência Bancária	91,2%	2,0%	5,9%	2,0%	1,0%										102
Análises Clínicas	68,9%	20,3%	9,5%	1,4%											74
Fotografias	90,5%	1,4%											6,8%	1,4%	74
Artigos de desporto	44,2%	13,5%	5,8%									1,9%	46,2%	13,5%	52

Advogado	46,7%	17,8%	24,4%	4,4%	8,9%					2,2%			45
Posto policial	94,3%	5,7%											35
Agência de Viagens	13,2%	65,8%	15,8%			2,6%		2,6%			10,5%	5,3%	38
Artigos informáticos	27,1%	45,7%	5,7%		1,4%				1,4%	14,3%	7,1%		70
Escolas	90,6%	5,7%	3,8%										53
Hospital	0,0%	100,0%				2,0%		2,0%	2,0%				49
Hipermercado	0,0%	9,6%		1,2%		1,2%		1,2%	4,8%	86,7%	24,1%		83
Médias superfícies	99,0%	15,8%	5,0%	1,0%									101
Cinema	52,4%	12,7%						1,6%		54,0%	7,9%		63
Teatro	48,5%	42,4%	9,1%					3,0%					33
Prática de desporto	94,6%		8,1%		2,7%								37

Fonte: Própria - Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008  
 NOTA: Questão de resposta múltipla. Percentagem relativa aos respondentes

**Quadro A 24 – Imigrantes inquiridos segundo a frequência de acesso a bens e serviços vários**

<b>Tipo de bem ou serviço</b>	<b>Diária</b>	<b>1 vez por semana</b>	<b>1 a duas vezes por mês</b>	<b>Menos de 1 vez por mês</b>	<b>Total</b>
Vegetais frescos	28,40%	69,60%	2,00%		100,00%
Carne	20,60%	76,30%	3,10%		100,00%
Padaria	46,00%	52,00%	1,00%	1,00%	100,00%
Supermercado	14,70%	74,50%	8,80%	2,00%	100,00%
Reparação auto		1,10%	1,10%	97,70%	100,00%
Restaurante	3,20%	38,70%	30,10%	28,00%	100,00%
Praça de Taxis		4,20%	25,00%	70,80%	100,00%
Farmácia		7,20%	41,20%	51,50%	100,00%
Posto de correios	3,10%	24,70%	33,00%	39,20%	100,00%
Papelaria	12,20%	41,80%	16,30%	29,60%	100,00%
Livraria	4,50%	24,20%	21,20%	50,00%	100,00%
Electrodomésticos	1,20%	1,20%	2,40%	95,10%	100,00%
Vestuário	1,00%	3,10%	16,50%	79,40%	100,00%
Cabeleireiro	1,10%	5,70%	24,10%	69,00%	100,00%
Mobiliário/ Decoração			1,70%	98,30%	100,00%
Médico	2,20%		5,50%	92,30%	100,00%
Agência Bancária	2,90%	18,60%	28,40%	50,00%	100,00%
Análises Clínicas			4,10%	95,90%	100,00%
Fotografias			4,10%	95,90%	100,00%
Artigos de desporto			5,80%	94,20%	100,00%
Advogado				100,00%	100,00%
Posto policial				100,00%	100,00%
Agência de Viagens				100,00%	100,00%
Artigos informáticos			5,70%	94,30%	100,00%
Escolas	78,80%	13,50%		7,70%	100,00%
Hospital	1,50%		3,10%	95,40%	100,00%
Hipermercado		14,60%	31,50%	53,90%	100,00%
Médias superfícies	5,90%	61,40%	22,80%	9,90%	100,00%
Cinema		3,20%	38,10%	58,70%	100,00%
Teatro		3,20%	22,60%	74,20%	100,00%
Prática de desporto	10,80%	54,10%	21,60%	13,50%	100,00%

Fonte: Própria – Questionário à população imigrante de S. Brás de Alportel, 2007/2008.  
 Percentagem relativa aos respondentes.



## CONTACTOS

Associação In Loco e Câmara Municipal de S. Brás de Alportel

CLAII - Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes

CAC: Centro de Apoio à Comunidade  
Rua Serpa Pinto n.º 27 e n.º 29  
8150 São Brás de Alportel

ACIDI

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

R. Álvaro Coutinho, n.º 14  
1150-025 Lisboa

Observatório da Imigração

[www.oi.acidi.gov.pt](http://www.oi.acidi.gov.pt)

Linha SOS Imigrante

 808 257 257  21 810 61 91